This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at `http://books.google.com/`

Esta é uma cópia digital de um livro que foi preservado por gerações em prateleiras de bibliotecas até ser cuidadosamente digitalizado pelo Google, como parte de um projeto que visa disponibilizar livros do mundo todo na Internet.

O livro sobreviveu tempo suficiente para que os direitos autorais expirassem e ele se tornasse então parte do domínio público. Um livro de domínio público é aquele que nunca esteve sujeito a direitos autorais ou cujos direitos autorais expiraram. A condição de domínio público de um livro pode variar de país para país. Os livros de domínio público são as nossas portas de acesso ao passado e representam uma grande riqueza histórica, cultural e de conhecimentos, normalmente difíceis de serem descobertos.

As marcas, observações e outras notas nas margens do volume original aparecerão neste arquivo um reflexo da longa jornada pela qual o livro passou: do editor à biblioteca, e finalmente até você.

Diretrizes de uso

O Google se orgulha de realizar parcerias com bibliotecas para digitalizar materiais de domínio público e torná-los amplamente acessíveis. Os livros de domínio público pertencem ao público, e nós meramente os preservamos. No entanto, esse trabalho é dispendioso; sendo assim, para continuar a oferecer este recurso, formulamos algumas etapas visando evitar o abuso por partes comerciais, incluindo o estabelecimento de restrições técnicas nas consultas automatizadas.

Pedimos que você:

- Faça somente uso não comercial dos arquivos.
  A Pesquisa de Livros do Google foi projetada para o uso individual, e nós solicitamos que você use estes arquivos para fins pessoais e não comerciais.

- Evite consultas automatizadas.
  Não envie consultas automatizadas de qualquer espécie ao sistema do Google. Se você estiver realizando pesquisas sobre tradução automática, reconhecimento ótico de caracteres ou outras áreas para as quais o acesso a uma grande quantidade de texto for útil, entre em contato conosco. Incentivamos o uso de materiais de domínio público para esses fins e talvez possamos ajudar.

- Mantenha a atribuição.
  A "marca dágua" que você vê em cada um dos arquivos é essencial para informar as pessoas sobre este projeto e ajudá-las a encontrar outros materiais através da Pesquisa de Livros do Google. Não a remova.

- Mantenha os padrões legais.
  Independentemente do que você usar, tenha em mente que é responsável por garantir que o que está fazendo esteja dentro da lei. Não presuma que, só porque acreditamos que um livro é de domínio público para os usuários dos Estados Unidos, a obra será de domínio público para usuários de outros países. A condição dos direitos autorais de um livro varia de país para país, e nós não podemos oferecer orientação sobre a permissão ou não de determinado uso de um livro em específico. Lembramos que o fato de o livro aparecer na Pesquisa de Livros do Google não significa que ele pode ser usado de qualquer maneira em qualquer lugar do mundo. As conseqüências pela violação de direitos autorais podem ser graves.

Sobre a Pesquisa de Livros do Google

A missão do Google é organizar as informações de todo o mundo e torná-las úteis e acessíveis. A Pesquisa de Livros do Google ajuda os leitores a descobrir livros do mundo todo ao mesmo tempo em que ajuda os autores e editores a alcançar novos públicos. Você pode pesquisar o texto integral deste livro na web, em `http://books.google.com/`

NYPL RESEARCH LIBRARIES
3 3433 07437983 9

SERÕES NO CAMPO

NO
Vaz de

1. Essays, Portuguese

Editores—MATTOS MOREIRA & C.ª

SERÕES NO CAMPO

POR

MARIA AMALIA VAZ DE CARVALHO

LISBOA
Livraria Editora de Mattos Moreira & C.ª
68— Praça de D. Pedro—68
1877

THE NEW YORK
PUBLIC LIBRARY
574003B
ASTOR, LENOX AND
TILDEN FOUNDATIONS
R 1951 L

A propriedade d'esta obra pertence a Henrique de Araujo Godinho Tavares, subdito brazileiro.

Typ. Editora, Praça de D. Pedro, 67.

PRIMEIRA PARTE

UM JUSTO

(NA CARTEIRA D'UM VISIONARIO)

Parece-me que o vejo ainda nas indecisas brumas da minha saudade.

Chamavam-lhe padre Gabriel.

Setenta annos teria, quando muito, mas a meditação, ou porventura os desgostos, haviam-lhe encanecido a fronte e curvado a estatura.

Era um typo de apostolo christão.

Tinha o meigo sorrir que alenta os desventurados, a voz mysteriosamente enternecida que dá confiança aos fracos, a evangelica serenidade que abranda os espiritos ardentes.

Quem bem estudasse aquelle rosto pallido e levemente sombreado por cambiantes de grave melancolia, veria n'elle os indeleveis vestigios que o infortunio deixa nas almas de rija tempera.

Havia lagrimas por detraz do seu sorriso, solu-

ços sob a melodia unctuosa de sua voz, e quem sabe se teria havido paixões energicas e vivificadoras n'aquelle seio d'onde sahiam, como de rico manancial, os mais santos balsamos do coração.

Era um santo o padre prior! Diziam-n'o á uma os camponezes rudes que elle ensinava, consolava, reprehendia, e, não raro, salvava do crime ou da miseria.

Nunca, por criminoso, repellira um infeliz que lhe fosse pedir consolação e conforto.

Conheciam-n'o de leguas em redor pela piedosa indulgencia com que elle sabia acolher todas as ovelhas transviadas que um dia se lembravam do esquecido aprisco.

Ao pé d'elle todos se sentiam bem. Aos ricos e aos felizes apontava, como um remedio para as saciedades do ocio, os pensamentos bons e as grandes acções; os desherdados de todas as alegrias achavam perto d'elle o consolo e a esmola, preciosos ambos para quem muitas vezes não tem, nem o pão que alimenta o corpo, nem o carinho e a fé que dão vigor ao espirito.

Viam-se muitas vezes os seus parochianos lêr com fervor apaixonado esse codigo divino que se chama o Evangelho, e ouviam-no em horas de provação suprema fallar-lhe do martyr que morreu n'uma cruz para ensinar a todos os homens a doutrina do amor.

Nunca lhe fôra necessario atterrar com os pavores do inferno, nem evocar o Deus da justiça e do cas-

tigo, o Deus terrivel das justas vinganças, para semear n'um coração rebelde a palavra divina do Crucificado.

Ao domingo usava o padre prior fazer uma singela pratica ao seu rebanho reunido no pequeno templo da aldeia.

Como a palavra do Divino Mestre, era a sua palavra humilde e chã, como elle preferia a parabola a todas as pompas da eloquencia, como elle achava na caridade o mais bello dos themas e a melhor das virtudes.

—*Amae-vos uns aos outros*—dizia o discipulo amado de Jesus, compendiando n'estas palavras todos os preceitos do christianismo, e dezenove seculos depois o repetia o obscuro parocho aldeão, indicando d'este modo ás almas que pastoreava o eterno caminho dos ceus!

Para elle, pensador austero e triste, era a religião do Christo a melhor e a mais proficua das philosophias. Via n'ella o remedio para as almas contaminadas pelo desalento; a esperança celeste dos desherdados da terra; o mysterioso enlevo dos entendimentos sem cultivo; o repouso ineffavel ao naufragio das paixões.

As exterioridades do catholicismo, as suas pompas singelas, as suas festas tão floridas, toda essa poesia do culto que os philosophos condemnam em nome de não sei que aridos principios, amava-a o padre prior, como quem, vivendo entre o povo e para o povo, conhece o benefico influxo que nas al-

mas rudes ella exerce, e quanto nas suas maravilhas se enleva essa raça humilde e soffredora que por unica herança teve o trabalho.

A superstição e o fanatismo tinham em padre Gabriel um inimigo implacavel. Se ás vezes a sua voz troava severa e forte era para anathematisar com sublime energia esses dois cancros que teem querido minar o catholicismo para d'elle afastar tantas almas crentes e amoraveis.

Os hypocritas da terra não morriam de amores pelo padre prior. Cheirava-lhes a heresia aquelle velho grave e sereno que, até para os mais perdidos, tinha sempre uma palavra de misericordia, que não fallava constantemente nas fogueiras do inferno nem nas manhas de Satanaz, que interpretava serenamente o espirito da doutrina evangelica, e nas suas contemplações mysteriosas via na religião do Christo, simplesmente a moral mais suave, a crença mais sublime que póde elevar e engrandecer o espirito do homem.

Que tempestade arrojára para a obscura parochia de uma pequena aldeia, aquelle entendimento vastissimo que podia illuminar a egreja e aspirar aos mais altos cargos episcopaes?

Não o sabia ninguem, e todos comprehendiam que não fôra destinado para tão modesto posto social esse homem de trato affavel e brando, cujo vasto imaginar podia ler-se até na singela poesia das suas predicas.

Pensava eu muitas vezes ao vel-o atravessar se-

reno e triste o fundo luminoso das paisagens serranas, que n'aquelle homem havia um mysterio qualquer de grandeza decaida ou de alegrias extinctas.

De todos os phantasmas brancos que povoam o mundo das minhas recordações é a figura do velho padre a mais doce, a mais attrahente e a mais fecunda em santos ensinamentos.

*
* *

Era bonito o presbyterio da aldeia.

Alegre, arejado, dominando ao longe os campos, alvejava no declive da pequena encosta, meio emboscado na farta ramaria dos limoeiros e dos platanos que lhe serviam de verdejante moldura.

No pequeno jardim que rodeava o presbyterio não descobria o olhar nenhuma d'essas aberrações com que o mau gosto do homem tenta ás vezes corrigir as harmoniosas incorrecções do Creador.

Entregue á desordenada abundancia da sua luxuosa vegetação, revelava ali a natureza os seus adoraveis e mysteriosos caprichos. A rama das arvores crescera em selvatica liberdade, a madresilva enredava-se caprichosa ao tronco dos limoeiros, aqui e ali uma grande rosa vermelha destacava-se como

uma nota estridente do fundo uniforme da verdura, a hera trepava usurpadora e livre deitando a todos os troncos e a todos os muros o seu verde manto opulento e sombrio.

Na primavera havia no jardim muitos passaros e muitos ninhos. O estremecer de tantos amores, o chilrear de tantas alegrias, o aroma de tantas rosas compunham então como que uma harmonia etherea que subia para Deus em espiraes invisiveis, depois de haver murmurado os seus extranhos segredos ao ouvido do pensador solitario que habitava alli.

A' noite, sob os arqueados verdores que davam ares de templo ao humilde passal do presbyterio, passeava padre Gabriel, conversando com a alma que palpita no fundo mysterioso de todas as cousas.

Era no fim de contas um poeta, aquelle velho!

Ninguem melhor do que elle sabia o que diz o suave gorgeiar das auroras festivas, ou a voz dilacerante das noites tormentosas, quando as grandes arvores se dobram e se lamentam e as ventanias da montanha tem bramidos que põem medo, e a tempestade passa na terra como o sopro colerico de Jehovah.

Era uma das feições mais salientes do caracter do padre Gabriel o seu entranhado affecto pelas creanças.

A sua voz sempre pura e musical adquiria para fallar aos pequenos umas carinhosas modulações que faziam scismar.

Os mais travessos rapazitos da aldeia curvavam-se reverentes e doceis á influencia do seu pastor, e quando elle passava, entreabriam-se as boccas infantis, exhalando esse aroma que se chama sorriso.

E elle chamava-os a si, contava-lhes longas historias e fallava-lhes em linguagem que era chã, sem deixar de ser harmoniosa, n'esse poeta que foi Deus, n'esse doce coração que foi martyr, n'esse homem de cabellos louros e olhar entristecido que amára tanto as creancinhas e que morrera para as ensinar a serem livres e a serem grandes. E os pequenos ouviam-n'o pasmados, e pediam-lhe a benção, chamando-lhe pae.

*
* *

Á tarde costumava o padre Gabriel dar o seu passeio pelos campos, parando muitas vezes a conversar com os jornaleiros que topava pelo caminho.

Aos corações desconsolados deixavam as suas palavras uma esperança, aos felizes deixava o seu sorriso mais uma alegria. Era então a hora em que moços e raparigas deixavam o trabalho, fazendo vibrar no espaço as vozes roucas e cheias de alegria. A's vezes aqui e ali caminhava afastado do grupo principal um ou outro par de *conversados* que fallavam baixinho ou devaneiavam em silencioso extasi. Que diziam ou que pensavam elles?

Perguntae-o a quem tiver vinte annos e um raio do sol de Deus a allumiar-lhe o coração.

Fallavam n'uns mil nadas que são mundos, n'umas puerilidades côr de rosa, n'uns idyllios que o primeiro camponez sabe compôr tão bem como o primeiro poeta.

Pensavam... não pensavam, deixavam avoejar a phantasia por esses ceus purpureos e estrellados onde vivem os anjos e onde sobem os namorados; escutavam a melodia aeria da intima lyra, e diziam comsigo que Deus era bom, porque tinha feito o amor.

E emquanto os outros cantavam, porque iam alegres, sorriam-se elles, porque se sentiam felizes.

Quando o prior passava por aquelles pares, sorria-se com o seu sorriso intraduzivel que era uma benção, e que era talvez uma saudade! e quando ellas, as morenas camponezas, vinham entre a timidez e a alegria beijar-lhe as mãos, elle dizia-lhes com a sua voz fagueira:

—«Amem-se, creanças. O amor vem do ceu! Dois corações honestos que se ajuntam são uma oração que Deus acceita! A solidão é o castigo dos que peccaram, e é tambem muita vez o ultimo conforto dos que soffrem»—accrescentava em voz velada e triste, perdendo o olhar nas magnificencias luminosas do occidente.

*
* *

Um dia, muito tempo depois de havermos travado conhecimento intimo, padre Gabriel veio a saber todos os meus pensamentos mais secretos, e eu vim a conhecer a vida inteira d'elle.

Importa pouco, para aqui, saber como e quando essa communhão intima se fez entre nós. Basta dizer que foi n'uma d'essas horas supremas em que o coração do homem trasborda, como uma urna cheia, e em que as palavras que se murmuram baixo e como que a medo, ficam para sempre gravadas no espirito que as recolheu.

Bastantes annos passaram já sobre essa confidencia sagrada, e eu ouço-a ainda vibrar-me nos ouvidos como na hora em que a escutei, attento e recolhido, em concentração religiosa.

Era á tarde, uma tarde serena e murmurosa, horisontes esfumados, aromas vagos no ar, indefinivel tristeza a exhalar-se de todas as cousas.

O lugar que escolheramos para descançar, a paizagem sublime que o emmoldurava, a grande melancolia do Oceano que estendia ao longe os seus liquidos plainos, e até o longo adeus do sol que esmorecia illuminando as ondas e desmaiando-lhe no seio, tudo predispunha o espirito para as graves tristezas e para as fundas meditações!

O velho estava pallido e a voz soava-lhe commovida e tremula como os ultimos harpejos de uma lyra que se parte.

A aragem da tarde agitava os flocos de neve que o coroavam e como que espargiam brandos tons n'aquella fronte que fôra altiva e que era suave, e no seu olhar luminoso e limpido espalhavam-se as sombras de uma tristeza sem consolo!

—Meu amigo, dizia padre Gabriel depois de longa pratica que eu não refiro, porque só tratava das minhas maguas intimas, soffri muito, creia-me, mas não morri porque uma lei, a que ha muito obedeço, me ensinou que nada ha inutil na terra e que são as grandes dôres que geram as grandes consolações. Tenho eu para mim que a morte voluntaria é a suprema covardia. O que se suicida deserta o posto da honra na hora do perigo, é réu de um crime que deixa de ser grande para ser só ignobil. Foi esta idea que me levantou quando outros mais fortes cairiam talvez prostrados.

Eu tinha vinte annos; era livre, era rico, e minha mãe chamava-me bello. Sorria-me a vida, e eu amei! Se não fossem as graves circumstancias que me levam a fallar-lhe n'isto, não levantaria eu a tampa d'este sepulchro que é o meu coração. Sinto-me envergonhado, eu, velho e sacerdote de Christo, evocando estas recordações profanas, e sentindo, o que é mais, que todo um loiro enxame de saudades que eu julgava mortas se levanta diante dos meus olhos e vae brincar ali n'aquelle ultimo raio de sol.

Mas é preciso, continuou elle gravemente. A minha dôr, depois de me ter levantado ás alturas luminosas onde pairam as almas crentes, deve hoje revelar-se aos seus olhos livre de todos os disfarces. A minha alma ahi está, que o seu escalpello lhe sonde as fibras intimas, e que os segredos que n'ella descubrir lhe aproveitem para não fraquejar no caminho da vida.

Disse-lhe que amei, mas o que lhe não disse, o que não posso dizer-lhe ainda sem lagrimas, é que mulher era essa que dominou o meu destino.

Imagine uma d'essas creaturas singulares, que Deus reveste de todos os encantos e ás quaes não sei que genio malefico empresta todas as seducções. Tinha a poesia e a graça, essas duas cousas que se não definem e que deslumbram.

Fallava, era a musica; sorria-se, era a ingenuidade; olhava-nos com os seus grandes olhos azues franjados de longas pestanas louras e recurvadas, e comprehendia-se que aquelle olhar transfigurasse um homem e o fizesse bom como Deus ou mau como o demonio.

Tinha uns longes d'essas visões ideaes que passam em ondas de vapor nas vinhetas das antigas biblias, lembrava os retratos que immortalisaram o pincel namorado de Van-Dick, e tinha a gente pena de que um artista a não houvesse encontrado no caminho para nos dar uma d'essas obras primas que enriquecem um seculo. A pureza classica das fórmas gregas e a expressão mysteriosa e lucida do

sentimento moderno! Anjo e esphinge, em resumo a Perdição!

Casamo-nos.

Meu amigo, continuou o velho sacerdote, ha coucas que se não dizem! Alegrias occultas que são os segredos da creatura com o Creador, arrojos inauditos de felicidade que parecem uma revelação, um ante-gosto do ceu! Eu amava aquella mulher como sabem amar os fortes. A nossa união endoideceu-me de jubilos que hoje não ouso descrever-lhe.

Um anno depois tinha uma filha.

Era a bemaventurança o meu existir. Tudo me sorria. Era rico, era moço, era robusto, tinha uma esposa que eu adorava e um anjo louro como sua mãe, que me chamava pae.

Um dia entro em casa e encontro a minha doce e pequenina Maria debulhada em lagrimas nos braços da ama. Perguntei porque ella chorava assim, e soube que sua mãe fugira de casa para não voltar.

*
* *

Houve uma longa pausa.

Padre Gabriel estava livido e grossas bagas de suor frio lhe humedeciam a fronte.

Não morri, murmurou elle emfim, com voz que um supremo esforço de vontade tornára firme, e

n'esta concisão havia um mundo de sentimentos intraduziveis.

Deus não me abandonou de todo. Restava-me a minha filha. Tinha de sua mãe a figurinha esbelta e primorosamente contornada, os longos cabellos que pareciam espiraes de ouro fino, os olhos azues rasgados e mysteriosos que eu podia amar sem que as faces me corassem de vergonha da minha covardia.

Oh! filha, não me fujas! exclamava eu ás vezes em convulsivo tremor, apertando contra o seio aquella cabeça que o Ticiano escolhera para modelo da sua Virgem pequenina.

E Maria entendia-me como a innocencia entende o martyrio, e amava-me como os que sobem amam os que se abysmam.

Estou-a vendo, meu amigo, estou-a vendo hoje como a vi hontem, como a vejo sempre, com o seu vestido branco e os braços redondinhos e nevados, e as mãos transparentes de filetes azues finissimos, e a sua bocca de rosas que me beijava a fronte deshonrada, onde aquella doce alma de azas brancas via talvez o estigma dos condemnados.

Como eu a amava!

Fundia n'ella todos os amores que povoam e estrellejam o coração de um homem. Amava-a porque era o meu ultimo thesouro, amava-a porque era a minha consolação suprema, e amava-a sobre tudo porque era minha filha e *d'ella*, um beijo visivel que os nossos labios haviam dado em noite myste-

riosa, a miniatura gentil de um rosto que eu via sempre, uma flor que nascera d'ella, d'essa mulher que me havia morto e a quem uma idolatria peccadora me enlaçava ainda.

Eu vellava noites e noites ao pé do berço de minha filha, espiava-lhe o somno e emquanto a via dormir com o branco rostinho illuminado em risos, sonhava para ella um futuro de alegrias sem mancha, bordava-lh'o das mais delicadas flores da minha phantasia, e esquecia-me da minha vergonha, da minha viuvez, do meu dilacerante amor!

Comprehende o que essa creança era para mim? Comprehende? perguntou o velho com a voz rouca e não sei que scintillações selvaticas no olhar.

Era a minha redempção, era a minha fé, era o annel de ouro que ainda me prendia aos vivos, era a perola que eu fôra colher ao fundo do abysmo da minha dôr!

Para a conquistar é que eu padecia assim.

Não podia amaldiçoar sua mãe porque me lembrava da hora abençoada e ineffavel em que os braços d'ella se tinham estendido para mim confiando-me aquelle thesouro do ceu. Não podia arrancar do coração torturado as feições da mulher que me traira porque Maria era a viva imagem d'ella, e eu achava-a linda, linda como os anjos, e sentia não sei que voluptuoso requinte de agonia em confundir no meu cerebro escandecido as duas imagens, o anjo e o demonio, a innocencia e a perdição, o castigo e a recompensa.

Ai! que saudades qne eu tenho das minhas tristezas d'esse tempo, quando sob os grandes pomares verdejantes eu ouvia volitar a minha doce avesinha!

O futuro d'essa creança era o meu continuo desvello. Fôra a idea que me levantara nas azas, dos abysmos do meu passado, a umas amplidões azues e illuminadas onde eu a via, esplendida realisação dos meus sonhos paternaes. E emquanto ella chilreava umas puerilidades que me embalavam o coração, o meu espirito voava pelos mundos do ignorado, buscando estrellas para compôr a lucida grinalda do meu anjo.

Sonhava-a branca, ingenua e virginal; bella, não da belleza que os homens admiram, bella do extranho reflexo que vem do intimo e que aureoleia de poesia os innocentes. Queria que ella fosse a um tempo austera e risonha; forte para resistir ao mal, timida para lhe fugir, pura para lhe ignorar a existencia.

Queria-a meiga para consolar os desgraçados, indulgente para perdoar aos criminosos, amparada em todos os lances da vida pela serena intrepidez dos corações virginaes.

Dava-lhe ao corpo as magnificencias da formosura, ao coração as flores ideaes da virtude, ao espirito as luzes do talento, e se acordava d'este enleio absorvente que me alheiava da terra, ouvia-a cantar ao desafio com os passaros, á sombra das alamedas tremulas, ou rezar ajoelhada aos pés do Christo umas

orações que sua mãe lhe tinha ensinado n'outro tempo.

Não levarei mais tempo a explicar-lhe esta quadra do meu viver. Creio que tenho assaz dito para que entenda a communhão mysteriosa que descera do ceu entre o anjo e o condemnado.

Pois houve um dia—e a voz do velho soou como um gemido, flebil, queixosa e triste, que era um partir-se o coração de ouvil-a;—houve um dia em que essa creança encostou ao meu peito a cabecinha languida, e em que eu comprehendi que ia perdel-a para sempre!

Era demais! bem vê que era demais!

Amaldiçoei tudo n'essa hora, e a minha blasphemia devia ser potente como era potente a minha dôr.

Maria agonisou dois dias e ao fim d'elles expirou-me nos braços.

Lembro-me que era uma tarde serena e triste como esta; a pequenina pediu-me para a levar perto da janella e o seu doce olhar azul sorriu pela ultima vez ás melancolicas suavidades de um entardecer de primavera.

Oh! que homem perdido eu me senti ao depôr hirto e gelado o cadaver infantil no alvo bercinho convertido em ataúde.

Morrera-me tudo com esse corpinho adorado que eu vesti de beijos phreneticos, os ultimos beijos que já agora havia de dar na minha vida! Pensei no suicidio porque nenhuma luz me guiava, nenhum af-

fecto me erguia, nenhum santo dever estava ali a reclamar o resto da minha vitalidade quasi extincta!

O suicidio, a ultima palavra das sociedades apodrecidas e dos homens amaldiçoados!

Não tinha eu razão para a revolta? diga-me, não tinha?

Restava-me, porém, um ultimo dever que eu não cederia a ninguem. O corpo de Maria tinha de ficar mais uma noite ainda sob o tecto que ella atroára tantas vezes com a expressão da sua turbulenta alegria de creança. Eram os ultimos instantes que eu podia passar ao pé d'ella, e n'essa vigilia derradeira encontrava a minha alma uma especie de amargura deliciosa!

A creança parecia adormecida no seu leito pequenino de cortinados de cassa branca; os longos cabellos louros apartados cobriam-lhe como um véu de velludo o corpinho gracioso e roliço, que a molestia não tivera tempo de emmagrecer. Uma grinalda azul de *myosotis*, que fôra colhida por mim nas relvas do jardim, coroava-lhe a pura cabecinha; as duas mãos cruzadas sobre o peito seguravam uma capella de rosas brancas, menos frescas na vida do que ella era na morte. Ardia com luz triste um renque de cyrios de cada lado do leito, exhalando aquelle funebre cheiro da cera, e á cabeceira, ajoelhado, arquejante, blasphemo, entre a loucura e a morte, estava o desgraçado que hoje vê aqui.

E olhou-me com o seu magnifico olhar que a resignação illuminava!

Foi uma noite que durou seculos, accrescentou d'ali a minutos com voz suavisada por não sei que dolentes notas de tristeza. Eu queria morrer, mas o demonio que tentou a Christo nas meditações supremas do horto, apresentava diante de mim em successivos quadros todas as minhas alegrias para sempre extinctas.

A vida prendia-me com as magneticas seducções com que ella resplende para os que vão deixal-a. E quanto mais eu comparava todo o céu que fôra o passado a essa voragem sombria que era o presente, mais dilacerado me sentia, mais potentes coleras me trovejavam no coração.

Rompia a madrugada e empallideciam as luzes quando a porta se abriu; uma mulher vestida de preto entrou, e uma voz que eu escutei como se escuta uma allucinação febril, me perguntou em tom affogado pelo pranto:

—Dá licença que eu beije a nossa filha?

E sem ouvir uma resposta, que o pasmo e a commoção me não deixavam articular, minha mulher ajoelhou ao pé do corpo de Maria, levantou o véu, e abraçou-se a elle a chorar.

Era *ella*, a imagem que nem um só dia deixei de ver durante os longos annos da ausencia, ora amaldiçoada, ora querida, mas companheira eterna das minhas noites de agonia.

Era ella! Conheci-lh'o na voz e nas lagrimas que choviam sobre os cabellos louros de Maria. A miseria, o remorso e sabe Deus quantas humilhações

terriveis haviam envelhecido aquelle rosto, modelo de perfeições sem macula. D'ella nada me restava, nem a essencia nem a fórma! O vicio havia-lhe ennegrecido a alma luminosa e alada, os desgostos tinham-lhe desformisado o corpo esplendido como um sonho de artista.

Estavam ali os meus idolos derrubados, as minhas religiões ambas extinctas e eu vivo... eu vivo e sem poder acreditar n'ellas, que se me tinham desfeito! E d'essas duas creaturas, tanta vez acariciadas com estremecido enlevo, era a morta que ainda tinha um raio de vida, era a viva que de todo morrera!...

.....

De horas como esta ou se sae morto ou se sae transfigurado. São as grandes crises humanas.

Maria rezava por mim aos pés de Deus e eu sou o que hoje vê! Fiz das minhas enormes provações uma offrenda que Deus acceitou; cahi despedaçado e sangrento nos degraus da cruz, e os braços do Grande Martyr estenderam-se para mim, e uma voz que eu ouço a toda a hora murmurou-me aos ouvidos em saudosissima toada:

Bemaventurados os que choram, porque só elles saberão consolar!

*
* *

O velho levantou-se, apartando com um gesto lento e cheio de graça senil os cabellos brancos que lhe affrontavam a testa, e caminhou erecto e firme como se a longa confissão lhe houvesse retemperado o animo.

—«Não morrerei, não, meu padre!»—solucei eu beijando-lhe a mão fría e pallida, e ambos nos calámos movidos pelo mesmo impulso de tristeza.

A tarde caira de todo e umas raras estrellas que se accendiam no espaço allumiavam o caminho de dois homens que n'aquella hora se sentiam perto de Deus!

Agosto de 1872.

ALICE

(A Heloise de Almeida e Albuquerque)

(Ephemero penhor de immorredouro affecto)

I

Jorge de Athaide era feio, feialdade transparente atravez da qual se divisava uma belleza que a todos sobreleva, a belleza da alma.

Chegára ao meio da vida sem ter ainda tempo de sondar o espirito e o coração. Pertencia á classe dos obscuros martyres do trabalho, existencias sem poesia, sem apparato e sem elementos dramaticos, humildes mineiros que vivem nas trévas, desconhecendo a todos e de todos desconhecidos.

Não ha mais despotico senhor do que o trabalho; os seus servos pertencem-lhe em corpo e alma, não lhes permitte nem as abstracções do espirito, nem os devaneios da phantazia, nem os dôces gosos do coração. Caminham sempre, agrilhoados á céga potencia que os arrasta atraz de si. Para onde? Nem elles sabem, nem ella proprio o sabe.

Permitte-lhes que vivam, e em paga de toda a vitalidade, de todo o vigor por elles dispendido, atira-lhes com um bocado de pão negro ao carcere sombrio e solitario em que vegetam.

Ás vezes ha n'estas pobres creaturas desconhecidas, thesouros de bondade; todos o ignoram, e ellas mesmas mais do que ninguem.

As faculdades com que Deus as dotou, fazem nullas ou esquecidas; nunca houve tempo de serem postas em acção.

Até aos trinta e cinco annos a vida de Jorge de Athayde tinha passado d'este modo, ou para melhor dizer, a vida passára ao lado d'elle, e elle não vivera.

Percebia vagamente que havia familias felizes e invejaveis, ninhos tepidos onde viviam entre beijos as louras creanças que acertava ás vezes de encontrar. A infancia d'elle não pertencera ao mesmo genero.

O quadro de que se recordava muito ao de leve, era uma casa desconfortada e núa, dois entes que se não entendiam; mutuas accusações, mortaes desconfianças e tempestades quasi continuas.

Fôra ao relampejar sinistro d'essas tempestades domesticas, a que elle assistia esmagado, ou o que é talvez peor, esquecido de todo, que o pobre moçinho entrevira no passado de sua mãe uma culpa que as mulheres não redimem nem com as lagrimas do corpo, nem com os lancinantes remorsos da alma.

Soubera elle que um homem havia n'este mundo feliz, considerado e rico, que lhe pertencia pelos laços mais estreitos.

Jorge tinha um irmão. Seu pae não ignorava, nem podéra perdoar este facto, com o qual havia transigido mais cedo na covarde cegueira da sua paixão juvenil.

Era esta a chaga que lentamente corroia os dois corações que Deus lhe tinha enviado como amparo.

Um dia, quando Jorge se achou só, julgou-se perverso, porque foi uma sensação de allivio e como de livramento que elle experimentou diante da sua miseravel orphandade. Os bons corações lamentavam-o compadecido, e Jorge chorava, não de saudade, mas de pena de a não poder sentir. O que para todos seria o maximo infortunio, era para elle a saida de apertado carcere.

Se a pobre creança não tivesse de ir pedir ao trabalho de todos os instantes o seu magro alimento, se lhe fosse dado perder tempo em meditações, como lhe seria doloroso encarar o abysmo, que logo ao despontar da adolescencia se cavára entre o seu coração e o coração dos outros homens. O que d'ahi ávante tinha de ser-lhe algoz, foi-lhe n'aquella hora tão triste, auxilio e redempção.

O trabalho chamou-o, e Jorge escutou com apaixonado enlêvo aquella voz que no seu abandono lhe fallava ainda de venturas.

Essas venturas não as conheceu nunca o laborioso rapaz.

Ao principio teve as suas tentações de Tantalo, depois veiu a esquecer-se de que n'este mundo existia outra cousa que não fosse aquelle agro labutar, e a parca retribuição que lh'o recompensava. Nas luctas da miseria, nas humilhações da dependencia, nas vagas irritações indefinidas do isolamento, depurara-se-lhe o instincto da propria dignidade, dignidade muito intima, que é como que o pudor da consciencia e a resguarda de todas as manchas.

Sem ter meditado muito a fúndo no que era a justiça, saira-lhe justo e bom o simples e honesto coração.

Não havia talvez grande merito n'estas qualidades espontaneas, comtudo significavam ellas a elevada tempera do caracter de Jorge. Não conhecia a inveja; sereno e triste caminhava na casta ignorancia dos desherdados.

A vida que elle escolheu, era de si arida e sombria. Vegetava enclausurado n'um estreito escriptorio humilde e feio, alinhando parcellas, compulsando registos, escripturando com a sua letra geometrica os grandes livros mysteriosos do *Deve* e *Haver*.

Se algum sonho podesse aninhar-se-lhe no coração, fugiria de certo, creio eu, diante da pavorosa legião de cifras de que se rodeava Jorge de Athayde.

Elle tinha todas as ignorancias e todas as credulidades. Boa alma, honesta e infantil, no corpo vulgar d'um pobre caixeiro.

Entre as recordações pueris que o enchiam de prazer, lembrava-se, por exemplo, de um pas-

seio que dera no campo, e que era de certo o primeiro, de tal modo o tinham trazido alheio a todos os divertimentos as pesadas obrigações da sua vida commercial.

Os companheiros, bons farçolas de vinte annos, fina rapaziada que cultiva o *Calembourg*, as alegres partidas campestres, os *pitéus* succulentos comidos sobre a relva, entre o animado tiroteio dos ditos galantes e das phrases picarescas, espalhavam-se em perfeita debandada pelas hortas e pomares, dizendo finezas ás labregas que passavam, apostrophando as nymphas de pedra que vertiam agua das suas urnas toscas e escalavradas, piscando o olho ás lavadeiras, na plena liberdade de um dia feriado, e d'um feriado no campo.

Jorge ia recolhido, calado, scismando, sem saber que scismava, deitando de soslaio um olhar timido e contente para os ninhos suspensos na ramaria tremula, seguindo com a vista o passo magestoso e lento dos grandes bois intelligentes e melancolicos, deixando subir a alma para Deus, na pequenina alma das flores a que os homens chamam perfume, sentindo-se vagamente penetrado da suave harmonia das cousas; feliz d'uma felicidade indefinivel, que talvez podesse exprimir-se com lagrimas, se Jorge percebesse que n'aquelle instante lhe faria bem chorar.

Quando voltou e se achou sósinho no seu pequeno e pobre quarto, vieram-lhe uns assomos de desconforto que elle nunca tinha sentido, depois adorme-

ceu como era seu costume, e no outro dia ergueu-se com a mansidão entristecida, d'aquelles fortes animaes que na vespera tinha admirado.

Prometteu a si mesmo voltar mais vezes ao campo, voltar sósinho, beber leite e comer fructa n'algum casal serrano, deitar-se a dormir na herva fresca e macia, que cheira tão bem, observar de perto aquellas scenas radiosas que mal havia entrevisto. O trabalho, porém, absorvia-o demais, e os amigos que se tinham enfastiado da mudez distrahida do pobre moço, não quizeram mais tão silencioso conviva para as suas patuscadas.

Quantas vezes, diante d'uma creança, Jorge de Athayde não estremeceu enleiado em mysterioso enternecimento! Sem perceber porque, lembrava-se então que vivia muito só, e tinha pena de ser pobre, de não poder conhecer as alegrias paternas, os dôces confortos do lar, os carinhos desvellados de uma casta mulher que o amasse muito.

Tudo isto, porém, não passava de ephemeras e fugitivas impressões. Absorviam-lhe os dias e as noites os seus livros nitidamente escripturados, os seus calculos commerciaes, as operações bancarias da casa a que pertencia, e á qual se identificára o seu destino, porque ali passára lentamente esses annos de laborioso lidar por todas as gradações, desde humilde servente até principal caixeiro.

A primeira vez que Jorge se sentiu deslumbrado foi aos trinta e cinco annos, e n'uma crise bem memoravel da sua vida.

O banqueiro de quem elle era empregado, especie de principe das finanças, orgulhoso, insolente, humanisando-se raras vezes, e tratando a fortuna com a desdenhosa altivez de quem muito moço se acostumou aos seus favores, mandou-o chamar um dia ao seu palacio para conferencia secreta.

Jorge ficou espantado.

Não sabia elle que a sua rara honestidade o tinha feito conhecer e apreciar, e surprehendia-o que alguem tivesse tanta confiança em dotes que elle nunca reconhecera em si.

Subiu pelas largas escadarias de marmore, cheias de arbustos raros, de estatuas e de altos espelhos, atravessou, sob o olhar insolente dos criados, os grandes salões luxuosos, e penetrou n'um gabinete mobilado com severa opulencia, onde o homem que elle mais temia e admirava, o estava esperando consternado.

Quando elle saiu, ao cabo de seis horas, do elegante quarto do seu patrão, sabia duas cousas que nunca até ali havia comprehendido. Primeiro, que havia alguem que tinha confiança na sua intelligencia, e a collocava a par da sua rara probidade; segundo, que a riqueza póde tambem ser uma cruz, e que ha vertigens assustadoras nas grandes eminencias.

O negociante via pendente uma quebra monumental, e chamára Jorge de Athayde para combinarem ambos o que podia oppôr-se á tremenda crise que se preparava determinada por desastres financeiros, que não vem para o caso historiar aqui.

Jorge saiu pelas mesmas salas por onde entrára, mas aquelle luxo principesco fez-lhe profunda tristeza.

Parecia ao ingenuo caixeiro, pouco affeito a observar os bastidores da triste comedia humana, que a miseria se aninhava, fazendo-lhe grotescas visagens, nas prégas de velludo dos altos reposteiros, nos angulos dos grandes fogões marmoreos, no bôjo das talhas chinezas, no pedestal das estatuas florentinas.

De repente, ficou-se absorto com um olhar comicamente espantado, n'uma postura de enlêvo e quasi de susto.

É que sentada ao pé de riquissima harpa, n'uma das salas que elle ia atravessando, estava uma mulher loura, delicada, franzina, cujas mãos pequenas e nervosas, arrancavam ao harmonioso instrumento uns vagos accordes melancolicos.

Era a filha do negociante.

Alice teria 18 annos. Era a graça moderna, um producto exotico da extrema civilisação e do extremo luxo. Fórmas suavemente modeladas, que tinham em flexibilidade nervosa o que lhes faltava em robustez e perfeição plastica, pés e mãos em miniatura, um rosto intelligente, altivo, revendo finos desdens, uns grandes olhos banhados em fluido magnetico, felinos, dilatados, d'uma côr indecisa, d'uma profundeza mysteriosa, d'uma expressão fluctuante, um cóllo ondulante e alvissimo, uns pequenos labios carnudos e desdenhosos.

Não era a belleza das virgens ossianicas, não era a expressão melancolica das desgrenhadas Elviras do romantismo; era uma mulher elegante, formosa, riquissima, que tem visto a seus pés a homenagem interesseira de todos os homens, e a quem essa tão amarga experiencia precoce roubou a ignorancia singela e virginal, dando-lhe em troca os altivos donaires e as fascinações deslumbrantes.

Alice levantou para Jorge o seu olhar curioso e investigador, que ao dar com elle se tornou frio e metalico, comprimentou-o ligeiramente em resposta á profunda inclinação com que elle a saudou, e continuou a tocar.

Jorge passou para diante e saiu.

Tudo isto foi rapido, mas um raio tambem é rapido e fulmina.

Durante mezes Athayde desenvolveu, inspirado por não sei que tenacidade ferrea, todos os recursos d'uma intelligencia pratica, aguçada em longos annos de trabalho, d'uma abnegação profunda que elle proprio desconhecia, d'uma actividade que chegava a assombrar o velho banqueiro prostrado pela desgraça.

Ao cabo d'esse tempo deu-se por vencido. Todos os seus esforços se annullavam diante de irremediavel catastrophe.

De tudo aquillo que fôra o assombro d'um paiz, sobrevivia apenas um velho meio idiota e uma creança desherdada e só.

II

Começa aqui o segundo acto da vida de Jorge de Athayde.

Pela primeira vez na vida o desgosto o prostrava e adoecia; possuia elle porém aquella mansidão teimosa que não cede nem quebra diante de nenhuma força.

Venceu a doença e o soffrimento com a energia humilde com que vencera a miseria. Despediu-se, com os olhos rasos d'agua, do velho escriptorio, onde passára a sua mocidade sem alegrias, e partiu para o Brazil, onde um negociante respeitavel lhe offerecia garantias de prospero futuro.

Passaram tempos. Ia elle nos quarenta annos, e todos o julgariam mais velho. Tinha os cabellos embranquecidos, a pelle rugosa, e nos olhos apagados, uma tristeza profunda e dôce, saudade e nostalgia, que, aos olhos vulgares, se affigurava indifferença apathica, mas em que os observadores profundos leriam talvez um poema de melancolias occultas.

Não tinha casado, embora áquelle tempo lh'o permittissem já os seus modestos haveres; vivia só com uma velha criada, e parecia affeiçoar-se cada vez com mais affinco ás suas aridas obrigações.

Um dia foi elle convidado por um negociante portuguez, estabelecido no Rio, para uma visita de alguns dias, á fazenda que este possuia umas leguas distante da cidade. Jorge sentia-se cançado; acceitou gostosamente aquella tão rara diversão na sua laboriosa existencia.

Esperava-o n'aquella casa uma surpreza profunda.

Duas horas depois de ali se achar, entrou na sala uma menina de 12 annos, filha dos donos da casa, conduzindo pela mão Alice de Mendonça, a fugitiva apparição radiante que elle vira uma vez, e que não soubera esquecer mais.

Era a mesma mulher, e no entanto, que differenças elle não leu na sua physionomia tão altiva e tão linda!

Alice era mestra da menina mais velha do seu amigo; era n'essa posição humilde e dependente, que vinha encontrar, ao fim de tantos annos, a pequenina, a graciosa princeza que elle admirára de passagem, entre o luxo requintado da sua opulencia, no fôfo ninho que lhe tinha preparado o mais cégo, o mais imprevidente, mas o mais forte dos amores.

Alice, ao olhar para elle, reconheceu-o immediamente, ou fosse porque já lhe houvessem dito o seu nome, ou fosse porque tambem ella não tivesse esquecido a pessoa de Jorge, entrevista nas vesperas da horrenda crise que transfigurára a existencia da pobre menina. Trocaram algumas palavras affectuosas, e durante os dias que Jorge se conser-

vou na fazenda, Alice teve sempre para com elle as pequeninas attenções que deviam encher de orgulho o pobre trabalhador humilde, que as não conhecera nunca.

Era assim que ella lhe pagava o olhar deslumbrado e devoto, com que Jorge lhe seguia os pequenos movimentos de ave e de borboleta.

Tinha vinte e tres annos Alice, e ninguem lhe daria dezoito. A sua voz era suave e argentina, o seu andar era cadenciado e rythmico, o seu rir soava nos ouvidos como o desfiar d'um rosario d'ouro em urna crystalina. Era triste, mas sem revoltas de mau gosto contra a sorte, o caracter primitivo transparecia-lhe ás vezes n'um relampago de malicia que lhe coriscava nos olhos, n'um finissimo sorriso rapidamente apagado, n'uma observação cheia de sal com que ella polvilhava a sua sempre original conversação.

Jorge de Athayde deixava que os dias passassem, e pela primeira vez na sua vida, esquecia-se de trabalhar. Poucas vezes estava perto de Alice, mas olhava para ella de longe, ou vinha sentar-se a lêr no lado exterior da janella que da sala de estudo abria sobre o terraço, e onde podia escutar a voz musical da juvenil perceptora.

A esplendida natureza tropical, filtrava-lhe nas veias os seus fluidos violentos e como que remoçava aquelle coração envelhecido e triste. Acordavam-lhe dentro d'alma harmonias desconhecidas; percebia, emfim, que nenhuma differença o separava

dos outros homens, que podia, como elles, crêr e amar. Foi uma primavera tardia, rapida e nunca mais esquecida.

Um dia, ao almoço, recebeu Jorge uma carta inesperada que o chamava á cidade.

Ora é preciso que se saiba, que o tio brazileiro, *l'oncle d'amerique*, esse milagroso desconhecido que intervem em todos os melodramas de má morte, para os fechar com chave *d'ouro*, não é de todo um mytho, como pouco a pouco nos acostumámos a crêr. Existe, e a prova é que Jorge de Athayde recebeu, quando menos o esperava, a affirmação da sua existencia e a participação da sua morte.

O trabalho deixára sem recompensa o seu obscuro servo, mas o acaso encarregava-se d'esta vez de corrigir o engano.

Jorge de Athayde estava rico.

Ao principio foi uma alegria sem mistura, um abrir-se de par em par as portas eburneas da phantasia, um voejar festivo de alma que vinga libertar-se das cadeias mesquinhas da miseria. Depois veiu a reflexão, e com a reflexão não sei que mysteriosa lucta em que elle andou dias e dias, ora vencedor ora vencido, inquieto sempre. Os companheiros surprehendiam-o ás vezes parado, absorto em secretos calculos, com os cotovellos fincados na mesa, o rosto occulto nas mãos e grossas bagas de suor a inundarem-lhe a testa. Decididamente, o pobre do homem elaborava um d'estes planos que decidem de uma vida inteira.

Um dia levantou-se abalado por extraordinaria resolução; vestiu-se cuidadosamente, arranjou com desusada symetria o laço da sua gravata preta, penteou-se, barbeou-se, escovou-se com esmero extranho, tomou todas as precauções d'um Lovelace, em via de levar a cabo empreza de vulto.

Quando acabou a sua laboriosa *toilette*, olhou para o espelho, e reflectiu-se-lhe no rosto um desespero profundo.

Estava feio, mas francamente feio, mas feio a não poder contar com a indulgencia do mais compassivo dos olhares. O fato de gala dava-lhe um aspecto domingueiro, que era a propria negação da elegancia, o ar espavorido e timido, era como que o mais visivel contraste que podia imaginar-se do verdadeiro *gentleman*. Duas grandes lagrimas correram lentamente pelas suas faces macilentas, e creio que os primeiros relampagos de colera se accenderam subitaneamente no seu olhar sombrio.

Cruzou no peito os braços, e ficou como que vacillante sobre o que devia fazer. Durou pouco a hesitação, diffundiu-se-lhe pelo olhar uma expressão resignada e mansa, e partiu para a *fazenda* onde Alice habitava.

Por um acaso feliz, era ella a unica pessoa da familia que n'aquelle dia estava em casa. Não tendo o costume de receber visitas sósinha, a sua primeira idéa foi recusar-se a apparecer ao sr. Jorge de Athayde. Quando o criado trouxe esta resposta, o pobre homem, que se munira na ultima hora d'uma reso-

lução invulneravel, entregou-lhe um cartão, onde por baixo do seu nome se liam estas palavras laconicas e mysteriosas: *Para negocio urgente.*

Não tardou muito que a porta da sala se não abrisse.

Alice entrou correndo. Tinha nos olhos a alegria infantil de quem espera uma novidade que a distraia, e lhe altere a monotonia pesada da existencia.

Haviam-a interrompido no principio do penteado. Isto, porém, não a prendera. Jorge de Athayde era uma tão insignificante creatura aos olhos d'ella! Um pouco mais do que o saguy travesso que lhe pousava no hombro, um pouco menos do que um homem.

Sobre o penteador de cambraia, bordado pelas suas mãos de feiticeira, caía-lhe em profusão desordenada a mata espessa dos loiros cabellos.

Aquellas espiraes fulvas electricas, luzentes como cobras, envolviam-a, beijavam-a, pareciam morder-lhe, enredando-se nos primorosos contornos de seu corpo languido e franzino.

Não era bella assim, era muito peor.

Tinha a graça perigosa que de certas mulheres se exhala, como dizem que da mancenilha asiatica se exhalam fluidos mortaes; os seus grandes olhos indefiniveis indicaram mais do que nenhuma feição, o segredo d'aquelle caracter. Não o sabia ella, ninguem o saberia nunca ao certo, de tal modo variava a muda linguagem d'esses olhos, ora scintil-

lando phosphorecencias magneticas, ora afogados na sombra, ora pasmados, risonhos innocentes, como os olhos de uma creança de leite.

Jorge, ao vêl-a surgir assim illuminada festiva, temivel de encanto e de mocidade, teve impetos de recuar e fugir. O que elle sentiu não foi enlevo, foi medo, não foi orgulho, foi desesperação muda e sombria.

Não era já tempo de recuar. Alice parou diante d'elle, e sem perder tempo a comprimental-o, disse-lhe toda offegante:

—Que negocio é que vem tratar commigo? Diga depressa, não me faça morrer de curiosidade.

Isto foi dito n'um tom graciosamente despotico, impaciente quasi. Jorge de Athayde despertara-lhe a idéa d'uma novidade, e agora havia de pôr-lhe para ali, quer quizesse quer não, uma grande noticia, bem espantosa, bem inesperada, que correspondesse ao sobresalto em que lhe batia, sob as prégas do longo penteador, o seu pequenino coração de mulher curiosa.

Athayde não respondeu logo. Olhava para ella, mais curioso e mais sobresaltado ainda.

Alice esperava uma noticia, elle interrogava uma esphinge.

Diante d'aquelle primor de graça, de frescura travessa, de feminil encanto, sentia-se vagamente apavorado, e comprehendia a loucura da sua ambição.

—Traz-me alguma noticia má? perguntou ella

pondo fim áquelle silencio angustiado, e cruzou as mãos com instinctivo susto, em postura supplicante diante da pallida figura consternada que tinha diante de si.

— Não, não lhe trazia noticia má, sr.ª D. Alice, para lhe dizer a verdade toda, não lhe trazia noticia nenhuma.

A voz saia-lhe com esforço da garganta secca.

— O que vinha dizer-lhe, era uma tolice. Tenho vivido tão alheio a certa ordem de idéas! Em mim existem ás vezes inexperiencias infantis. Agora entendi tudo. Porque, não sei. O caso é que entendi. Perdôe-me têl-a interrompido no seu penteado. Bem vê! Sou um velho e tenho o juizo d'uma creança.

Emquanto o ouvia, a' expressão d'ella passava por gradações diversas. Primeiro no seu lucido olhar humedecido, leu-se a decepção, depois o espanto, por fim uma curiosidade irresistivel, onde havia ligeiros toques de *coquetterie*.

Não lhe adivinhava ainda o espirito, mas adivinhava-lhe já o instincto feminil.

Sorriu-se.

Soberbo sorrir que dizia:—Pobre tolo! pensas que has de ficar calado se eu quizer que falles!

Approximou-se um pouco mais de Jorge de Athayde, sacudiu com um gesto felino os cabellos que lhe affrontavam o rosto e pondo a mão elastica e cheia de fluido na mão do pobre caixeiro, murmurou:

—Diga, diga sempre o que vinha dizer-me ainda

agora. Olhe que ás vezes são bem infundados os sustos que a gente tem! Pois eu metto-lhe medo?

Dizendo isto levantou os olhos, não já entristecidos na apprehensão de algum desgosto, mas claros, scintillantes, um pouco maldosos e com a consciencia de que o estavam sendo.

Pobre alma virgem e humilde! Aquelle olhar transfigurou-o. Ninguem lhe havia dito ainda que as mulheres mentem, e que não ha perigo maior do que excitar-lhes uma curiosidade, um desejo, um capricho qualquer. Para o alcançar não ha barreira que ás assuste, abysmo que lhes tolha o passo, caricia ou punhal que por traiçoeiro ellas recusem.

Jorge ficou ainda um instante recolhido em concentração profunda. Depois o rosto reassumiu-lhe a fria insensibilidade que lhe era habitual, e a voz, uma voz tremula embora mesmo hesitante pronunciou baixo estas palavras:

—Minha senhora, sou um homem honrado, a minha vida tem sido uma lucta obscura, ha dias vi-me inesperadamente rico. Venho offerecer-lhe o meu nome, a minha fortuna, e um affecto de pae, de irmão e de carinhoso amigo.

Quem sabe se Alice esperava ou não aquellas palavras do antigo agente de seu pae?...

Não o sei eu nem ella mesmo o sabia.

A verdade é que, ao ouvir-lh'as, empallideceu muito e deixou-se cair n'uma poltrona que estava por detraz d'ella.

Pelo espirito da loura creatura passou n'aquelle

momento um mundo de vizões. Sem ella poder explicar porque, viu seu pae e as grandes salas do seu palacio e o quarto todo branco, tão virginal, tão encantador, onde ella dormira os seus primeiros annos de adolescente; viu o seu precioso piano, a harpa onde gostava de passar os brancos dedos nervosos; viu os bailes de que era rainha, rainha idolatrada e caprichosa vestida de rendas diaphanas como uma ondina ou como uma fada das lendas, depois a destacar-se do fundo d'aquelle quadro phantastico uma esbelta figura de homem em viço de annos, moreno marinheiro acostumado ás grandes tempestades, á lucta dos elementos bravios, ás caçadas dos juncaes da India, a todas as irritantes commoções do perigo, a todos os deleites do triumpho, a todos os violentos amores d'aquelles climas de fogo, onde o amor é a vida e a morte.

Da allucinação da miragem acordou ella por fim para a realidade.

Jorge de Athayde em pé, com os olhos tristes e sem vida, com o desgeitoso corpo curvado em respeitosa submissão, ou talvez em dolorosa scisma esperava a sua sentença n'aquella sala onde tudo lhe recordava a ella a sua posição humilhante e a tarefa laboriosa de todos as suas horas.

Alice inclinou-se para diante como flôr que verga na haste e rompeu em convulsivo chôro.

Jorge esqueceu tudo n'aquelle momento. A timidez natural diluiu-se-lhe n'um mar de commoções desconhecidas.

Inclinou-se sobre a chorosa creança, agarrou-lhe com impeto febril nas mãos pequeninas, e balbuciou desordenadamente:

—Ó Alice, Alice, perdoe-me pelo amor de Deus! Não chore! Eu bem lhe dizia que era uma loucura. Para que usou assim do seu poder, do seu poder fatal que eu nunca suspeitei, e que se revelou como o raio, fulminando-me! Alice, meu anjo, não chore! Eu, bem vê, não passo d'um pobre escravo seu. Todos estes dias não tenho pensado senão em fazel-a feliz! Que culpa tenho eu de ser estupido? Não atinei com outro modo... ha coisas que a gente não percebe bem logo á primeira vista. Sou desastrado, bem vejo, mas tambem tenho vivido sempre tão só! Olhe, é exquisito mas é verdade, eu nunca tive mãe! As mães é que nos ensinam certas coisas. Para que me serve a mim uma riquesa que lhe não posso dar? Diga-me se ama alguem, confie-me os seu segredos infantis. Eu sei que ha homens cegos que só teem vista para o dinheiro. Se escolheu um d'esses e se o quer mesmo assim, será d'elle, eu lh'o juro. Alice, Alice, bem vê que me está martyrisando. De joelhos lhe peço que não chore.

Ella levantou vagarosamente a cabecinha airosa como um passaro no ramo, que se debruça e que espreita.

Ouvia-o, olhava a transfiguração moral que o desespero operava n'aquella figura insignificante e pouco assignalada, escutava-lhe a voz entrecorta-

da e rouca estremecendo em fremitos de delirio e pensava talvez que não ha pedra por mais tosca que não possa avelludar-se de musgo, nem coração por mais humilde que em certas horas não irradie claridades bemditas.

Um raio de sol, um sorriso de mulher e eis operada a transformação magica.

Jorge chorava com as mãos d'ella nas suas e uma angustia sem nome no olhar.

Não sei o que passou no espirito de Alice, não sei.

Havia cinco annos que nenhuma palavra doçe a consolava. Aquella abnegação humilde e santissima commoveu-a. Sorriu-se entre lagrimas e perguntou baixinho com as modulações de ave queixosa que faziam da sua voz um feitiço irresistivel.

—Pois imagina que posso fazel-o feliz?

III

D'ali a dois mezes fallava-se em Lisboa do casamento do rico capitalista Jorge de Athayde com a orphã de quem muitos lembravam ainda a radiante formosura. Jorge voltára á Europa com a noiva gentilissima e mobilava um palacete com todos os primores dignos d'ella.

Na escolha dos moveis havia inexperiencias de

noviço, mas que amoroso instincto os não compensava!

Via-se um homem doido de amor, nadando em olympica ventura, atirando a todos os ventos o seu oiro e o seu coração.

Passaram tres annos.

Jorge parecia feliz d'esta felicidade monotona, tranquilla e placida com que as mulheres se não contentam, sem saberem que no fim de contas é a unica que n'este mundo tem elementos de duração.

Alice, cada vez mais bella, mais attrahente e mais caprichosa, passava a vida nos encantamentos do luxo em que fôra creada, e com o qual sonhára nos cinco annos do seu desterro.

O marido amava-a com um d'estes amores que fazem do homem um escravo ou um Deus, conforme a mulher que os inspira e conforme o coração que os sente.

Ella estimava-o sem procurar entendel-o; elle adorava-a sabendo-lhe de cór os defeitos e perdoando-lhos todos. Bastava-lhe vel-a borboletear risonha e leviana por sobre todas as flores para que ineffaveis claridades o illuminassem lá por dentro.

Confiava a sua honra da orgulhosa isenção do caracter d'ella. Por esse lado, nem um receio n'aquella alma honesta e candida que não conhecia nem os abysmos que dão vertigens nem as paixões que allucinam e desvairam.

Quando viu que Alice atirava á rua punhados de

oiro com a ignorancia de uma creança, ou com a indifferença de uma cortesã, percebeu que não tinha chegado ainda ao porto de descanço, depois da sua tão laboriosa mocidade, e atirou-se ao trabalho com a mesma ancia e a mesma convicção.

Alice encolhia os hombros rindo-se; e suspeito que lá dentro do coração o tinha por avarento.

Um dia que Jorge tomou a si o difficil encargo de a convencer de que era grave imprudencia arriscar o futuro, não se poupando um capricho só, ouviu-o ella ao principio muito attenta com os olhos mergulhados nos olhos d'elle, o que desconcertava um pouco o pobre do prégador.

Depois, como o sermão ameaçava prolongar-se, e Jorge, abrasado em santa convicção, imaginava communical-a á sua espirituosa ouvinte, saltou-lhe ella para os joelhos com a ligeiresa de um saguy, ennovellou-se toda no collo do marido e adormeceu-lhe no hombro.

Athayde ao vêr o effeito da sua predica, não poude deixar de sorrir-se.

Alice estava tão linda com os avelludados cilios a sombrearem a alvura das suas faces de camelia, com os brancos dentinhos a entreverem-se atravez do malicioso sorriso em que o somno a surprehendêra, com a loira cabeça infantil respirando confiança, innocencia e não sei que feiticeira indocilidade a augmentar-lhe a irritante formosura, que o homem que não a matasse por tamanha insolencia devia por força amal-a por tamanho encanto!

O pobre Jorge fez mais; comprehendeu que era desigual a partida e que mais valia para a sua dignidade e para a ventura d'ella, confessar-se vencido antes da lucta.

Alice gostava talvez do marido, mas preferia-lhe com certesa os seus caprichos despoticos.

A sua vida era um sonho illuminado e feliz.

Precisava das flores, dos perfumes que empallidecem, das sedas que se quebram em ondulações luzentes, dos velludos macios e das homenagens calorosas, de todos os excitamentos da vaidade, de todas as commoções nervosas do triumpho.

Era na atmosphera das salas que ella desenvolvia todo o luxuoso esplendor da sua naturesa.

Perto d'ella respirava-se a graça, como o perfume se respira ao pé da flôr.

Tinha a replica prompta e feliz, o paradoxo scintillante, a ironia afiada, e no meio de tudo aquillo não sei que altivez pensativa que attraía como um mysterio.

Ás vezes, nas suas noites triumphantes, a victoria subia-lhe ao cerebro como uma embriaguez, os applausos exaltavam-a, as admirações que lhe punham aos pés excitavam n'ella não sei que enthusiasmo hysterico. O perigo supremo estava n'estas horas. Se Alice achasse alguem que soubesse tirar partido d'ellas, podia perder-se com a fatal inconsciencia com que uma creança se perde.

Entre os homens que a rodeavam e lhe compunham côrte assidua e brilhante notava-se um pre-

ferido entre todos, mas preferido com ingenua franqueza.

Era um amigo da infancia, e fôra talvez o sonho unico de Alice em passados annos. Ella era porém d'estas almas transparentes como um lago, e como elle fluctuantes, que reflectem todas as imagens e não guardam nenhuma. Eduardo de C... voltára de uma longa viagem pelo Oriente; achando Alice casada e rica, rainha de um pequeno circulo eleito pelo seu gosto delicado, quasi independente, de tal modo a envolvia a confiança de seu marido, sentiu reaccender-lhe n'alma o antigo capricho esquecido nas aventurosas viagens, e nas peripecias arriscadas da sua vida.

Eduardo tinha do romantico D. Juan, que todas as mulheres mais ou menos sonham, a formosura fascinadora e a larga consciencia. No mais o perfeito homem do mundo. Frio, correcto, ironico sem affectações byronnianas, altivo com os homens, adubando com uma leve impertinencia a sua cortezia para com as mulheres. Tinha por systema não acreditar uma só palavra do que ellas diziam.

Tornava-o isto simplesmente encantador.

Parece um contrasenso e não é. Não ha conquistador feliz na completa accepção d'estas palavras, que seja submisso e meigo diante das suas voluntarias victimas.

O homem forte, singelo e bom, o que tem com a fraquesa aquella dôce indulgencia dos grandes corações, raras vezes é comprehendido pelas mesmas

a quem vota quasi sempre um respeitoso culto.

É esta uma das aberrações maximas do sexo feminino.

Quem não conhece a seductora insolencia com que Richelieu e Lanzun tratavam as almiscaradas marquezas de Luiz XV? Quem não sabe que os escriptores mais queridos das mulheres são justamente aquelles que mais rigorosamente as julgam e condemnam? Vejam-se os pungentes sarcasmos de Rousseau, as altivas ironias de Byron, os espirituosos desdens de Musset.

Essa revolta do forte contra o fraco irrita-as e lisongeia-as. N'ella vêem antes de tudo os estigmas do seu fatal poder. São os gritos doloridos do escravo, sob o latego impiedoso, que tão violentamente acariciavam o coração cruel da romana antiga.

Eduardo tinha em si essa difficil seducção.

Quem o via n'um baile á luz crúa do gaz, no ambiente calido das flôres, emquanto os leques palpitam como grandes borboletas pintalgadas, e os ditos alegres se cruzam faiscantes, approximar-se de uma mulher formosa, dobrar-se todo sobre umas espaduas opalinas, respirar a pleno peito os capitosos perfumes de uns cabellos negros ou loiros e murmurar baixinho umas palavras mysteriosas, julgal-o-hia occcupado em tecer um madrigal côr de rosa.

Enganava-se.

Quando elle fallava ao ouvido das mulheres era

para lhes dizer o que a respeito d'ellas pensava com a *verve* mais inimitavel, com o espirito mais paradoxal, com a brutalidade mais elegante que póde desenvolver um homem de fina intelligencia e alta educação. Ellas ouviam-lhe as primeiras palavras rindo, e segundo resa a chronica, ouviam-lhe as ultimas chorando.

Havia ainda n'elle outro encanto que tambem nos captiva, o das longas viagens phantasiosas pelos paizes que nós tanta vez temos visto em so nhos.

Eduardo caçára o elephante em Ceylão, o tigre nas florestas do Ganges, o urso nas frias solidões da Norwega.

Deitára-se á sombra dos tamarindos e dos bambús floridos sobre uma esteira mais branda que os finos tecidos de Cachemire, avistando ao longe n'um fundo de montanhas azues, a ondulação infinita dos arrozaes, os jardins sombreados de aloés e bananeiras, e aqui e ali uma torre de loiça pintada, a que a aragem molle e saturada do aroma dos jasmineiros sacudia ao passar as campainhas multicôres.

Devassára profanamente os segredos extravagantes da arte chineza com as suas pinturas disformes, os seus grandes passaros de oiro e as suas arvores desconhecidas.

Tivera o espanto e o riso diante de todos aquelles sonhos doentios materialisados em porcelana, diante de todas aquellas mulheres de pés invisiveis

e pequeninos olhos vesgos, envoltas em tecidos verdes, escarlates ou cór de canario, onde uma phantasia impossivel semeára excentricas flôres enormes, pavões estrellados, luas cheias de rostos a um tempo astuciosos e bonacheirões.

Colhera o lodão e a nimpheia á beira dos grandes lagos mysteriosos, onde as arvores seculares debruçam a fronte engrinaldada pela exhuberante e luxuosa vegetação que as entrelaça e prende n'uma cadeia immensa de lianas e flôres.

Subira ao pincaro do Hymalaia e da *Yung frau;* vira passar junto ás columnas informes dos templos Hindostanicos, ligeira e timida sob o seu guarda sol de folhas de palmeira, a dôce indiana bronzeada aos raios d'aquelle sol violento e abrasador, e admirára aqui e ali entre as feudaes ruinas germanicas, illuminando de casta poesia a tranquilla paisagem, um bando de loiras allemãs scismadoras lembrando ao espirito do artista as lendarias Walkirias.

Um dia atravessava perseguido pelos lobos n'um *traineau* tirado por cavallos pretos pequenos e vigorosos, uma immensa planicie coberta de gelo, n'outro dia ceava no *café Inglez*, n'um grupo de *gommeux* e de *biches*, entre a alegre explosão das garrafas de champanhe, as scintillações prismaticas dos chrystaes facetados, e os estallos ruidosos d'esse fogo de artificio brilhante, rapido, iriado de côres que em Paris tem o nome de conversação.

Fumára opio em Constantinopla vendo nas vagas

sensações do sonho substituirem-se os minaretes da radiosa cidade, por uns aureos templos phantasticos, rendilhados de primores marmoreos, ornados de brancas estatuas pensativas a banharem-se ao longe nas brandas claridades do azul indefinido.

Na Italia, n'aquella terra de luz que um Deus fecunda eternamente, bebera elle em cinzelada taça os nectares da Olympica embriaguez; atravessára o deserto no dorso recurvado dos dromedarios, embalára-se nas ondas languidas do Adriatico, e vira trovejar a procella com todos os seus horrores nas embravecidas solidões do Oceano.

O Oriente revelára-se-lhe pelas suas duas faces, a graciosa e a grotesca; a floresta virgem e o kiosque, as grutas de Elora, de collossaes esculpturas graniticas e o mandarim de porcelana barrigudo, sonso e anão.

Como vêem, para Eduardo já o mundo physico não tinha surprezas nem o mundo moral commoções ignoradas. Conhecia os primitivos prazeres selvagens e os requintes da extrema civilisação.

Entrára nos bazares e nas salas, ouvira em todas as linguas fallar a commovida ternura de mulheres brancas, negras, amarellas e côr de castanha, e d'esta grande e varia sciencia que adquirira, distillára elle a fria impassibilidade desdenhosa que era o seu principal prestigio aos olhos feminis.

Jorge de Athayde, que tinha pelos amigos de sua mulher uma certa indifferença benevola, commoveu-se agradavelmente á chegada de Eduardo.

Sabia talvez que era antigo amigo, quasi irmão de Alice, havia porventura outro motivo occulto, o caso é que o acolheu com favoravel sombra e o deixou penetrar intimamente no interior do seu lar.

Dera-lhe Alice por esse tempo um filho, que vinha completar a sua ventura e perturbar ligeiramente a sua consciencia. Jorge d'ali ávante tinha de trabalhar com renovada energia para compensar o futuro do filho, do que pela sua talvez peccadora indulgencia os gastos excessivos de mãe lhe faziam perder.

O trabalho e os seus dois santissimos amores, de tal modo lhe absorviam o tempo e o sentir, que de mais nada curava e a mais nada prestava attenção.

Quando por acaso encontrava Eduardo, illuminava-se-lhe porém o olhar de extranho affecto, e com elle tinha a sua voz os tons carinhosos que até ali se dirigiam só á mulher e ao filho.

Para Alice não trouxe a maternidade nenhuma alteração.

A creança era mais uma joia do seu cofre, a mais preciosa joia talvez. Gostava de vel-o vestidinho de branco, todo cheio de rendas e fitas, balbuciando-lhe nos braços as primeiras caricias indecifraveis, amava-lhe a formosura angelica com uns orgulhos de madona.

Não o creava porque fôra isso desmanchar a peregrina perfeição das suas fórmas, não vellava as noites ao pé do seu berço, que as vigilias pizavam-lhe os olhos e desbotavam-lhe as mimosas côres:

não tinha com elle os trabalhos que constituem o encanto e o martyrio das mães, porque tudo que era trabalho forçado, tudo que podia tomar o aspecto de um dever repugnava á sua natureza toda espontaneidade e capricho.

Eduardo começára por cortejar Alice como cortejava quasi todas as mulheres, e acabára por desejal-a como não tinha ainda desejado outra.

Este crescer progressivo da paixão, accendera-lh'o no peito, habituado a respirar outros climas de fogo, a frieza natural de Alice, a graça com que ella tinha em si todas as flexibilidades e todas as resistencias.

Não havia da sua parte esforço nem estudo. Preferia francamente Eduardo, dizia-lh'o e mostrava-lh'o. Eram para elle os seus risos mais picantes, os seus olhares mais travessos, as graças do seu espirito, os carinhos da sua voz. No fundo d'aquelle abandono havia porém uma tão irritante placidez, que Eduardo, o conquistador emerito, não aventurára ainda a declaração do estylo.

Insinuava-se-lhe lentamente no espirito, empregava com ella as fascinações que tinha em reserva para os casos extraordinarios, excitava-lhe a vaidade, irritava-lhe as curiosidades latentes que a mulher ainda a mais honesta tem no intimo, derramava-lhe na loira cabeça innocente todos os filtros da natural formosura, todas as seducções da longa experiencia, e n'esta obra lenta e difficil ia consumindo a paciencia e os dias.

Os amigos começavam a sorrir-se ironicamente das suas pretenções de D. Juan, e o que é peior, elle mesmo começava a duvidar do seu poder.

Uma noite na sala de Jorge de Athayde fizera Eduardo assidua côrte a outra mulher; Alice nem sequer notou a deserção. Toda occupada de si, da sua *toilette* arrebatadora, do seu deslumbrante espirito, das languidas fadigas da walsa, do rumor de admiração que ia deixando atraz de si como um rastro de luz, não houve a minima affectação na sua indifferença nem o minimo calculo no seu esquecimento.

Eduardo comprehendeu n'essa noite que seriam baldados todos os seus esforços. Aquella mulher que não amava o dever não saberia nunca amar o vicio; natureza alada e caprichosa, vivia no sol como vivem certas aves. Era possivel ceder um dia a um momento de surpreza, mas ninguem vingaria prendel-a á fria masmorra tenebrosa onde o remorso agrilhôa as adulteras.

Eduardo tinha do seu papel todas as qualidades menos a paciencia.

Sentindo-se vencido, em vez de se acalmar, irritou-se. D'ali por diante houve no sentir d'elle um mixto de colera e de desejo, de odio e de paixão implacavel. Mais do que tudo, vertia-lhe sangue a sua vaidade amarrotada nas mãos inconscientes de uma creança.

Perdendo a esperança de ser feliz, não teve a força de acceitar francamente a sua posição em frente

de Alice. Quiz ao menos que o mundo julgasse coroados pelo triumpho os seus desejos.

Ao pé d'ella era meigo e alegre sobre tudo. Sabia que o sentimentalismo não era precisamente o fraco da mulher de Athayde.

Contava-lhe com um ar serio e correcto as altas aventuras comicas, os extravagantes episodios da sua vida; distrahia-a, fazia-a rir e ao mesmo tempo communicava-lhe pelo contacto do seu espirito desflorido e sceptico, uma como que lenta depravação moral.

Sem atacar directamente as idéas, mais ou menos definidas, que Alice podesse ter sobre os seus proprios deveres, destruia com o afiado punhal da sua ironia altiva, muitos dos sãos escrupulos que resguardam a virtude na alma das mulheres como o calix resguarda os pistillos da flor.

Não se dava os ares dogmaticos de um prégador de doutrinas equivocas. Tinha o riso franco, a alegria faiscante, a scentelha communicativa.

Reputava o mundo uma vasta arena onde os vencedores tinham sempre razão. Achava a moral uma convenção burgueza, a virtude uma velha beata rabugenta e hypocrita, o casamento uma instituição pouco decente.

O seu profundo desdem pela familia conduzia-o logicamente a uma absoluta indifferença pela patria; a politica divertia-o como um jogo de prestidigitação mais ou menos habil. N'este ramo perdoava todas as apostasias, pondo-lhes por condição unica o

triumpho. Apertava todas as mãos, ou puras ou manchadas, com a mesma indifferença ironica, com o mesmo sorriso que Rabelais perfilharia com desvanecimento.

Ria-se de tudo, mas ria-se com tanta graça, com tão original desenvoltura, vendo as coisas debaixo de um tão inesperado aspecto, que Alice ria com elle, arrastada pela influencia prestigiosa d'aquelle entendimento elevado e pervertido.

Nunca ella tinha conhecido até áquelle tempo o *humour*, essa cousa inclassificavel que se compõe dos mais contrarios elementos, de uma gargalhada e de um soluço, da ironia de um bôbo e da observação de um philosopho, de um diamante e de uma lentejoila, da visagem grotesca de um *clown* de feira, e do amargoso sarcasmo de um mendigo aleijado.

Quando ouvia Eduardo nas raras horas em que elle, aguilhoado pela paixão, saía da friesa convencional que era a sua mascara, e atacava em torno de si todas as instituições, todas as praxes, todos os costumes, todos os sentimentos com o bravo impulso, com a impetuosidade briosa de um touro que desafia as farpas, e electrisa os espectadores, Alice achava-o encantador e achava-o temivel. N'aquelle mêdo havia para ella uma indefinivel sensação deliciosa e nunca experimentada. Com a sua ignorancia de ave sequiosa, gostava de debruçar-se na voragem ao fundo da qual bramiam soturnamente as correntes lodosas da paixão.

Elle com a velha e depravada experiencia do homem de boas aventuras, conhecia o effeito que ia produzindo e gloriava-se com elle. Julgava de si para si que sendo a virtude das mulheres a mais hypothetica de todas as chimeras, só o primeiro passo lhes custa no caminho do vicio.

D'aqui a idéa de comprometter Alice aos olhos do mundo desthronando-a do seu pedestal de puresa, e dando-lhe por mero refugio o seu amor, não podia medear uma distancia enorme. Conhecia-a imprudente, e com essa imprudencia contava nos seus calculos despiedosos.

Ao vêl-os sempre tão unidos, notando-lhes na linguagem e nos modos uma tão harmoniosa intimidade, não tardou o que entre nós se chama *opinião publica* a lavrar a sua sentença condemnatoria. Jorge de Athayde começou a ser lamentado a meia voz pelas mesmas linguas caridosas que lhe desacreditavam a mulher.

Elle de nada suspeitava. Era feliz porque amava muito, e é este no fim de contas o maximo apogéo a que póde elevar-se a felicidade humana.

Bemaventurados os corações trahidos, os suppliciados naufragos das paixões implacaveis, bemaventurados os que morrem sob o peso do desmoronado mundo das suas illusões, porque elles souberam amar.

Jorge pertencia ao pequeno numero d'estes eleitos.

Quando á tarde recolhia, finda a tarefa quotidia-

na, achava um interior elegante e confortavel, uma linda mulher serenamente affectuosa, uma creança que lhe chamava pae n'aquella dôce lingua indecifravel que é talvez o maior feitiço da infancia. Que mais podia elle desejar na terra que por tantos annos lhe fôra madrasta?

Lembrava-se ás vezes que abusava da sua força, e que seria porventura forçado a abandonar ás luctas da pobresa, aos desconfortos da orphandade aquellas creanças que eram o encanto e o perfume do seu lar. Um desejo de Alice bastava porém a sacudir-lhe o passageiro abatimento.

Á noite saía ella quasi sempre, ía ao theatro, ao baile, a casa das suas amigas. Jorge não deixava nunca de a ir buscar.

Abafava-a por suas mãos com uns desvellos de mãe e trazia-a para casa ainda um pouco vibrante, agitada, nervosa, com o seu bello rosto pallido, divinamente emmoldurado nas brancuras do capuz de setim, com o corpo delicado palpitando em fremitos febris, envolvida na seducção electrica da sua perigosa e fatal formosura.

No caminho admoestava-a brandamente, fallava-lhe do filho, e dizia-lhe com lagrimas na voz que viria a ser muito desgraçado se a perdesse. Alice ria-se, encolhia os hombros, abraçava-o e todas as reprehensões se diluiam n'aquelle jubilo supremo e rapido.

Antes de deitar-se costumava Jorge entrar no quarto do filho; beijava-o então devagarinho, compu-

nha-lhe as roupas desalinhadas do berço, e suspirava sob a pressão de alguma idéa triste.

Elle bem sabia que o pobre anjo pequenino não tinha mãe, mas era fragil diante de sua mulher, amava-a de mais, amava-a com uns transportes occultos que ninguem sabia.

Sentia uma delicia voluptuosa e pungente em realisar-lhe os caprichos, em annullar diante d'ella a sua vontade, em divinizar-lhe os defeitos, em pôl-a no seu coração acima de todas as cousas. Tinha a consciencia do que era para ella, sabia que entre a sua alma e a alma de Alice não existíra nunca a corrente magnetica que faz vibrar dois seres na mesma commoção, mas que importa? Apesar d'isso ou talvez por causa d'isso, tal é a instinctiva preversão masculina, tinha para ella a devoção de um fanatico e a indulgencia de um pae.

IV

Foi isto ha pouco tempo no carnaval de 187...

Eduardo, esquentado pelos vapores do *champagne*, fizera entre uns poucos de libertinos, ebrios como elle, indiscretas revelações dos seus sentimentos intimos. Dera a entender debaixo de umas reticencias de sobejo transparentes, que Alice de Athayde era para elle, mais que um idolo só, en-

trevisto de longe em branco pedestal immaculado. Tinham-no elles emprasado a provar a verdade das suas affirmações sob pena de o tomarem por um impostor de máu gosto. Eduardo, posto entre a espada e a parede, promettera, fiando-se na sua estrella, que o não traíra nunca. Eram as vesperas do Entrudo, e Lisboa, a somnolenta Lisboa, a cidade por excellencia semsabôr, atirava-se n'aquelle anno aos prazeres com uma *verve* desusada.

Na terça feira estava elle sentado ao pé do fogão no gabinete de Alice. Fallava-se das folias carnavalescas, e Eduardo descrevia-lhe a poetica loucura veneziana e o entrudo em Paris, ruidoso e sinistro como só podiam ser as saturnaes babylonicas da febril cidade.

Depois de uma conversação que a deixára toda vibrante de curiosidades, disse-lhe Eduardo de repente como se lhe acudisse n'aquelle momento uma boa lembrança:

—Uma cousa! tenhamos tambem o nosso quinhão nas alegrias do tempo! Venha commigo a S. Carlos em rigoroso incognito. Dou-lhe ensejo para disfructar dois homens de espirito. Verá então que não ha nada menos engraçado que um homem que contraiu a obrigação de ter graça!

Alice parou de bordar e olhou para elle muito surprehendida e muito risonha.

— Então! Já viram este doido o que me aconseha!

— Uma cousa que está morta por fazer! Ande,

não seja hypocrita, diga francamente que gostava.

—Gostava, é possivel que gostasse, pela extravagancia do caso. Mas não vou, Deus me defenda de tal.

—Porquê?

—Ora porquê! Sabe-o tão bem como eu. Se tivesse uma irmã, levava-a lá?

—Conforme! Uma mulher espirituosa e superior como v. ex.ª, levava; uma pensionista ridicula, não. Primeiramente não queria enfastiar os outros, depois não me queria enfastiar a mim!

—Mas no fim de contas valeria a pena fazer uma imprudencia d'essa ordem? Diverte-se a gente muito? Eu cá não creio.

—Ora vamos! Ainda agora era mais franca. Não ha uma mulher que não tenha uma pequena vingança a tirar de uma *amiga* muito querida; um epigramma inoffensivo a desfechar no ouvido de uma rival, um segredinho que a tenha irritado, e que esteja morta por descobrir! Diga-me cá, ninguem lhe amarrotou nunca a sua vaidadesinha de mulher? não teve nunca um odio impetuoso e difficil de conter a estas liliputianas convenções sociaes? não houve na sua vida uma hora em que desejou dizer a verdade, a verdade sem véus e sem reticencias a esses aduladores tolos que lhe beijam os pés! Mascarar-se é abdicar por alguns instantes a sua individualidade, e escolher a que mais lhe approuver. Seja o sentimento ou seja a ironia, seja a logica ou seja o paradoxo, mas seja positivamente

o que tiver vontade de ser, sem se occultar sob essa outra mascara uniforme que faz de todas as mulheres a mesma creatura acanhada e sem sabor.

— Que diluvio de epigrammas, Santo Deus! disse ella entre despeitada e risonha, sem responder directamente.

Levaram meia hora a combater este ponto. Ella condemnava em nome dos usos sociaes, elle defendia em nome do capricho, o deus omnipotente das mulheres bonitas.

Por fim, quasi vencida e sem o querer parecer, Alice perguntou:

— E se me conhecessem?

Estava ganha a batalha. Quando a mulher não acha em si defesa bastante e a procura nos outros, é certo o triumpho do seu adversario.

D'ali a nada combinavam rindo como dois doidos o disfarce que Alice havia de levar.

Era um campo onde podia perder-se á vontade a phantazia de Eduardo, aquella phantazia caprichosa e inimiga das convenções. Depois gostava de vêl-a passar aos olhos do seu espirito artisticamente pagão, vestida de todos os trajes severos ou luxuosos, voluptuosos ou modestos, que os seus conhecimentos de antiquario ou as suas recordações de viajante podiam representar-lhe.

Alice ria-se infantilmente esquecendo já nos pormenores da sua aventura tudo o que ella tinha de escabroso ou de illicito.

Depois de se haverem divertido duas horas com

planos que desmanchavam apenas feitos, acabaram por fixar-se no *dominó* preto á Veneziana.

Era o mais conveniente e o mais discreto.

Alice tinha ainda um certo receio, apresentava objecções vacillantes, ria e tinha arripios. Eduardo destruia todas as hesitações, amontoava exemplos, irritava-lhe a curiosidade, e a infantil ousadia que levava sempre a achar encantos em todos os perigos, e de tal modo a estonteava no redemoinho do seu espirito que lhe roubava de todo a liberdade da reflexão.

N'aquelle dia jantou com ella. Nunca Eduardo estivera tão divertido e tão alegre. Jorge rira umas poucas de vezes com gosto ao ouvil-o.

Com um traço assignalava um ridiculo, com um gesto desenhava uma caricatura. Tinha replicas irresistiveis, acompanhava-se de uma mimica extravagante, comica, endoidecedora.

Ao levantarem-se da mesa, quando Alice pensou que pela primeira vez ía enganar a excellente e candida creatura, que era seu marido, houve na sua limpida fronte uma contracção de dôr. Teve tentações de lhe confessar tudo, de lhe dizer com a sua vóz que era um feitiço:

— É uma tolice, é uma imprudencia, mas é um d'estes caprichos que nos envolvem como a *jettatura*. Deixa-me ir, deixa-me ir, deixa sim, meu querido Jorge.

Lembrou-se porém que mesmo cedendo com a sua habitual fraqueza, havia elle de querer acom-

panhal-a. Ora na companhia do marido perdia a aventura todo o picante do inesperado, e quem sabe mesmo se do prohibido. Esta reflexão conteve-a, e Eduardo que a expiava com certa anciedade, disse-lhe alto:

—Não me tinha dito que ia hoje á *soirée* da viscondessa de R... ? Encontramo-nos lá, porque eu tambem vou.

—Não sei ainda se sairei, respondeu Alice corando. É possivel que fique esta noite em casa. O Jorge tem um trabalho urgente que o não deixa sair, e eu tenho vontade de ficar acompanhando-o.

—Sr. Athayde, v. ex.ª a dedicação em figura de homem, vae protestar de certo contra aquella determinação barbara. Em primeiro logar, é um roubo que se nos faz, em segundo logar, é impossivel que alguem possa trabalhar ao pé da sr.ª D. Alice.

—Lá isso trabalho eu, disse Jorge com um sorriso que o illuminou; depois, percebendo no olhar de Alice que esta prompta adhesão não fôra completamente do seu agrado, acudiu logo mudando de tom:

—Mas não, não, é tolice minha. Eu gosto mais que vás divertir-te. Não te posso ir buscar, mas mandarei o trem á hora que tu quizeres.

Alice levantou-se e d'ahi a uma hora appareceu prompta na sala. Vinha linda. A tentação flammejava em torno d'ella inundando-a com os seus reflexos diabolicos. Entre a mulher simples, honesta e desartificiosa e estas creaturas que se não quei-

mam de todo no fogo do inferno, mas que passam por lá trazendo comsigo um certo cheiro de chamusco, a imaginação do homem, por mais tranquilla e desapaixonada, escolherá sempre as ultimas.

Alice metteu-se na carruagem, chegou a casa de uma das suas amigas mais intimas, quer dizer, de uma das suas rivaes mais temiveis, pretextou não sei que improvisado romance muito innocente, envolveu-se no amplo dominó preto que para alí mandára Eduardo, e partiu para o theatro n'um trem de praça.

A' porta estava Eduardo á espera d'ella. Vel-o sem mascara surprehendeu-a e zangou-a; não teve porém tempo de se revoltar. O moço arrastou-a comsigo até ao grande salão cheio de luzes e de mascarados.

Era uma confusão sinistra, um calor de abrazar tudo, uma atmosphera pezada e impregnada de um cheiro acre e nauseabundo, composto de todas aquellas respirações agitadas, d'aquelles velhos trapos rançosos, d'aquellas perfumarias avariadas, d'aquellas flores murchas e sem côr.

Alice tremia, apertando o braço de Eduardo.

Este ia desassombrado, desdenhoso, levemente ironico.

Conseguira o fim por tanto tempo desejado. Quando mais não fosse, era uma vingança. Prazer dos deuses, e prazer dos preversos.

Dez minutos depois de se achar no baile começou Alice a sentir-se quasi reconciliada com o turbilhão.

Achava picante a sua aventura, tinha para ella uns sabores de pomo vedado, umas cocegas irritantes que não eram bem remorso, mas que se pareciam com elle.

Alice não era de todo extranha, pelo seu espirito ousado e inquieto, ao genero d'aquella mulher perigosamente encantadora que exclamava ao beber no verão um delicioso copo de agua gelada:

—*Meu Deus, que pena não ser isto um peccado mortal!*

Ha creaturas para quem tem o que é defezo uma provocante seducção.

Nas frisas estavam algumas amigas intimas da mulher de Athayde. Alice aproximou-se d'ellas e fallou-lhes com a sua graça singular. Ellas sorriam-se prezas d'aquelle espirito fino e vivaz, mas não lhe respondiam. Pela estatura e pela mão conheciam-n'a mulher, e agoiravam mal de uma mulher no baile de mascaras.

Foi este o seu primeiro castigo.

Pouco a pouco aquella figurinha petulante, azougada, com maneiras e palavras pouco usuaes em mulheres que frequentam taes lugares, e que se pendurava no braço do companheiro com uma timidez denunciadora de outros habitos, attrahia a attenção dos amigos de Eduardo. Seria isto mesmo que elle desejava? Que o diga quem logra penetrar no intimo de certos espiritos depravados. Eu não que o não sei.

Ora os amigos de Eduardo pertenciam pela maior

parte a este genero hybrido, inclassificavel, que nós, o povo por excellencia plebeu, baptisámos de *janota*. O janota, sabem-n'o todos de sobejo, não é nem o *dandy* britannico nem o *leão* francez. Brummel e o conde de Orsay registal-o-hiam com egual desdem.

O janota bebe no *Penim* e no *Collete encarnado*, toca na guitarra, a que dá o pittoresco nome de *banza*, canta o fado, e quando se quer disfarçar de heroe, embrulha-se na capa vermelha de toureiro. A posição social de janota é desprezar profundamente as mulheres.

Quando por insinuações de um d'elles, mais profundo observador que os outros, começaram a desconfiar que Alice era uma *senhora*, fizeram o juramento de que haviam de conhecel-a. Aproximaram-se e um mais ousado dirigiu-lhe uma fineza de bastidores theatraes. Eduardo olhou para elle d'um modo que o não animou a recomeçar.

—Quem é essa nimpha que se ampara no teu braço com esquivança admiravel n'estes innocentes lugares? perguntou outro rindo.

—E' uma mulher que eu protejo, cousa que nem todos entre vossês seriam capazes de fazer, respondeu Eduardo.

—Isso vemos nós, meu caro, e obrigado pelo bom conceito em que tens os nossos cavalheirescos meritos. Permitte-me porém que eu te pergunte o nome d'essa feliz mulher que mereceu a tua escolha sultanica? Julgava-te apaixonado por certa dama

que, a fallar quanto é verdade, tem extranhas similhanças com a tua companheira.

Alice estremeceu com um d'estes infantis pudores que os libertinos farejam até de longe. Quasi todos elles o notaram, e o primeiro que soube adivinhar a differença que havia entre Alice e as outras mascaras, disse, seguindo-a com insistencia:

—Minha querida, dá-me a honra de um *cancan*; bem vês que não posso chamar walsa ás choréas pouco pastoris que vês diante dos olhos.

—Arreda! esta senhora não dança, disse Eduardo com um gesto altivo, procurando afastar-se do rancho dos seus socios, talvez arrependido de ter trazido ali Alice.

—Se não dança, eu sei porque é, retorquiu um d'elles. Tu não és tal o que apparentas, minha filha; és um cordeirinho que este matreiro do Eduardo arrastou para o meio dos lobos.

Alice teve medo; atravez da mascara não houve ninguem que lhe não notasse a turbação subita. Julgou-se conhecida, infamada, teve vontade de fugir, e disse esquecida até de que não disfarçava completamente a voz:

—Eduardo leve-me, leve-me.

—Ah! apanhei-te! adivinhei já quem és, acudiu o mesmo personagem impertinente que tomára a seu cargo desesperar Alice. Bem escolhido lugar para a virtuosa esposa de Jorge de...

Não teve tempo de concluir a phrase. Eduardo levantou a mão e fez cair o insolente a dez passos ao

repulso da mais valente bofetada que ainda cinco dedos imprimiram n'uma face de homem. Depois, aproveitando a confusão a que deu lugar este incidente, saiu da sala arrastando comsigo, meia morta de desespero, a pobre Alice.

Quando elles subiram para o *coupé* de Eduardo que os esperava á porta, viu a imprudente creança de um relance de olhos que este levava impressa no rosto não sei que expressão altiva e triumphante.

Então como que se lhe revelou em toda a sua extensão sombria a catastrophe que ia alluir para sempre o edificio da sua felicidade. Desatou a chorar, um choro de creança, uns soluços hystericos no meio dos quaes se percebiam brandas queixas humildes.

Eduardo não era de todo um coração de pedra. Teve dó da creança temeraria que tinha arriscado com a inconsciencia do capricho todo um futuro honesto e perfumado de alegrias boas. Pegou-lhe na mão, tentou consolal-a, e desvairado tambem pelas alegrias da sua victoria infame, ousou n'aquella hora, sentindo-a tão perto de si abatida, despenhada e chorosa, fallar-lhe do seu amor, prometter-lhe n'elle compensações sobejas ás vergonhas que a dilaceravam ali.

—Socega, anjo do ceu, houve um homem que se atreveu a insultar o teu nome, hei-de matal-o, juro-te; acabou elle como em triumphante epilogo a todas as loucuras que dissera, e que Alice o deixára dizer, esmagada pelo pasmo, pelo soffrimento, pela

consciencia tardia da sua culpa, que lhe era sobre tudo revelada na ousadia do homem ainda ha pouco tão respeitosamente submisso.

—Cale-se, cale-se já. O senhor abusa da minha imprudencia de um modo indigno. Olhe que eu não tenho duvida em me perder de todo, e revelo esta armadilha infame a meu marido.

Chegaram n'aquelle momento a casa da viscondessa de R... confidente de parte da loucura de Alice. Ésta apeiou-se sem auxilio de ninguem e fugiu pela escada illuminada sem uma palavra de despedida.

Emquanto corria agitada por um mar de novas sensações estranhas, onde sobrenadavam a vergonha e o terror, lembrou-se de que ao menos precisava de fingir socego, diante dos olhos malevolos ou indifferentes que porventura a observassem.

Entrou no quarto da viscondessa, mandou-a chamar á sala onde ella estava com alguns intimos e disse-lhe tentando debalde suffocar a commoção que a sobresaltava:

—Estou muito incommodada, filha; não posso ir para a sala. Deixa-me ficar aqui deitada n'este sophá, e manda-me avisar logo que chege o trem.

—Que tens tu, Alice? Vens pallida como uma morta.

—Achas? Foi talvez da mascara que me asphyxiava. Isto passa. Alguns minutos de descanço e ponho-me boa.

—Como quizeres, meu anjo. E' singular: tens olhos de quem chorou muito.

E com estas palavras a viscondessa deixou só a pobre Alice cada vez mais aterrada e vendo surdir um phantasma de cada lado onde refugiasse o olhar.

Foi tudo que ella temia excedido pela realidade.

N'aquella mesma noite, a noticia do escandalo que tivera logar na sala e que fôra presenciado por muita gente, correu exaggerada, colorida, desformisada pela calumnia todos os camarotes cheios do alto mundo lisbonense. No dia seguinte não havia ninguem que a não commentasse a seu modo e todos unanimemente arrastavam pela lama o nome de um homem honesto e digno e de uma pobre creança imprudente, mas pura.

A viscondessa foi a primeira, que correu a casa de Alice a contar-lhe tudo que ouvira, e que mais do que ninguem tinha direito a crer.

A mulher de Jorge estava no leito, mais pallida ainda que na vespera, com umas fundas olheiras escuras, realçando-lhe o brilho febril do olhar.

O marido havia-a deixado n'aquelle instante cheio de cuidados e de apprehensões dolorosas. Na saleta encontrou a viscondessa, a quem Alice não ousava negar-se.

—Ah! minha senhora, disse o excellente homem ao vel-a. Ainda bem que veio. Não posso deixar mais bem entregue a minha Alice, que está hoje doentissima. A walsa ha-de matal-a. Hontem quiz por força passar a noite em casa de v. ex.ª e walsou muito decerto, não é assim?

—Não, meu caro sr. Athayde, não walsou nada. Nem lá se walsou hontem em minha casa, accrescentou sorrindo surrateiramente.

—Serio! pois ella disse-me que dançou muito, respondeu elle com admiração que não poude conter.

Depois de algumas palavras insignificantes, ditas por elle com visivel preoccupação, Athayde saiu e a viscondessa dirigiu-se, acompanhada pela aia de Alice, para o quarto d'esta.

Quem seguisse n'aquella manhã Jorge de Athayde, notar-lhe-hia no rosto não sei que dolorosa expressão desusada, mixto de tristeza e espanto.

—Para que me enganaria ella, pensava. E' a primeira vez. Por mais que eu pense não atino com a razão d'esta mentira! Ainda se ella me tivesse dito que não dançara, visto que lhe ralho sempre!... mas dizer-me que walsou toda a noite... Valha-me Deus! E que suspiros tão de cortar o coração que ella dava a dormir! Que será isto?

Sentia-se triste, não podia affugentar os sinistros presentimentos de não sei que desventura proxima.

Vinham-lhe á idea pequenos symptomas que tinham passado despercebidos nos primeiros momentos; nuvens que iam agglomerando-se no seu tranquillo horisonte. N'aquelle dia custava-lhe mais do que nunca o desamor que adivinhava sob as frias caricias de sua mulher.

—Que hei-de eu fazer para que ella me estime um pouco! Tenho sacrificado tudo e mais sacrifica-

ria ainda se podesse. E' uma creança, gosta da luz e eu sou a sombra!

A viscondessa entrou no quarto de Alice, beijou-a com um ar ao mesmo tempo enthusiasmado e compungido, sentou-se-lhe á cabeceira e murmurou abanando a cabeça com expressão consternada:

—Minha pobre Alice! minha querida filha, o que tu foste fazer!

—Eu! respondeu ella turbando-se toda diante do olhar malicioso, agudo, investigador da sua *querida amiga*.

—Sim tu! Não te desculpes, meu anjo. Sabes que podes contar commigo. Tenho-te defendido valorosamente. Olha, ainda ha bem pouco na minha sala cheia de visitas, jurei que sabia o motivo porque te mascaraste, e que esse motivo era innocente e purissimo.

—Meu Deus! Clara, para que foste dizer a tanta gente que eu me tinha vestido de mascara? Que tem essa gente commigo? quem me accusa? de que me accusam?

E Alice amarrotava pallida, febril com as pequenas mãos nervosas, as finas rendas do seu roupão branco.

—Ai minha pobre amiga, tem animo! commigo podes abrir sem medo o teu coração. Depois, não sou eu só a sabel-o, filha. Falla-se já no duello de Eduardo. A nossa sociedade é limitadissima, n'ella propagam-se as noticias com uma rapidez electrica.

—O duello de Eduardo! Pois Eduardo bate-se?

—Não sabias! exclamou ella conhecendo no pasmo expressivo de Alice que era sincera a sua ignorancia, e exultando por ser a primeira a communicar-lhe noticia de tamanho vulto.

—Que desgraça! que desgraça! o que será de mim! exclamou Alice pondo as mãos n'um impeto angustioso e levantando o olhar affogado em lagrimas para a Virgem, que tinha em frente do seu leito.

—Ai! comprehendo o teu supplicio! Como tu o amas!...

—Eu! eu! tu estás doida, ou juraste que havias de matar-me. Pois eu gosto de Eduardo! pois eu gostei d'elle alguma vez senão com um affecto de irmã? Pois calumniam-me a esse ponto, Clara! E tu que te dizes minha amiga...

Suspendeu em meio a phrase, lembrando-se, á luz sinistra d'aquella primeira dôr, quantas vezes ella fizera iguaes juizos de pessoas a quem dava tambem o profanado nome de amiga.

A viscondessa não era facil de despersuadir.

Havia muito que era para ella facto provado o amor de Eduardo e de Alice, e mais d'uma vez, com insinuações caridosas, com a traiçoeira defeza, que serve só para aggravar todos os pontos da accusação, havia ella confirmado ao ouvido dos seus intimos, o juizo que no mundo começava a ter fóros de infallivel.

Depois enchia-lhe as medidas aquelle escandalo.

Era uma distracção poderosa para toda a semana,

e mais alguns dias talvez, conforme as consequencias comicas ou dramaticas que produzisse.

Não admittia a possibilidade d'uma decepção. Pensava d'elle, o que não sei quem, pensava de Deus. Se o não houvesse, era preciso invental-o! Ora existir elle, têl-o ali preso na sua pequena garra, calçada de pellica *gris perle*, haver estudado com enlevos de artista todos os pormenores que o tornavam unico, singular, admiravel, e deixal-o fugir assim, era um d'estes sacrificios inauditos, cuja idéa nem por um momento podia penetrar em cerebro tão vigoroso, como o da gentil viscondessinha.

Diante das desesperadas negativas de Alice, redobrava portanto de carinhosos perdões. Por fim, fatigada d'aquelle tiroteio inutil, perguntou com mal dissimulado triumpho:

—E como explicas tu a tua ida com elle a occultas de teu marido, ao baile de mascaras onde não entram senhoras da nossa classe? Creio que tambem não pretendes negar que foste lá, depois do desafio que hoje tem logar entre Eduardo e o homem que te insultou.

Não havia resposta possivel. Alice sentiu-se perdida. Como havia ella de explicar a imprudencia infantil, que pelos resultados que trouxera comsigo, havia tomado, aos olhos dos mais imparciaes, tão medonha gravidade?

Contou a verdade toda, fallou com aquelle calor que leva o convencimento até aos espiritos mais obtusos, teve gritos e lagrimas d'uma sinceridade irresistivel.

A viscondessa começava a conceber o supplicio de S. Lourenço. Não se dava porém por vencida. Meneava a cabeça e sorria com um placido sorriso compadecido e desesperante. Por fim levantou-se e respondeu-lhe abraçando-a.

— Meu anjo, preferia que tivesses mais confiança em mim, tanto mais, que eu tenho empregado toda a minha escassa eloquencia em defender-te. Não importa! Direi, a quem me perguntar, o que me tens dito. Rir-se-hão de mim, mas eu prefiro o ridiculo de te defender ao odioso de te accusar. Bem sabes o que é o mundo. Só acredita o que é mau. Depois tu tinhas um orgulho desapiedado, e não perdoavas ás pobres mulheres que eram frageis. Cairão sobre ti milhares de vinganças. Eu lamento-te... e comprehendo-te! Sei a que nos arrasta a paixão.

Estas ultimas palavras, em tom commovido e confidencial, levando hypocritamente o lenço aos olhos enxutos.

E saiu, deixando Alice inconsolavel, para ir commentar em meia duzia casas da sua amisade, o acontecimento que trazia alvoroçado, n'aquelle dia, o *high-life*.

Tinham começado apenas as tribulações da pobre menina..

Pouco depois de sair a viscondessa, entrou Eduardo. Alice não quiz de modo nenhum recebel-o. Sentia vagamente que se perdera. Tinha o estonteamento vertiginoso dos grandes abysmos. Tudo d'ali por diante tomava para ella um aspecto traiçoeiro.

Eduardo vinha devéras afflicto.

Não quizera dar tamanha publicidade ao que no mundo era considerado o seu triumpho. Não tinha tido a premeditação de desvendar no baile a imprudencia de Alice; desejára apenas que a sua ida ali, ao lado d'elle, fosse suspeitada pelos seus amigos, fluctuasse vagamente no ar como um mysterio, transparente para alguns e duvidoso para quasi todos. O facto em si não quizera elle, de modo algum, que determinasse uma séria crise, antes o seu calculo era que fosse considerado sómente como o resultado natural da estreita intimidade illicita que entre os dois existia.

Os acontecimentos, porém, tinham andado mais rapidos do que elle. Dominára-os até um certo ponto, e fôra por elles arrastado d'ahi ávante.

Lembrava-se pela primeira vez de Jorge de Athayde, e entenebrecia-se-lhe a consciencia ao pensar no olhar do homem candido e justo de quem assassinára covardemente a honra e a felicidáde.

— Estou prompto a dar-lhe toda e qualquer satisfação que elle de mim exija, pensava abrigando os seus remorsos estereis á sombra d'este charlatanismo social, que tão impropriamente se chama valentia.

Trazia-o ali a esperança de conjurar novas desgraças. Vinha dizer a Alice que não perdesse o animo, que combatesse o mundo com a arma da sua innocencia, que se levantasse acima da calumnia, que ao menos soubesse conservar a confiança de seu marido.

Nada d'isto poude dizer-lhe. Alice tinha medo do homem que a perdera, e que pelo seu arrojo singular em arrostar com tudo, podia ainda salval-a, e inocular-lhe no espirito a perdida energia.

Á noite chegou, pela posta interna, uma carta sobrescriptada a Alice de Athayde. A carta, sem assignatura, dizia, no estylo de quasi todas as cartas anonymas, presentes, passadas e futuras, as palavras seguintes:

«Minha senhora.

«Alguem que a vê proxima a perder a sua honra «e a sua posição, avisa-a de que é joguete de um «homem que jurou perdel-a. Eduardo de C...., o «amigo em quem tanta confiança deposita, que até «o acompanha a logares onde nunca entrou uma se«nhora honesta, tinha jurado n'uma ceia de rapa«zes, a que muitos assistiram, provar em breve, e «d'um modo que a ninguem restasse duvida, que «v. ex.ª era sua amante.

«Foi com essa intenção, que a arrastou ao baile «de mascaras, que a tornou ali alvo da attenção, «mais ou menos perspicaz, de muitas senhoras e «homens da sua mais intima sociedade, e por fim «deu uma bofetada no homem que a reconheceu. «Hoje o duello que occupa meia Lisboa, é a trium«phante resposta dada por elle aos que duvidavam «da sua ventura. Innocente ou culpada, foi victima «d'uma traição. Acautele-se.»

Nunca na sua existencia de vinte e seis annos, que passára por dolorosas e inesperadas alternativas, e que era agora tão suavemente feliz, Alice havia conhecido as commoções que a assaltaram n'aquelle dia!

Ao lêr a carta, que vinha confirmar-lhe tudo que a viscondessa lhe dissera, escondeu a cabeça nas mãos e desatou a chorar silenciosamente. Sentia agora, por vagos indicios, que iam tomando relevo e vulto, á luz dos acontecimentos presentes, que fallava verdade aquella carta, forjada de certo por um ex-amigo de Eduardo, que lhe conhecia a fundo as manhas e as depravações.

No seu pequeno coração, até ali namorado de puerilidades delicadas, levantou-se n'aquelle instante uma onda revolta de colera. Teve sêde de vingança, ella, a mimosa creatura que só conhecia os sentimentos candidos e amoraveis, os pequeninos caprichos de borboleta.

Lembrou-se então de seu marido, não com a humildade receiosa, que era porventura de suppôr, mas com um sentimento extranho, onde havia uma vaga amargura e uma vaga esperança. Quasi que lhe quiz mal por elle não ter sabido absorvel-a, fazer-se amar profunda e unicamente, roubal-a ás perigósas tentações e aos perigosos sonhos. Quiz-lhe mal, porque era bom, justo e pacifico, porque não tinha a insolencia com que Eduardo se fazia perdoar os seus imperdoaveis arrojos.

Depois lembrou-se de o ter visto um dia n'uma

hora rapida da vida de ambos, erguer-se aos olhos d'ella transfigurado pela paixão e pela dôr, e disse, assomando-lhe aos labios um ligeiro sorriso vaidoso e triumphante:

— Sim! Vou contar-lhe tudo. Os cordeiros pódem ás vezes ser leões. Elle é que me ha de vingar do mundo e do homem que me quiz infamar.

Este pensamento inconsequente, barbaro até como era, restituiu-lhe a energia perdida. Não poude porém obedecer ao seu primeiro e apaixonado impulso. Quando tentava, a muito custo, dar ás suas idéas desordenadas algum repouso que lh'as aclarasse, abriu-se a porta do gabinete e Jorge entrou.

Vinha pallido, com os olhos injectados de sangue e sulcos de lagrimas nas faces cadavericas.

Tambem a traiçoeira mão do anonymo havia acabado de o apunhalar, e lembrando-se do sorriso velhaco da viscondessa, da turbação de Alice, dos suspiros que lhe cortavam o sobresaltado somno, da mentira que lhe dissera de manhã, o infeliz curvou a cabeça ao peso da evidencia.

Não era a sociedade, de que lhe apontavam o despreso e o escarneo, que o preoccupava a elle; pensava em sua mulher, n'aquelle santo amor que fôra o seu enlevo e a sua fé, e sentia dentro do coração um mundo a desabar.

Entrou no quarto, chegou-se impetuosamente á cadeira onde Alice estava sentada, abatida e chorosa, com a carta anonyma ainda no regaço, pegou-

lhe nas mãos com uma força estranha e mergulhou nos olhos d'ella o seu olhar mysterioso e avido.

Alice ficou espantada e ficou contente. Affigurava-se-lhe um prodigio a transformação que fazia resplandecer n'aquelle homem vulgar todas as santas e immaculadas dignidades, que trazia escondidas n'alma como n'um sacrario tosco.

Comprehendeu que Jorge sabia ou suspeitava tudo, e deixou que o olhar se lhe embebesse á vontade nos seus olhos, onde havia uma doce e supplicante limpidez.

Era uma creança culpada, mas não podia ser uma mulher criminosa. Havia um suave e innocente abandono nas linhas d'aquelle corpo que se quebrava em ondulações serpentinas. Pedia auxilio, mas não pedia perdão.

—Falla! exclamou Jorge com voz rouca e aspera, de tal modo o estrangulava uma commoção desconhecida. Falla! Justifica-te! Porque choras? Que ha de realidade n'este horror que me fulmina?

Alice ergueu-se da cadeira, impelliu suavemente o marido para ella, e sentou-se-lhe nos joelhos, na sua postura favorita de graciosa infantilidade. Jorge não se atreveu a repellil-a. A despeito de todas as desconfianças, subjugava-o a tenacidade da sua paixão.

Depois Alice contou-lhe baixinho, com a cabeça encostada ao peito d'elle, com a voz soluçante das creanças mimosas, a sua aventura arriscada e o terrivel resultado que ella tivera.

Nada lhe escondeu, nem as venenosas palavras

da amiga, nem o contheudo da carta anonyma, nem a visita de Eduardo, que não ousára receber. Contou-lhe o que soffrera, o que luctára, o que era hoje aos olhos d'esse mundo onde fôra rainha, e cujas leis caprichosas e contradictorias, conhecia melhor ainda do que elle; deu-lhe maior parte do fel que lhe azedava em ondas o coração, do que lhe tinha dado nunca das alegrias triumphantes do passado.

Jorge não a interrompeu uma só vez. Quando Alice acabou de fallar, ficou no quarto o mesmo silencio pesado e morno. Ella levantou timidamente a cabeça, fixou os olhos nos olhos do marido, depois deu um grito e levantou-se para fugir.

Teve medo do olhar allucinado com que elle a olhava, das grossas lagrimas que se lhe conglobavam lentamente aos cantos das palpebras pisadas. Havia ali n'aquella simples mudez sinistra, o infinito das dôres que pódem esmagar um homem.

— Não fujas, para que? Eu não te faço mal, disse Jorge baixo e a muito custo, como se alguma cousa o suffocasse.

— Perdôa-me! murmurou Alice dando á voz as modulações mysteriosas da supplica. Tu sabes que te amo; só a ti, sim, só a ti. Era tão feliz ainda hontem! Agora não torno mais a ser feliz, não é verdade?

Elle ouvia-a, ou talvez não a ouvisse. Olhava para ella e pensava nos dias que tinham passado e que não podiam voltar.

Então era feliz; as horas corriam tranquillas, e

olhando para diante, via sempre uma existencia festiva, luminosa, cheia de sol. O seu filho cresceria, dar-lhe-hia consolações e orgulhos; a febre das festas mundanas havia de extinguir-se no seio de Alice, passariam umas noites boas, serenas, ao pé do fogão, emquanto o pequeno lesse com a sua voz, que havia de ser como a da mãe, terna e musical, e ella bordasse, parando de vez em quando, para o ouvir melhor, mais feliz ali no conchêgo dos affectos intimos do que tinha sido no turbilhão dos prazeres sociaes.

Jorge scismava d'um modo estranho e vago. Perdera como que a noção do seu estado presente, dobrava-se-lhe a alma ao influxo d'uma inexplicavel somnolencia.

Não sabia bem o que houvera na sua vida. Uma catastrophe imprevista, alguma cousa com que elle não contára, mas de que especie? Se depois de fulminado o corpo, o espirito podesse ainda pensar, era assim que elle pensaria de certo.

Alice escorregou-lhe do cóllo, onde se tinha deixado cair outra vez, e ajoelhou, de vagarinho, aos pés d'elle. Tinha medo, um medo indizivel; uma angustia oppressôra e violenta.

Procurava o doido coração das primeiras horas, aquelle coração a trasbordar das adorações infinitas, procurava o amigo suave e consolador de todos os outros dias, e nem um nem outro podia reconhecer n'aquelle homem.

— Jorge, murmurou ella no fim de um quarto

d'hora de medonho silencio. Jorge, falla-me, castiga-me, amaldiçoa-me, mas não olhes assim para mim! Eu sei no que tu estás pensando, Queres vingar-te *d'elle*. Dilacera-me-se o coração, pensando que sou eu quem te exponho ao perigo, mas não devo nem quero prender-te. Sou a mãe do teu filho, e é preciso que o meu nome se conserve immaculado, por elle e por ti. Deus protege o direito, e o mundo é assim. dá sempre rasão ao vencedor. Não julgues tudo isto irremediavel, affirmo-te que não é. Hoje escarnecem-me os que me julgam despresada por ti, ámanhã hão de respeitar-me quando virem a minha dignidade salvaguardada pela tua.

«Estás-me julgando má, dize, não estás? Eu, a tua Alice, a tua pequenina, com aspirações sanguinarias. Como é verdade que basta uma hora para transformar uma pessoa! Prova-lhes a elles que me defendes, que me queres, que és o meu protector e o meu amigo, e depois diremos adeus a este mundo, que é tão mau. Iremos viajar todos tres. Estou cançada de todos esses prazeres, que me não deixavam conhecer o verdadeiro céo, a verdadeira felicidade. Bastaram algumas horas para encherem a minha alma d'um desgosto profundo e inexprimivel. Parece-me que tenho vivido no desterro. Adoeço da nostalgia do bem. Sabes? És bom! Quero-te muito. Hei de endoudecer-te de alegrias. Ás vezes tinha pena de que o teu amor não fosse expansivo e violento. Sou uma desgraçada mulher cheia de fraquezas e de loucuras. Mas agora! Agora, apalpei o

nada de tudo isso. Far-te-hei muito feliz, viverei só para ti, serei tua como nunca fui até hoje.

E envolvia-o na electricidade do seu olhar felino, e emballava-o na musica branda e ineffavel da sua voz, que parecia penetrar no coração e adormecer dentro d'elle a dôr.

Jorge ouviu-a; ouviu-a sem a interromper. O mundo, que lhe importava a elle o mundo, não me dirão? Absolvida por todos, essa mulher que elle julgára impeccavel, teria perdido do mesmo modo a sua aureola immaculada.

Tudo lhe morria no coração, onde lhe morrera a fé. Amava-a ainda, amava-a com uma larga ternura maternal, cheia de unctuosos perdões, mas não podia tornar por ella a ser feliz.

Por fim fixou-a brandamente com um olhar manso e triste e disse-lhe:

—Que queres que eu faça? Perdôo-te. Nem tu sabes, ninguem sabe o que ha n'esta palavra. Mataste para sempre a minha felicidade. O que eu amava mais que a tua formosura mysteriosa e fatal, era a tua dôce virtude, á qual eu confiei a minha vida. Acabou-se o orgulho que eu sentia diante d'esse mundo onde eu passei primeiro obscuro, humilhado e triste, e depois invejado e victorioso porque tu eras minha! Não importa! Tudo isso é verdade e eu perdôo-te. Vingar-te! mas quem te disse que eu podia vingar-te e vingar-me? Se aqui ha culpados, fui eu decerto, porque não me soube fazer amar, porque sentia prazer em te dar a minha vida,

sem nunca exigir de ti nem a gratidão pela minha offrenda continua. Se eu matasse esse homem, que n'uma hora te poude fazer renegar todas as dignidades, o que teria eu destruido com elle? A calumnia? Não, que essa lavraria incessante, alimentada pelos mesmos que tu me tens preferido até hoje. A lembrança do teu desamor, tambem não, porque o sinto aqui como uma tenaz a comprimir-me o coração, e a triturar-m'o implacavelmente. Acabou-se. Estes annos de ventura e de fé são um sonho de que hoje acordo, e nem tu sabes mesmo a profundidade da minha dôr ao acordar, nem tu sabes que dupla condemnação é a minha, ao ter que maldizer-me porque fui crente e bom.

Ella ergueu-se. O olhar meigo, afogado em lagrimas, cheio de supplicas humildes e de voluptuosas seducções, tornou-se-lhe d'uma fixidez metalica. Todas as insolencias antigas transpareciam pouco a pouco no rosto de Alice. De ré levantára-se juiz. Revestira-se sob a influencia d'um pensamento desconhecido, de não sei que severidade sombria. Envolveu seu marido n'um olhar desdenhoso e frio, e obedecendo, no desvairamento em que a lançavam tão diversas e encontradas commoções, ao impulso da sua natureza primitiva, exclamou com pungente arrebatamento:

—Tem medo! Confesse que tem medo. Resigna-se com a deshonra, porque tem a covardia de a não querer vingar.

Jorge não podia empallidecer mais, os olhos po-

rém afundaram-se-lhe mais profundamente na orla roxa que os cercava, e accendeu-se n'elles uma chamma subita.

Levantou-se tambem, e tomando pela primeira vez, aos olhos de sua mulher, uma solemnidade immensa e tragica, apontou-lhe com um gesto lento, altivo, impregnado de extranha e irresistivel dignidade, para a porta do gabinete.

Alice saíu esmagada por aquelle olhar, por aquelle gesto, pela consciencia do seu crime irreparavel.

V

N'aquelle mesmo dia, Jorge de Athayde saíu de casa, deixando um laconico bilhete para sua mulher, em que lhe ordenava que não saisse, que não fallasse a ninguem, e que esperasse as suas determinações, que breve lhe seriam communicadas.

Afinal de contas aquella resolução viril da parte do marido, com quanto a espantasse, não lhe desagradava. Tinha a consciencia do profundo amor que inspirava, e á proporção que o sobresalto angustioso dos primeiros instantes ia esmorecendo, ia augmentando n'ella a esperança irreflectida e tenaz de readquirir o perdido imperio. A energia com que elle a queria emfim domar, parecia-lhe o symptoma precursor d'uma transformação no seu destino. Tudo

queria menos a continuação d'aquella paz monotona, para saír da qual ella se atirára sem gosto a umas aventuras equivocas.

Ser dominada é a sêde instinctiva dos fracos. Alice sonhava com uma mão de ferro que a opprimisse e que ella beijasse. Esperou, portanto, com a confiança céga dos illudidos. Phantasiou viagens longas, expiações dramaticas, e ao fundo do horisonte indefinido uma aurora de renovadas alegrias.

Obedeceu de bom grado ás ordens do marido. Deu ordem expressa aos creados para que regeitassem todas as cartas, e para que despedissem todas as visitas.

Ás vezes sobresaltavam-a umas angustias subitas como de quem ouve ao longe, na mudez profunda, um grito de agonia inconsolavel. Então agarrava-se ao filho, beijava-o e dizia-lhe:

— Elle ama-nos muito para nos castigar, não é assim? Ainda seremos felizes; eu sou tão moça, tu és tão pequenino! Sômos ambos tão queridos!

E tinha muita esperança.

Ao cabo de tres dias de incerteza, davam 10 horas da noite quando Jorge entrou em casa.

Encaminhou-se para o quarto onde estavam juntos a mulher, muda e immovel, e o filho adormecido no seu pequeno leito. Alice ao vêl-o entrar deu um grande brado e correu para elle, sentindo que o amava mais n'aquella hora de terror vago, do que o tinha amado em longos annos de abnegação reservada e muda.

Elle impelliu-a de si com módo brando mas sêcco. Sentou-se defronte d'ella e apresentou-lhe um rôlo de papeis que tinha na mão.

— Tem aqui metade da minha fortuna. É sua. Ninguem mais lhe poderá pedir contas d'ella. A outra metade pertence a meu filho e não a mim; eis o motivo porque a guardei. Aquelle homem de quem me disse que eu tinha medo, era meu irmão. Queria-lhe muito. Tinha jurado protegel-o e amal-o a alguem que já não existe. Esse homem matei-o hoje. Dizem que foi n'um duello honrado. Não importa? A verdade é esta. Era meu irmão e matei-o. Entre nós, bem percebe, que fica existindo aquelle cadaver. Não me tornará, nem nos seus sonhos, a chamar covarde, ouviu? Comprei esse extranho privilegio com um fatricidio. Seja feliz. Eu só de si exijo uma cousa. É o que venho buscar aqui hoje. O meu filho.

Alice, absorta e allucinada, olhava para elle como n'um sonho. Ao ouvir fallar no filho quiz correr para seu marido, estendeu os braços, soltou uma supplica indistincta e caíu no chão como varada por um raio.

Jorge não olhou para ella. Abeirou-se do leito do filho, envolveu-o amorosamente nas roupas, e saíu levando-o nos braços, pelo meio da creadagem boquiaberta.

Ninguem o tornou a vêr.

Uns dizem que está no Brazil conquistando para o filho uma nova fortuna, outros dizem que vive escondido n'uma aldeia erma de Traz-os-Montes.

Alice nunca mais sorriu. Reza a fama que dá esmolas a todos os pobres e lagrimas a todos os infortunios, e as poucas amigas que lhe ficaram no naufragio de todas as suas alegrias, affirmam que no coração de Alice arde uma paixão implacavel e violenta. Por quem? perguntam as más linguas, saboreando de antemão um novo escandalo apimentado.

— Pelo marido, respondem as ditas amigas n'um frouxo de riso motejador.

A ENGEITADA

I

A senhora Angelina Marques era a filha unica d'um dos mais abastados lavradores da freguezia de Soutello.

Formosa raparigaça de vinte e cinco annos, robusta, alegre, espadaúda, muitos a requestavam perdidos de amores pelos seus fulgidos olhos negros e ramalhudos, e pelas valentes juntas de bois e fartas leiras de terra que lhe constituiam o futuro patrimonio.

Angelina, porém, como filha mimosa que era, aprazia-se em accender todos aquelles affectos sem que nenhum lograsse arrancal-a á folgada e risonha liberdade da sua vida e do seu coração.

Espadelladas e esfolhadas á luz branca da lua e á musica saudosa das flautas e violas, romarias em que brilhassem ao sol as suas grandes arrecadas

d'ouro e as grossas contas do seu collar, danças requebradas á sombra dos altos sobreiros e dos castanheiros enramados de pampanos, e no meio de todas aquellas festas da alegria e da saude o seu seqpito de cortezãos de varapáu argolado e grande chapéu braguez, seguindo-a, disputando-a, devorando-a com os olhos, eis o que bastava para completar a felicidade da formosa minhota.

Invejavam-lhe as moças d'aquelles sitios a donairosa elegancia, a riqueza, e sobretudo os amores que ella, ora acolhia ora regeitava, sorrindo maganamente, e agoiravam-lhe para mais tarde o castigo devido á sua isenção e soberba; ella porém ria de máus agoiros e pragas, dizendo em altivo meneio:

—Ainda não está armado o laço que me ha de prender!

—Cautella rapariga!—acudiam as velhas lavradeiras deitando um saudoso e porventura arrependido olhar ás festas da sua mocidade—nem tanta ousadia! É bom confiar a gente em si, mas tambem é bom precaver-se contra as tentações.

—Ágora! Cá para mim é que elles vem bem! Já lhes conheço as manhas! Não é com uma nem com duas razões, que elles me levam! Ha muito quem me queira vêr cahir, mas hão de ficar com a vontade, se Deus me ajudar!

Um dia porém—perrices do démo que gosta de as tecer ás orgulhosas!—Angelina sentiu que pela primeira vez lhe palpitava o coração n'um sobresalto desconhecido.

Quem lográra prender a garrida aldeã que até ali achára tão maligno prazer no desencadear das rusticas paixões que a seguiam e cercavam?

O mais pobre de todos os rapazes da terra. Antonio o *Soldado*, filho d'uma viuva pobrissima, que tinha voltado á aldeia depois de servir no exercito os cinco annos da lei, trazendo da cidade aquella sciencia funesta, que lá se aprende quando as manhas naturaes a favorecem e desenvolvem.

Antonio era um perfeito mocetão, bem apessoado e bem fallante, sabia discursar com uns termos que á ignorancia aldeã se affiguravam afidalgados e finissimos, meneava-se com um desgarro fadista que era para as raparigas da terra o supremo ideal da bizarria, e o seu desembaraço e notavel desenvoltura eram o perfeito contraste com os modos acanhados e mazôrros dos lavradores minhotos.

Tanto bastava para que as moças acceitassem com certo orgulho os galanteios de Antonio, e para que os paes começassem a receiar-se dos seus traiçoeiros encantos.

Antonio para em tudo contrastar com os seus camaradas d'aldeia, não deu ao principio a minima attenção á princeza d'aquelles sitios, á rica e requestada Angelina; ella que andava habituada ás adorações e ás humildades, despeitou-se de tamanha frieza e principiou a reparar mais n'elle.

O resultado do exame foi achal-o galante, engraçado, chistoso, com a sua *blague* de tarimba e as suas historietas de quartel. Antonio ao vêr-se obser-

vado, redobrou de astucias e conseguiu em pouco tempo fazer-se amar.

D'aqui, aquelle drama que é já de rigor nas nossas aldeias peninsulares onde o sangue e a paixão flammejam incendios.

Opposição dos paes, que sonhavam para a filha um casamento rico, resistencia da moça que amparada, animada, estimulada pelo amante luctava para alcançar o que considerava a suprema ventura.

Quando os paes, exhauridas as razões, as supplicas e até as sóvas, que são o ultimo e o mais poderoso argumento das naturezas primitivas, viram a pequena inalteravel no seu proposito, emmurchecer como um pé de milho quebrado pela raiz, cederam, chorando, á fatalidade que lhes arrancava a filha e com o mesmo golpe lhes decepava as ambiciosas chymeras.

Cederam, porém, alguns mezes mais tarde do que lhes cumpria, para honra e brio da familia.

Uma noite, Angelina abeirou-se da mãe, falloulhe em segredo por muito tempo, e acabaram d'aquella pratica secreta rompendo ambas em desatinado choro.

No dia seguinte a mulher do lavrador levava a filha a passar algum tempo, segundo dizia, em casa d'umas parentas que tinha para as bandas do Porto, e que deviam tratar-lhe do enxoval para o proximo noivado.

Mezes depois, quando Angelina voltou, mais magra e mais pallida do que fôra, com uma grande

melancolia a rever-se-lhe no olhar, celebrou-se sem as pompas nem as alegrias que eram de esperar em casa de tanta abastança, o casamento d'ella com Antonio do Nascimento, o ex-soldado.

Os noivos foram logo no mesmo dia das bôdas habitar para uma casa nova, que se erguêra havia pouco, a curta distancia do paterno casal.

A casa com a horta cheia de fructa, com o parreiral enramalhetado, com as suas dependencias muito vastas e muito commodas, era o dote que Angelina recebera dos paes.

Parecia que ali devia reinar a felicidade e a paz. Tudo era novo, florido, perfumado como um palmito em dia de festa; pois apesar de tudo isso, affirmava a visinhança que um secreto motivo de discordia existia entre o marido e a mulher.

Ouviam ás vezes esta supplicar em voz toda branduras, não sei que desejo a que elle se oppunha.

Antonio umas vezes tinha grandes explosões colericas, outras vezes fallava baixo com muita abundancia de argumentos, como quem quer convencer da verdade das suas observações. E as visinhas contavam que a resposta de Angelina eram sempre lagrimas.

Quando o novo par visitava os paes de Angelina, repetiam-se as discussões, que não raro degeneravam em disputas.

Uma vez, Antonio disse em alta voz, brutalmente, e com gestos furiosos, para a sogra que o admoestava em voz baixa:

—Ah! isto é assim! pois vossê verá se eu cá torno a pôr os pés! Não basta lá em casa a mulher! O que está feito, está bem feito. Não quero andar nas boccas do mundo mais do que tenho andado já. E a sua filha que era tão dengosa antigamente, já perdeu o medo de se envergonhar?

Com o tempo aquellas alterações foram-se applacando. A paz começou a restabelecer-se, e quando os dois velhos morreram, deixaram a filha apparentemente feliz, n'uma folgada abastança.

Tinha tres filhas ao cabo de oito annos de casados. Dois rapazes robustos, ageis, trigueiros, espertissimos; uma menina que era um botão de rosa de frescura e de graça.

Angelina entretinha-se no grande trafego da lavoira. Na arribana havia seis vaccas malhadas de branco e preto, de flancos luzidios e avelludados, de grandes olhos redondos e pensativos. As juntas de bois sahiam de manhã cedo para o trabalho, com as cangas altas de madeira arrendada, e uns grandes ramos verdes a enfeitarem-n'os e a livrarem-os dos insectos que são a calamidade dos animaes nas ardencias do estio.

As terras adubadas e cuidadosamente tractadas, desatavam-se em opulencias de verdura, em longas ceáras ondulantes que faziam pensar nas ondas do mar.

Havia ali um grande conchego, uma paz profunda, e aquella abundancia alegre que é o maior encanto das herdades ruraes.

Logo ao romper da manhã, no largo pateo para onde deitavam as janellas trazeiras da casa, o gallo atroava os campos comvisinhos com a musica vibrante da sua voz, que é um clarim. O perú fazia ouvir o *grú grú* amoroso, abrindo a cauda em vistoso leque, os gansos grasnavam, banhando-se na enorme bacia de pedra que fôra destinada pela previdente lavradeira, para as suas abluções matinaes, e a uma porta lateral de madeira gradeada, espreitava com a orelha ficta e o olho redondo e alegre, um coelho curioso.

Quando as creanças vinham juntar a voz chilreada e festiva áquellas vozes todas, e o bando dos pombos bravos, como uma immensa nuvem rota, passava fazendo manchas no espaço, quem não amaria a idyllica e namorada serenidade d'aquella vida modesta e patriarchal?

II

Por este tempo fallava a gente compadecida d'uma freguezia visinha muito proxima, da sorte infeliz d'uma creança a quem chamavam por ali a *Engeitada*.

Chamavam, e era-o de facto.

Um lavrador remediado mas usurario da N. S. do... mandara a mulher buscar ao hospicio de Bra-

5740

ga, uma pequena que a ajudasse no trafego da casa e pastoreasse um rebanho de cabras que davam leite para a familia e para os jornaleiros empregados na lavoira.

No dia em que a lavradeira appareceu no hospicio, voltava para ali uma creança que, poucos dias depois de ter dado entrada na casa, sahira para ser amamentada e creada por uma ama que ali fôra buscal-a.

A ama morrera, e a pequena filha da roda tivera de voltar para o seio cruel da mãe ou da madrasta.

Tinha oito annos e era linda.

Via-se que tinha sido até ali creada com muito mimo e muito amor pela santa mulher que lhe servira de mãe.

A sua cabecinha redonda como a cabeça d'um pequeno leão, envolvia-a uma juba de anneis louros a que o sol ao bater dava uns tons prateados.

Os grandes olhos d'um azul escuro e humido irradiavam chispas de malicia innocente; a bocca pequena e purpurea como um medronho, tinha uns risos vermelhos que causavam delicias a quem os via. O pequenino corpo a um tempo esbelto e roliço lembrava um arbusto delicado que medrara e florira em bom chão.

Toda ella era bulicio gracioso, actividade, turbulencia. Ria-se para todos sem medo de ninguem, como quem não sabe que entrou na vida pela porta da miseria e do vicio, e que tem de caminhar até ao fim por entre barrancos e desfiladeiros.

Parecia intelligente, tanta agudeza havia nas suas respostas, tanto sal nativo nos seus conceitos infantis.

Era um mimo de Deus, um diamante que nascera polido e facetado.

Foi esta creança que no hospicio de Braga entregaram á brutal creatura que vinha buscar uma escrava por preço modico.

—Como te chamas tu? dizia-lhe ella ao trazêl-a para casa por aquelles caminhos luxuriantes onde tudo parece fallar da Providencia amorosa que vella sobre os homens.

—Chamo-me Maria. É um nome bem bonito, não é? O nome de Nossa Senhora, e foi ella que m'o deu, que é a minha madrinha. A mãe tinha tanta devoção com Nossa Senhora! Agora a mãe morreu, mas eu ainda rezo, porque ella me ensinou.

—A mãe?! tu não tens mãe, rapariga, tu és engeitada.

—O que é ser engeitada? perguntou a pequenina com os limpidos olhos azues a boiarem n'um fluido luminoso.

Não o sabia.

—Ser engeitada, voltou com desapiedado amor pela verdade a sr.ª Josepha, que de genio naturalmente desabrido e atrabiliario sentia indizivel prazer em repartir com alguem o fel que lhe trasbordava da alma—ser engeitada é não ter pae nem mãe, é ser atirada para a rua como um cão no dia em que se nasce, e pertencer á roda como tu pertences, pequena.

Ella, no emtanto, seguia o vôo d'um passaro que cortava o espaço lá em cima com as grandes azas abertas e palpitantes, e lembrava-se de como sabiam bem as uvas no parreiral da sua mãe que morrera.

Não tardou porém que a pobre Maria soubesse o que é ser engeitada.

Ao entrar em casa explicaram-lhe logo todos os trabalhos que ficavam a cargo dos seus hombros pequeninos.

Devia fiar em cada semana uma certa quantidade de estôpa, devia apanhar herva para a vacca que se ouvia mugir saudosamente no fundo d'uma estrebaria immunda, e devia todos os dias sem falta levar a pastar por aquelles campos agrestes e solitarios o rebanho das cabras inquietas, travêssas, espavoridas. que balavam ao longe com uns balidos tremulos e hystericos que pareciam sóluços de agonia.

Ella acceitou todos aquelles encargos sem saber o que acceitava. Fiar sabia ella, e toda se envaidecia da sua sciencia mostrando as mãos microscopicas que o sol queimara e que as nortadas agrestes tinham endurecido.

Não sabia porém mais nada.

Até áquella hora tão negra em que a mãe adoptiva lhe morrera, a vida d'ella fôra uma vida toda de alegria e de liberdade, como a do cabrito montez que salta ao lado da mãe pela crista aguda dos penhascos, e pelo meio das sebes vivas engrinaldadas de flôres e de pampanos.

Agora o caso era outro.

Tinha de dobrar os membros delgadinhos á mão ferrea do trabalho, tinha de medir o pão que comessem gulosamente os seus pequenos dentes de ratinho, miudos e brancos, pela maior ou menor somma de trabalho que houvessem executado as suas pequenas mãos. Tinha de soffrer as reprehensões brutaes, as pragas, o desamor, os maus tratos d'uma gente aspera e rude que a considerava unicamente um instrumento de trabalho.

Sahir d'aquelle tepido conchego dos braços que a tinham creado maternalmente, e achar-se de subito no meio hostil e duro que a recebera, foi como que uma revelação precoce do seu destino futuro.

Maria não chorou, porque não sabia ainda o que eram lagrimas, mas sentio-se inundada por uma vaga sensação composta de medo e de tristeza. Não tentou reagir, acceitou a sorte que Deus lhe mandara com uma mansidão resignada e doce.

Como as filhas da casa, que eram vaidosas, que iam á escola, que tinham vestidos de lã e brincos d'ouro, a repellissem chamando-lhe engeitada, como a lavradeira de modos brutaes e voz rouquenha não soubesse senão ralhar-lhe, Maria affeiçoou-se aos bichos que a cercavam com aquella expontanea e potente expansão das boas almas que precisam mais ainda de sentir amor que de o inspirar.

Com os bichos fallava, com elles se entendia, a elles contava em voz baixa e cheia de lagrimas reprezadas, as suas penas, e as maldades que lhes

faziam. A vacca quando ella vinha affadigada, oppressa, vergando sob o pezo do feixe de herva que ceifara nos campos, trazer-lh'o á mangedoira, lambia-lhe as mãos com a lingua aspera, e olhava-a bondosamente com os olhos cheios de meiguice.

As cabras deixavam-se mugir por ella sem grande resistencia, e não eram de todo em todo rebeldes á sua vozinha cançada que as chamava e as dirigia no pasto; o cão esse era o seu maior amigo, o seu confidente mais intimo, o companheiro dos seus festins de brôa dura ou de caldo de couves.

Este cão merece menção especial.

Era feio, tinha um pello fulvo e erriçado, parecia andar sempre de pessimo humor, e mostrava os dentes agudos aos transeuntes com um desgarro que os fazia tremer pelas respectivas pernas. Para a pequena Maria porém foi bom logo no primeiro dia em que ella partiu para o campo com elle e com o rebanho.

Quando ella achou um sitio favoravel para acampar, em quanto as cabras saltavam inquietas, roendo as raizes, trepando ás rochas, escalando as eminencias, Maria sentou-se, tirou do cabaz a estopa que trouxera, embrulhou-a na roca e poz-se a fiar. *Fiel* veio enroscar-se-lhe aos pés com desusada familiaridade. Assim estiveram umas poucas de horas. Ella trabalhando, scismando sem saber que scismava, com os seus bellos olhos vagos e erradios, elle dormitando a espaços, mas attento ao menor ruido, fictando a orelha, e endireitando a cabeça

ao bulir d'uma folha, ao balar d'um cabrito, ao som d'um passaro que arrancava o vôo depois de ter pousado instantes n'um raminho de arvore.

Desde aquelle dia o pacto de amisade foi tacitamente assente entre os dois.

Quando voltavam á noite, entravam na vasta cosinha do lavrador. O tojo crepitava na alta chaminé, ladeada de dois bancos de pau tosco, onde a familia sentada se aquecia ceando com as grandes tigellas de barro vermelho e vidrado nas mãos.

As raparigas, já espigadas e espertas, chilreavam, riam, contavam os pequenos casos do dia, as pessoas com quem tinham conversado ao sahir da mestra, o encontro com as fidalgas que lhes tinham fallado com bom modo perguntando-lhe pela mãe, os seus projectos para a romaria proxima; a mãe ora ralhava com aquellas notas enternecidas que ainda a peor das mulheres tem na voz quando se dirige aos filhos, ora ria tambem dos ditos e das observações maganas das pequenas.

O pai conversava de bois, de lavoira, do preço das terras, das promessas da vindima, com o tio Matheus, um visinho que á noite vinha, por ser viuvo e só, partilhar do serão mais animado da familia.

Na cosinha havia uma claridade rubra e festiva, as tigellas de caldo fumegavam, o toucinho em grandes talhadas frigia ao lume na certã de estanho muito limpo e luzidio; nas paredes, dependurados sobre os ramos de louro frescos e aromati-

cos, brilhavam os tachos de arame e as panellas de folha branca. As vozes matinaes das raparigas destacavam do som grave da voz dos homens.

A propria lavradeira atarefada, animada, ralhadora, cedia, apezar da sua aspera natureza, á influencia boa d'aquella hora expansiva, familiar, cheia de conforto e de tranquilla abundancia.

Maria entrava, então, acompanhada de *Fiel*, que rosnava baixinho mostrando os dentes ao gato, e com o animo dividido entre o medo de ser espancado e o desejo de se aquecer.

Ninguem reparava na entrada dos dois, ninguem a não ser a sr.ª Josepha, que bradáva consoladissima, por ter com quem desabafar:

—Ainda agora chega, seu pedaço de mandriona! Não gosta se não de andar por fóra a vadiar! Mal empregado pão o que este mono come! E pensam então que come com pezo e medida! Aquillo não parece se não que anda com fome atrazada de oito dias! Vamos, ahi tens a tigella, come e despacha-te que tens de lavar a loiça!

Maria abria os olhos sempre com o mesmo espanto indefinivel de se ver assim tratada, ella que era uma pobre avesinha do bom Deus, e que não pedia mais para viver que um raio de calor e uma migalha de pão duro! Depois, humilde, resignada, sem a consciencia clara do seu negro destino, ia encolher-se no canto mais escuro da cosinha, sentava-se n'um mocho de pau, e comia depressa o seu quinhão escasso, sem fazer bu-

lha, tomando muito sentido em não bater com a colher nas bordas da tigella, com medo de attrair a attenção cruel ou escarnecedora e desdenhosa da patroa e das filhas.

Fiel agachado no chão de ladrilho ao pé d'ella, parecia ora interrogal-a com o olhar intelligente e suave, ora consolal-a do desamor de toda aquella gente estranha e desapiedada, com a muda caricia da sua expressão canina.

Quando Maria tinha comido uma certa porção de sopa que em rigor lhe parecia sufficiente, punha a tigella no chão a um cantinho, mostrando-a ao *Fiel* com um aceno meigo e silencioso.

De vez em quando dava-se n'este ponto uma lucta interessante no espirito da pequena *engeitada*.

O cão estava á espera da ceia, agitando a cauda e fictando a orelha, com anciedade intelligente, mas d'outro lado a fome, aquella fome das crianças tão exigente e despotica, sollicitava todo o contheudo da pouco avantajada tigella. Maria mettia na boquinha rosada uma colher de sopa, e o seu olhar azul luminoso e cheio de caricias parecia dizer a *Fiel* em relance implorativo:—Não te zangues, não? esta é a ultima.

Mas se ao acabar de a engulir havia ainda tamanho desconforto no seu estomago pequenino!

—Mais uma, uma só, supplicáva o doce olhar de Maria levando de novo a colher pelo mesmo caminho.

Fiel porém entrava-se de receios egoisticos, a ge-

nerosidade natural do seu animo soçobrava, e um grunhido impaciente, ao qual Maria não resistia nunca, revelava a esta que a sua demora em dar-lhe a ceia se ia tornando um pouco exagerada.

—Olha a *engeitada!* cochichavam as pequenas rindo. Não parece senão irmã do cão! Verão que ainda ella ha de comer com elle ao mesmo tempo!

—Tem um companheiro que está mesmo a calhar para ella! acudia a mais velha que invejava a linda cabelleira loura da orphã, e a sua formosura radiosa e delicada que feria ainda os mais ignorantes.

Depois, quando chegava a hora de se deitarem, o pae, a mãe e as duas filhas, ajoelhavam-se diante d'uma tosca imagem da Virgem e rezavam unidos, implorando n'aquella doce communidade da familia os bens, a saude, a salvação eterna para todos. Maria assistia de longe áquella scena grave e pathetica á qual ninguem tentára jámais associal-a.

Com o tempo tinha-se esquecido das rezas simples que sua mãe adoptiva lhe ensinára. Não sabia rezar, mas sabia vagamente que havia lá em cima, muito longe, n'um sitio mais bello que tudo que ella jámais vira ou sonhára, um Ser mysterioso e terrivel, que castigava os maus e que chamava os bons para o pé de si n'uma grande claridade azul como a do alto ceu em dias de primavera.

Havia dias em que Maria levava muita pancada. Era nos dias em que ella tinha commettido alguma falta que aos seus proprios olhos se affigurava im-

perdoavel e gravissima. Chorava então muito, passando a mãosinha trigueira e crestada pelos membros doloridos e cheios de manchas roxas. Chorava, mas não sabia maldizer. Promettia a si mesmo ter muito juizo d'ali ávante, até que a imprudencia infantil a tentava de novo, e de novo o castigo duro e brutal lhe revelava, como em relampago subito, que são muito infelizes as crianças sem mãe.

Quaes eram os crimes de Maria? Eram não ter podido conter o rebanho rebelde que devastára os campos do visinho, eram esquecer-se de dar a horas certas o comer á vacca; as mais das vezes, porém, era o seu crime acceder aos convites d'aquella boa natureza abundante e provida, e em logar de fiar passivamente a sua grande rocada de estopa, saltar pelos campos alegre e travessa, comendo as uvas que trepavam em grandes cachos pelos altos castanheiros, rollando-se pela terra tepida e fecunda, atirando seixos ás aguas tepidas de rio que se escoam palreiras pela margem arrelvada onde os ephemeros voam zumbindo.

A pouco e pouco n'aquella atmosphera pezada e gelida que a envolvia como nas paredes de um carcere, a pequena orphã, que d'antes parecia uma flor, foi emmagrecendo e perdendo a rosea côr da pelle.

Fez-se arisca, muda, reservada, d'uma tristeza selvagem e estranha.

O corpo acostumára-se ao trabalho, a alma essa

parecia ter fugido, fugido até se refugiar n'algum ponto inaccessivel onde a ninguem era dado alcançal-a.

Quem sabe o que se passa entre Deus e a alma das crianças? Que poeta poderia cantar o poema de melancolia indefinida que encerra uma alma infantil a quem o mundo recusou todas as alegrias, no seio das quaes ella se fortalece e desenvolve?

Porque as crianças não sabem expressar se pensa o vulgo que ellas não sabem sentir.

E no emtanto, todas as fibras intimas que mais tarde ao aspero atricto da realidade endurecem e perdem a flexibilidade delicada e o mimo nativo, vibram em annos infantis ao menor toque, despedaçam-se a qualquer contacto menos brando.

Tudo que é depois o homem, está em germen na alma limpida da creança, como tudo que ha de ser o carvalho gigante, que é sombra para o valle, abrigo para os passaros, frescura para o viandante, está em germen na pequena glande.

Quem é que soube jámais contar o tormento da semente lançada em chão ingrato, que tende em vão desabrochar á luz do sol e mergulhar na terra hostil e dura as suas raizes esfaimadas?

De certo que a pequena Maria o não saberia exprimir. A verdade é que d'ella, da creança buliçosa e alegre que ao principio atroava os campos com a explosão da sua vitalidade opulenta, só restavam os longos cabellos espessos, louros, annelados e indomitos, e os olhos azues pasmados, como que ab-

sortos n'uma scisma indefinida de que ella propria não sabia a origem nem o fim.

A sua intelligencia era uma ave prisioneira que a ignorancia apertava em rede de ferro. Não se entendia a si mesma. Tinha cogitações dolorosas que a cançavam como um pezadêllo, entrevia confusamente, na vaga penumbra do entendimento, uma ideia qualquer: tentava avassalal-a, prendêl-a, dar-lhe fórma, e ella esquivava-se-lhe, adelgaçava-se no espaço, esvaia-se de todo como os vapores que de manhã bordam as margens do rio de rendas phantasticas.

Ás vezes nos dias quentes da primavera, quando a natureza celebra os seus velhos mysterios de renovação universal, e de todas as cousas se exhalam effluvios, segredos, harmonias, e aquellas caricias sãs que inoculam seiva nova nos organismos virginaes, ella sentia dentro d'alma um grande, um vago amor, que não tinha objecto. Era a sua alma orphanada a pedir á natureza os beijos que a mãe lhe recusara.

Ficava-se horas e horas esmagada sob o pezo da sua isolação, esquecia-se de fiar, deixava em liberdade absoluta o rebanho que lhe confiavam, e quando n'uma visão rapida e importuna via os maus tractos que a esperavam em casa, estremecia com medo, e nem por isso ganhava animo de vencer a sua inercia absoluta.

Era muito desgraçada.

O frio gelava-lhe os membros, gretava-lhe e en-

chia-lhe de frieiras as mãos pequenas, entorpecia-lhe os pés descalços a ponto de lhe ser um supplicio cada movimento, e no emtanto tinha de correr sobre os calháos agudos da estrada, e sobre os duros angulos dos rochedos, tinha de saltar os comoros de pedra solta, tinha de rasgar as carnes tenras pelos silvedos e sarças e tojos bravos do matagal.

Outras vezes os abrazados calores do estio abatiam-na, deixavam-na sem força, oppressa, cheia de sêde e com um profundo desgosto da vida.

No outono e na primavera era-lhe menos hostil a natureza. Então vinham-lhe energias subitas, tinha impulsos de fugir para longe, mas onde havia ella de refugiar-se?

E depois prendiam-na os animaes. Caprichosa como era, affeiçoara-se ao rebanho caprichoso que pastoreava pelas penedias abruptas, e pelas encostas arrelvadas. Quando as suas cabras soltavam a voz lamentosa e tremula parecia-lhe a ella que traduziam a dôr muda que a matava a pouco e pouco.

Os velhos pastores, e os mendigos errantes que acertava ás vezes de encontrar tinham-lhe contado historias extranhas de bruxedos, de maus fados, e de encantamentos, e a sua imaginação luminosa e transparente acolhera todas aquellas lendas phantasticas dando-lhes novo brilho, novo colorido e nova vida como o raio do sol faz aos atomos de poeira que vão brincar á sua luz risonha.

Sem o saber era uma alma sonora e vibrante! Para ella na natureza que a cercava ora carinhosa

como um beijo materno, ora lugubre, soturna e gellida, ora ebria de flores, de verduras e canticos, tudo tinha uma voz correspondente aos seus varios aspectos.

Quando o trovão fazia ouvir a voz medonha, ella tremia de medo porque sentia sobre a sua cabeça a colera de Alguem que não conhecia e que a assustava.

Quando as sebes se desabotoavam em vegetação luxuriante, e os insectos zumbiam nas hervas altas, e a passarada armando os ninhos dava os seus concertos gratuitos nos altos pinheiraes, parecia-lhe a ella que as fadas andavam tecendo em torno d'ella as suas danças caprichosas, e enchendo-lhe os ouvidos com a musica das suas vozes.

No outono a tristeza que envolve a natureza como um sudario plumbeo, tambem se lhe reflectia no pobre coração solitario e inconsciente. Tinha pena das folhas que se despegavam silenciosas e amarelladas dos grandes troncos nodosos, das aves que viam descoberto e desabrigado o seu ninho da primavera, das hervas que murchavam e se dobravam resequidas, das borboletas de que não conhecia as metamorphoses mysteriosas.

Muitas vezes, no verão, em vez de se acolher ao nicho escuro que a familia lhe dava para alcôva, ia dormir ao ar livre sobre as medas de feno ceifadas de fresco. Então aquelle cheiro penetrante subia-lhe ao cerebro como uma embriaguez, e as estrellas que lá em cima bordavam o grande pavilhão azul

escuro parecia-lhe a ella que a olhavam muito attenta e que lhe fallavam em coisas maravilhosas como as que a gente vê nos sonhos.

Assim foi crescendo, sósinha, sem amigas, um um tanto allucinada mas d'uma allucinação serena e silenciosa.

Quando as raparigas da casa abalavam para as romarias com os seus trajos garridos, a tamanquinha na ponta do pé, o chapeu de feltro de abas largas sobre o lenço multicor cahido sobre as espaduas, o seio arfando sob o pezo do ouro, Maria via-as partir e ficava scismando. Só para ella não havia festas nem romarias, nem serões cheios de musica e de risadas! Tristes quatorze annos os seus tão desconfortados e escuros!

Um dia constou ao abbade a existencia da pequena orphã. Chamou Silvestre o lavrador, e reprehendeu-o asperamente. Representou-lhe as contas que tinha de dar a Deus pelo desamparo em que deixava a engeitadinha, especie de pagã que nunca ia á missa, nem se confessava, nem talvez soubesse que havia Deus. Fez-lhe comprehender o contraste que havia entre as suas filhas verdadeiras e aquella filha adoptiva pela qual respondia perante os homens e o tribunal divino, e depois da sua predica convencida e moral senão eloquente, alcançou do usurario camponio a promessa de que a pequena frequentaria d'ali ávante a Egreja e os sacramentos.

Foi uma crise feliz na vida de Maria. Compraram-lhe uma saia de burel, uma roupinha de chita, umas

tamancas e mandaram-na á egreja, que ficava um pouco afastada do casal de Silvestre, e que por esse motivo ella não tinha visto nunca.

A primeira vez que lá entrou era dia de festa, o abbade officiava com os seus paramentos ricos; na egreja pequena e forrada de damasco carmezim bordado a ouro, resplendia a luz de muitos cyrios, respirava-se o perfume enervante do incenso; a imagem da Virgem, com o manto azul recamado de estrellas amarellas, a cabelleira de anneis pretos, os olhos de esmalte e a bocca de vermilhão, risonha e com o menino louro nos braços, pareceu a Maria o que aos devotos italianos do seculo XIV deviam parecer as madonas de Cimabué. O orgão, ainda que tocado por mãos inexperientes, como que desentranhava do seio, aos ouvidos encantados de Maria, uns segredos graves, plangentes, melancolicos, de desolação indefinida.

A pequena, absorta, espantada entre o extase e o medo, cahiu de joelhos na sombra d'um pilar, sentiu dentro da alma um estremecimento sem nome, e pela primeira vez na sua vida os nervos distenderam-se-lhe, o peito experimentou um allivio subito, uma torrente de lagrimas impetuosa e indomita rompeu-lhe dos olhos alagando-lhe o rosto emmagrecido.

Quando a multidão endomingada se escoou n'aquelle tumulto semi-respeitoso, que ha nas egrejas em dia de grande ajuntamento, pela estreita porta do templo de aldeia, Maria deixou-se ali ficar meio oc-

culta no seu cantinho, encantada de tudo que vira, surpreza, ao mesmo tempo triste e embevecida em jubilo.

No emtanto o abbade fôra para a sachristia despir-se, acompanhado dos dois padres seus collegas.

O bom do velho tinha que fazer, reclamava-o a vinha, não a do Senhor, a sua propria, que se desatava em opulentos cachos, e que lhe levava todas as horas vagas do dia; tinha fome, porque a festa acabara tarde, e de todos estes motivos reunidos provinha a sua pressa em recolher á residencia.

Sahia pois da egreja deixando atraz os outros dois padres que tinham vindo coadjuval-o na festividade da sua parochia, e que deviam juntar-se-lhe d'ali a pouco para o farto e succulento almoço abbacial, quando ao atravessar a egreja silenciosa, e allumiada apenas pela luz baça das lampadas de metal amarello, reparou para aquelle canto escuro e deu com a pequena Maria.

—Que fazes tu aqui sósinha, pequena? disse elle com a boa e grossa voz jovial que se ouvia acima de todas no cantochão, e na vendima.

—Eu nada, meu senhor, estava a olhar.

—A olhar? e gostas de vêr isto? perguntou com um certo desvanecimento.

Elle na egreja que parochiava julgava-se um pouco em sua casa.

—Gosto, sim senhor, ai gosto tanto!

—Eu não te conheço. Quem és tu? Não sabes que eu sou o sr. abbade.

—Não sabia, respondeu ella simplesmente. Como o havia de saber? Eu nunca vim cá.

—Nunca vieste á egreja com essa idade? Querem ver que tu és a Maria, a *Engeitada* do Silvestre.

—Sou, sr. abbade, respondeu humildemente Maria que já se acostumara áquelle triste nome.

—Já vejo que o Silvestre se portou como homem honrado deixando-te vir aqui conforme lhe ordenei. D'aqui em diante virás todas as semanas aprender commigo a doutrina, ouviste?

—Se me deixarem... objectou Maria timidamente.

—Hão de deixar. Eu fallarei ao Silvestre. Não quero que sejas uma hereje, rapariga. É preciso confessares-te, tomares a communhão, entrares no gremio catholico.

—Sim, senhor, respondia ella, sem entender o que lhe diziam, com os olhos muito espantados, mas sentindo por instincto uma especie de benevolencia desacostumada na voz grossa d'aquelle velho espadaúdo e vigoroso, que tinha umas botas altas com borlas de retroz, um chapeu de tres bicos tão exquisito, uma sobrecasaca comprida e um enorme guarda sol de panninho preto nas mãos grosseiras como as de um jornaleiro.

Desde esse tempo na sua vida monotona, houve um acontecimento periodico, que lhe servia de diversão e como de descanço.

Era a lição de doutrina dada pelo velho abbade.

Ao principio a lição era na egreja.

O velho, amplamente sentado no confessionario de pau preto, com o lenço encarnado sobre os joelhos, a caixa de rapé nas mãos; ella humilde, ajoelhada, toda envergonhada da sua absoluta ignorancia, que lhe chasqueavam e escarneciam em casa os mesmos que eram os unicos culpados d'ella.

O abbade tinha bom coração, e a pequena sentia-o com o seu instincto infallivel.

O que elle porém não tinha era methodo de ensino, depois a verdade é que as lições eram curtas, incompletas, porque o impacientava o ser obrigado a conservar-se mais tempo do que era seu dever restricto na sombra humida da egreja, n'aquelle cheiro de incenso, de cera, de azeite e de bafio, a que não podiam affazer-se os seus rijos pulmões que se dilatavam ao bom ar do campo, ao embate da impetuosa ventania do norte, ao alegre sol de Deus que doira as cearas, e amadura os vinhedos, ao cheiro sadio das hervas aromaticas e dos fenos ceifados.

Não tinha grande instrucção theologica o bom do abbade, nem excessivas propensões asceticas. Era padre como teria sido outra qualquer cousa, mas como possuia, sem estudo e sem esforço, a caridade e a justiça, era bom padre, e teria sido n'outra qualquer posição social bom pae de familia e bom cidadão. O seu entendimento era curto, mas recto; não entendia de finas argucias, de subtilezas de consciencias timidas; o bem parecia-lhe uma estrada larga, plana e direita, de muito mais facil transi-

te que o mal. Nunca travára conhecimento com o lendario Satanaz que tentava os ascetas na cella do convento nua e fria, ou na selvagem solidão das longinquas thebaidas. Como antes de ser padre era já uma natureza honesta e sã, cumpria o que prometterа a Deus com a mesma escrupulosa exactidão com que cumpriria as promessas feitas aos homens ou á propria consciencia. As duvidas, as incertezas, as tentações do peccado, as luctas da materia com o espirito conhecem-n'as sómente os organismos nervosos, delicados, vibrantes, nos quaes se produzem os desequilibrios physicos e intellectuaes.

Estes porém sabem ter em certas horas as finuras de intelligencia, que a simples bondade das naturezas rusticas nem sempre logra suprir.

Como quer que seja, a *Engeitada* não progredia muito no estudo; intimidavam-n'a as impaciencias do abbade, ficava muito encolhida, com as lagrimas nos olhos, esquecida e titubeante.

—Crédo! a pequena è de todo idiota! dizia o velho de si para si ao vêl-a n'aquelle estado.

—Olha, sabes que mais? disse-lhe elle um dia; tu assim como assim não aprendes nada, e eu perco um tempo que me faz falta como a fortuna! Se basde vir ter á egreja, vai lá abaixo á vinha. Eu vou te dando lição e tomando conta nos homens, que aquillo em lá se pilhando sós arrazam-me tudo, pequena!

E assim foi.

Estavam ambos mais á vontade. O velho podava, enxertava, arranjava o caniçado do seu alegrete de craveiros, e malva-rosas, vigiava os trabalhos e ao mesmo tempo ensinava á pequena as rezas, a doutrina, isto com interrupções comicas que a faziam rir, mas que a não desanimavam.

Como o abbade fosse ali mais benevolo, Maria a pouco e pouco acostumou-se a elle, affeiçoou-se-lhe profundamente. Ás vezes, finda a lição, demorava-se a ajudal-o na sua lida incessante n'aquella vinha onde havia arvores de todas as qualidades e que elle amava como o seu reino, a sua familia, o seu dominio unico na terra. Plantara aquellas arvores, eram as suas filhas, e no homem é tão forte, indomavel, profundo o instincto paternal, que acha sempre um meio de transformar-se e de expandir-se.

—Olha, contava então elle, com grandes minudencias e explicações, esta pereira que vês aqui tem dez annos; quando a plantei, sabes lá, julguei que a geada m'a comia, tive um trabalho! Agora está tão bonita, não está? Quando vem o tempo cobre-se toda de flores brancas; a fidalga que veio cá n'uma occasião em que ella estava em flor, comparou-a a uma noiva, eu cá não sei, o que te digo é que nunca vi noiva tão bonita como a minha pereira... Queres tu uma pera? Ahi tens, come. Lá em casa do Silvestre não pilhas tu d'isto; é manjar dos anjos.

Ella trincava a pera com os dentes miudos e brancos, e o velho sorria-se paternalmente não

sei se para o fructo da sua arvore, que escorria um summo doce e abundante, se para a pequena orphã que o saboreava voluptuosamente.

Um dia o abbade e Maria encontraram um ninho de melros na rama d'um castanheiro. Foi uma festa para o velho e para a creança!

—Que tal! dizia elle, cá está o bregeiro que todas as manhãs assobia tanto ao pé da janella, que me acorda. Dispensa o despertador do relogio. Em rompendo a madrugada já o tal amigo me vem chamar.

Assim se ia estabelecendo entre os dois uma intimidade que consolava a desamparada creança.

Em pouco tempo estava preparada para confessar-se.

Á proporção que certas verdades se lhe iam revelando ao espirito, comquanto ainda incompletas, mal esboçadas, sentia-se ella mais tranquilla, mais reconciliada com a vida, menos esmagada sob o pezo do seu destino.

D'antes repartia com os pobres o seu escasso quinhão de pão duro, porque o instincto lhe pedia, agora percebia que se aproximava do bem quando alliviava de algum modo as miserias ou as dores estranhas.

Começava a sentir Deus.

III

Fez quinze annos. Que doce e radiosa idade para os que têem mãe, e têem familia, e são amados, e vêem ao espelho um rosto onde as primeiras rosas da primavera começam a desabrochar.

> Quinse ans ô Roméo, l'âge de Juliette
> L'âge ou vous vous aimiez, ou le vent du matin,
> Sur l'echelle de soie aux chants de l'alouette
> Berçait vos longs adieux et vos baisers si lents!

A leitora já viu porventura o original ou a copia da, Margarida de Ary Scheffer? O artista francez deu uma fórma profundamente verdadeira á imagem ideal do poeta germanico. É a perfeita Margarida da lenda, antes da queda, timida e arisca, d'uma formosura selvatica e estranha. Os cabellos louros, um tanto crestados pelo sol e meio occultos sob a coifa modesta, têem reflexos de prata, e os olhos abertos, vagos, pasmados, parecem ver passar ao longe umas visões indistinctas que a assustam e a extasiam. No corpo d'ella ha um profundo abandono, um cansaço que mais provém das scismas do espirito, que da actividade physica; tem as mãos magras, longas e finas cruzadas no regaço, a roca cheia de linho posta ao lado, e uma grande e

invencivel indolencia, um como lethargo morbido em toda a sua postura meditativa e triste.

Havia instantes em que Maria podia servir de modelo encantador para o formoso quadro do pintor francez. Havia n'ella um mixto de ingenuidade e altivez, era ao mesmo tempo séria e humilde e no seu sorriso de virgem havia todas as ignorancias e todas as amarguras.

N'um dia de agosto em que ella completava os seus quinze annos, tinha lugar, a curta distancia da sua aldeia, uma das mais afamadas romarias do Minho. Pela estrada que estendia pelo meio dos campos lavrados, dos pinheiros resinosos e dos castanheiros entrelaçados de pampanos, a larga fita branca cheia de curvas, passavam alguns trens descobertos vindos de Braga com umas figuras femininas equivocas, vestidas de côres vivas, n'uma grande expansão de alegria e de risadas; iam a pé os bandos de cachopas e camponios, todos vestidos de festa com as violas e as flautas na frente, tocando umas melopêas monotonas que o canto ao desafio da turba acompanhava a compasso.

Passavam as mulheres da limonada com a canastra á cabeça contendo todos os ingredientes da abominavel geropiga, outras com o jantar que havia de comer-se mais tarde á sombra dos sobreiros copados.

Pouco a pouco o barulho da estrada serenou, só a espaços cortava o silencio dos campos solitarios o estampido d'uma girandola de foguetes, ou o es-

talo dos morteiros que subiam ao ar com grande applauso da matula.

No largo do arraial, enorme, animado, onde o arvoredo recortava as grandes manchas sombrias, havia porém um movimento extraordinario.

O vinho corria em jorros das grandes pipas postas em renque, os homens atarefados, contentes, cheios de pilherias e de ditos joviaes, serviam o povo que se apinhava em torno d'aquellas vendas ao ar livre, bebendo, bebendo com sede inextinguivel.

Nos fornos de cal e areia levantados de proposito para aquelle fim, assavam-se grandes peças de vacca, de vitella e de carneiro, que pelas dimensões e pelo modo por que ficavam meio cruas e ensanguentadas, seriam dignas de ser servidas n'um banquete scandinavo.

Debaixo das grandes barracas de lona, por detraz do balcão onde se acastellavam as saborosas roscas, os bolos exteriormente brancos, e de um amarello de gemma apetitoso por dentro, a fructa, as queijadas, os rebuçados, os pães de ló, e varios piteus, requebravam-se as vendedeiras, umas de rostos cansados, macillentos e gastos, outras vermelhas, rubicundas, risonhas e provocantes.

Os soldados disseminados em pequenos grupos em volta das espingardas ensarilhadas no centro do arraial, diziam chalaças ás cachopas, contavam anecdotas, tinham graças, observações, trocadilhos de quartel, muito applaudidos pelos circumstantes.

Aqui e ali armavam-se danças; as *esturdias* passavam de lado para lado, levando atraz de si os olhos e os corações das raparigas.

Havia no ar um clamor enorme que sahia d'aquella multidão em gaudio, clamor composto de gritos, de cantigas, de sons de viola, de risadas, de tropel de animaes, de discussões mercantís, de phrases, de finezas e do prazer das fartas comezainas.

Era orgiaco e esplendido de vida, de saude, de alegria robusta, como uma *Vermesse* flamenga.

Fôra descendo a tarde.

O ar abafava. Das bandas do poente agglomeravam-se no horisonte, em lavores rendilhados e phantasticos, as immensas nuvens roxas, purpureas e alaranjadas, leito opulento onde o sol mergulha ao desmaiar.

Na alta rama do arvoredo os passaros sacudiam as pennas, soltavam chilros agudos, despertavam do torpor em que os tivera a ardencia tropical da soalheira.

Pela estrada, de volta da romaria, vinham cavalgando a passo tres rapazes.

Eram o typo perfeito do estudante minhoto em ferias.

Tinham ido como espectadores á romaria; a pouco e pouco esse ambiente impregnado da grosseira alegria popular, havia exercido a sua influencia excitante n'aquellas naturezas plebeias.

Tinham bebido, comido, dançado, beijado as ra-

parigas, que se esquivavam gritando e soltando pouco melodiosas pragas, vinham contentes de si, tinham no seu entender sido *espirituosos*, irresistiveis, invejados; as avantajadas malgas de vinho verde produziam o seu costumado effeito.

Quando elles iam tumultuosamente discutindo as varias aventuras em que haviam figurado, um cão desceu com grandes latidos a encosta ingreme que se levantava quasi a pique d'um dos lados da estrada, e atirou-se furioso contra as pernas do primeiro cavallo.

O estudante brandiu o chicote com vigor brutal e atirou o pobre cão a dez passos, derreado e lastimoso.

Então ouviu-se um grito de angustia, um grito cheio de lagrimas, e uma rapariga alta, delgada, descalça, de cabellos louros e estupentados, appareceu correndo pelos penhascos agudos que se debruçavam no caminho.

O cão era o *Fiel*, a dona que assim corria em seu auxilio, era Maria.

—Caspité! que bonita cachopa! exclamou um.

—É de appetite! acudiu outro com gesto guloso e sensual.

—E vale a pena perder a gente um bocado a conversar com ella! concluiu o terceiro, que parecia commandar o rancho.

Em menos d'um minuto, a *Engeitada*, que tivera a imprudencia de saltar para o caminho em defeza de *Fiel*, viu-se cercada.

—Has de dar-nos um beijo, pequena, oh! se hás de! Um beijo a cada um. Bem vês que nos contentamos com pouco.

Maria quedava-se espavorida, com os olhos fixos, e uma agonia indizivel na expressão.

Fiel ladrava desesperadamente... de longe.

—Deixem-me! bradou por fim a orphã. Que lhes fiz eu aos senhores para me atormentarem? Bem basta o que fizeram ao meu cão.

—Não nos fizeste nada. Pelo contrario. É que és linda, és uma joia coberta de farrapos. Vimos da romaria onde ha as moças mais bonitas do Minho, d'este Minho celebre pelo vinho verde e pelas moçoilas, e não encontrámos lá cousa que te chegasse aos calcanhares. Isto apezar de não estares lá muito bem vestida, porque tu no fim de contas não és um modelo de elegancia, creio que o sabes,—isto dizia o mais desembaraçado, o mais senhor de si, o mais palavroso dos tres entre as grossas gargalhadas dos companheiros. Se tu entendesses de cousas mythologicas comparava-te á Galathéa do Virgilio, de massadora memoria, mas como não entendes, deixemo-nos de palavriado, e toca a pôr já para aqui um beijo, o melhor beijo da tua collecção.

E apeou-se; os dois seguiram-lhe o exemplo.

Maria, vendo-se entregue sem defeza áquelles homens que o vinho desvairava, tapou com as duas mãos os olhos e o rosto e rompeu em choro convulso e clamoroso.

Rapidamente n'aquella vertigem com que nos aco-

dem os pensamentos máus, lembrou-se das historias que ouvira contar mais d'uma vez ás companheiras que encontrava no matto, e viu passar ante os olhos, alquebrada, cheia de farrapos, com os cabellos brancos, e as faces pustulentas, uma pobre mulher d'aquelles sitios que tivera negro fado, em consequencia, ao que diziam, d'um encontro como aquelle.

Um d'elles lançou-lhe o braço em roda da cintura puxando-a para si, ella deu um grito immenso como o desespero que lhe ia n'alma, e cambaleou, quasi sem accôrdo.

—Que é isto, que fazem vossês aqui, e porque chora essa rapariga? disse uma voz grave e musical que ella ainda não ouvira.

Os tres rapazes, todos absortos no divertimento d'aquella montaria, não tinham reparado que a scena de que eram protogonistas tinha um espectador.

Era um moço que teria quando muito vinte annos, alto, delgado, de physionomia expressiva e aristocratica distincção.

Vinha a pé, seguido a curta distancia pelo seu cavallo, um bello alazão de fina raça, e corpo elastico e flexivel.

Maria percebeu instinctivamente, só de ouvir aquella voz, que Deus lhe mandava um defensor; destapou os olhos e fixou-os no recem-chegado.

—Oh! tu por aqui, D. Luiz! disseram a um tempo os tres, visivelmente enleiados, mas sem o quererem parecer. Não te esperavamos.

—Bem se vê, respondeu elle serenamente e proseguiu: Vamos d'ahi, vossês estão doidos. Isto não é coisa que pratiquem rapazes de boa alma e de boa educação. Eu sou amigo de todos tres,—e havia ao dizer isto na sua voz um imperceptivel cambiante de desdem, e no seu olhar um fugitivo vislumbre de ironia,—e não quero questionar comvosco por um motivo d'estes, nem tão pouco permittir que perto de mim se pratique uma acção deshonesta e cruel, sem que eu proteste com todas as minhas forças contra ella. Não nos ponhamos n'esta collisão desagradavel.

—Que tens tu com isto? titubeou o mais gordo, o de aspecto mais vigoroso, mas interrompeu-o logo o das citações classicas e dos chistes de obra grossa.

—Vamos lá, visto que pedes, fazemos-te a vontade, e deixamos a dryade esfarrapada no meio dos seus bosques. É que leve-me o diabo se tu não tens um modo firme e sereno de dizer as cousas que eu te invejo. Tomara eu imital-o.

Houve ainda da parte dos dois uma velleidade de resistencia que o olhar fixo, reflectido e serio do defensor de Maria aplacou rapidamente.

Os tres montaram a cavallo, humilhados, raivosos, tentando rir, mas sahindo-lhe o riso forçado e falso.

O que elles tinham chamado D. Luiz, deixou-os partir, fingindo que arranjava alguma coisa nos arreios do cavallo; depois, tirando rapidamente da bol-

sa uma pequena moeda d'ouro, estendeu-a á orphã, que ficava boquiaberta e silenciosa no mesmo sitio.

—Não quero, disse ella em voz oppressa, empurrando quasi com violencia a mão do moço.

—Acceita, minha filha, respondeu este—e havia na sua voz uma doçura infinita e santamente caridosa—não é para te offender que te dou esta pequena lembrança.

—Lembrança? É uma lembrança sua? ah! isso sim, tornou ella com uns modos extranhos e um subito enternecimento a desfallecer-lhe a voz.

D. Luiz fixou na pobre cabreira os seus olhos negros a um tempo meigos e serios.

Causava-lhe surpreza a isenção, a castidade, o desinteresse altivo d'aquella creança miseravel, tão miseravel que só ella não partilhava n'aquelle dia da immensa alegria que alvoroçava as povoações comvisinhas.

Depois montou rapidamente a cavallo, e desfillou a galope com o busto magro, flexivel e elegante destramente equilibrado sobre o alazão que corveteava com triumphante alegria.

—Bom! estou aqui eu agora tambem com preconceitos aristocraticos, como meu pae e minhas tias! pensava elle correndo á redea solta pela estrada. Que admira que uma creança, porque não tem a educação nem a raça, tenha os finos instinctos e as delicadezas nativas?

E com esta reflexão foi juntar-se, para maior cau-

tella, ao grupo dos tres que já se ia perdendo n'uma das curvas do caminho.

IV

Tinham chegado os missionarios á freguezia de Soutello. Andava grande alvorôço entre as devotas da terra e dos arredores.

Faziam-se bastos commentarios ácerca dos dois padres que andavam prégando a palavra evangelica, a expiação e o sacrificio ás gentes empeçonhadas pelo vicio e pela descrença.

Um d'elles sobretudo, precedia-o grande fama de prégador e de sacerdote exemplar.

Era o Padre Honorio, o mais moço dos dois.

Tinha 30 annos, era alto e magro, tinha o rosto comprido, o perfil socratico, a testa alta e cavada nas fontes como a dos grandes ascetas, gastos na expiação, na penitencia e nas meditações religiosas.

Os olhos negros, fundos, brilhantes de mystico fervor, tinham um grande poder de fascinação.

A sua palavra era sonora, inspirada, vibrante, cheia de colorido, de imagens, de indignação apaixonada.

Fôra feito da massa de que se faziam nas epocas primitivas do christianismo os grandes doutores que illuminaram a Egreja, e fizeram d'ella o

mais forte, o mais respeitado, o mais universal dos poderes humanos, e de que nas idades posteriores de lucta e de combate se faziam os sombrios fanaticos convencidos, que tentaram de balde oppôr um dique á torrente indomavel do pensamento revolucionario e que pugnaram pelas suas ideias muito tempo com victoriosa tenacidade e admiravel vigor.

Moço, e com o coração ainda virgem de todas as paixões terrestres, a vocação—o que é raro—arrastara-o para junto dos altares.

Seguira uma intima voz imperiosa, offerecendo as castas primicias do seu sêr á Egreja perseguida de Jesus Christo.

Por uma consequencia logica do seu caracter severo, e retemperado nas convicções profundas, não admittia a minima concessão da parte da Egreja, não podia comprehender que ella a Immutavel, a Eterna, a Invencivel caminhasse com os seculos transformando-se sob a influencia indirecta das ideias, á mercê das procellas revolucionarias. Era um monge da primitiva Egreja; fóra do seu Crédo não conhecia a salvação.

Para elle o catholicismo era alguma cousa de mysterioso, de grande, de divino, inaccessivel pela sua origem á baixa influencia d'este insecto d'um dia chamado homem. Tirar uma pedra só que fosse d'esse edificio perfeito e acabado, era concorrer para a sua desmoronação.

Estava com a Egreja contra a sciencia que lhe abala os alicerces cimentados pelo sangue de tantos

martyres, contra a civilisação que tenta transformal-a em lenta evolução sacrilega aos seus olhos, contra a tolerancia que auctorisa os abusos, contra a indifferença e tibieza da fé que vae a pouco e pouco aniquillando o impulso moral das gerações.

Depois, como o seu espirito era d'estes espiritos rectilineos que não admittem as curvas nem as tergiversações, tinha para comsigo proprio o mesmo rigor inflexivel que tinha para com os homens e com as ideias.

Lêra todas as producções da critica e da philosophia moderna sem que a sombra d'uma duvida empanasse por instantes a transparencia luminosa da sua consciencia.

As descobertas da sciencia não o assustavam mais. A seu vêr não faziam ellas senão proclamar em voz alta as perfeições e o poder do Deus que elle servia, mas se tanto fosse preciso negaria a Sciencia para não negar um ponto só da sua Fé.

Estivera em Roma, e Antonelli, o athleta da Reacção politica e religiosa no pontificado e no mundo, e Pio IX, o sublime ancião, de pé, immovel e intemerato na sua alta fortaleza asseteada pelo seculo, haviam apreciado em muito a pureza das suas crenças, o vigor do seu vasto entendimento, a intransigencia militante das suas convicções d'homem e de sacerdote.

Em presença da indifferença religiosa que todos os dias cresce, e do relaxamento moral que vae contaminando o mundo, ao vêr desatados os laços da

familia, manchado o lar domestico, triumphante e medonho de poder o egoismo e o interesse no homem, estava de antemão marcado áquelle juvenil luctador do Bem o seu lugar na terra. Seria missionario. Repartiria a sua vida activa e forte entre os selvagens das terras longinquas, e os prevertidos do seu proprio paiz.

Agora vinha da Africa, onde soffrera pela fé com a resignação d'um Justo, e o estoicismo d'um philosopho antigo.

Preparava-se para dar nova batalha á ignorancia das gentes, mas antes de partir de novo para o seu audaz commettimento, tinha querido mais uma vez correr o Norte de Portugal, não sem esperança de levar a fé e o amor das rigidas virtudes ao espirito embrutecido e tibio dos pobres aldeãos, elle que soubera vencer não raro a arguciosa obstinação dos idolatras e dos barbaros.

Era isto que ahi deixamos dito que pouco mais ou menos proclamavam as pessoas cultas e bem informadas, do missionario que apparecia agora em Soutello.

Na primeira vez que elle ahi prégou, a egreja, pequena, mas bonita, toda orgulhosa dos seus doze apostolos de pedra que a cercam, parecendo guardal-a, estava apinhada de povo.

Elle subiu ao pulpito grave, sereno, com a grande luz das convicções sinceras a envolvêl-o como n'uma gloria.

Começou a prédica.

O abbade da freguezia indicara-lhe uma das chagas d'aquellas povoações. Incuria, miseria, falta de senso moral ou sejam quaes forem as causas, a verdade é que as creanças expostas são muitas; muitas as mães que mais desapiedadas que lobas engeitam o tenro fructo que lhes medrou no seio em longos mezes de dolorosa gestação.

Fois este pois o thema escolhido pelo padre Honorio.

Fallou por muito tempo; a sua linguagem castigada e pura fez-se humilde e chã para fallar áquelles entendimentos obtusos.

Foi energico, apaixonado, cheio de imagens ora triviaes ora sublimes; foi familiar e grandioso, choravam-lhe na voz os desconfortos da orphandade, as desolações infinitas do desamparo, as longas tristezas ignoradas, as humilhações crueis dos que não teem ninguem e são arrastados como a folha despegada da arvore á mercê das ventanias do inverno, havia uma ternura intima, unctuosa, indizivel, na voz com que elle implorava a Deus, ao Deus do castigo, ao terrivel Deus do Sinai, perdão para as fraquezas, para as culpas, para os desfallecimentos para, os mesmos crimes dos que não tinham conhecido os braços tepidos da mãe, a aquecel-os contra o seio, e a mão vigorosa e protectora do pae a guial-os nos caminhos escabrosos d'esta vida, por entre os abysmos turvos que a maldade humana rasga debaixo dos pés dos desvalidos.

Depois, subitamente, trovejavam-lhe na palavra im-

petuosa e callida como uma torrente de lava, as coleras, as indignações, o anathema fulminador contra as mães sem entranhas, mais crueis que as feras da selva, mais vis que as meretrizes de Babylonia.

Quando o prégador tinha levado a commoção popular ao seu paroxismo convulso, quando na egreja echoavam os lamentos e os prantos das mulheres, sem artificios de rethorica, obedecendo á poderosa inspiração que o arrastava e que o vencia, houve n'elle como que um reviramento subito; acalmou-se como se acalmam as ondas, passada a hora das grandes procellas, aquella indignação dolorosa que o transportava, e a promessa do perdão para os que se arrependessem e remissem o seu negro crime soou como as melodias d'um concerto celico na palavra sonora do missionario. Então contou as viris alegrias dos que luctam com o mal e o esmagam sob o pé triumphante, os hossanas entoados nas Alturas pelo regresso do peccador arrependido á casa do Senhor.

O seu auditorio rude e impressionavel como todas as naturezas primitivas, soluçava vencido; elle percorrêra com a mão poderosa o inteiro teclado d'aquellas almas simples. O terror, a piedade, o enternecimento, as amarguras do remorso, as doçuras celestiaes da expiação, tudo lhe tinha feito sentir e conhecer, sob o impulso do seu sagrado enthusiasmo.

Quando a multidão sahiu séria, recolhida, sob a influencia do que ouvira, poderia vêr-se em dois cantos da egreja duas mulheres que choravam.

Uma conhemo-la nós, era Maria. Eram doces as suas lagrimas como as dos que se sentem comprehendidos e consolados; a outra, que mais parecia alquebrada pelos desgostos que pelos annos, tinha soluços que lhe levantavam o seio nas convulções d'uma agonia inconsolavel.

A primeira levantou-se e sahiu atraz de todos; a segunda ergueu-se tambem, envolveu-se mais no manteu de baeta escura, e encaminhou-se com uma especie de hesitação dolorosa para a sacristia, onde o missionario, cançado, empallidecido, convulsionado ainda pelo Deus interior se rocolhêra tambem.

A mulher abeirou-se d'elle e fallou-lhe instantes baixinho, em voz affogada e oppressa; depois, precedida por elle, dirigiu-se para o confessionario que estava a poucos passos.

Quem no silencio soturno do egreja applicasse attentamente o ouvido, perceberia uns lamentos mal reprimidos, umas expressões cheias de lagrimas, uns gritos abafados de desespero, dominados a espaços pela voz severa e grave do confessor.

Depois, á proporção que a colera d'este abrandava, a agonia da penitente tomava um aspecto mais tranquillo.

Quando ambos se levantaram d'ali, ella vinha chorosa, curvada, mas calma; e no gesto e na expressão do moço sacerdote havia como que uma tristeza ineffavel e serena.

Se quizermos saber quem é aquella penitente que parecia esmagada debaixo do pezo d'um re-

morso, saiamos para o pequeno adro da egreja e ouçamos os varios commentarios da turba devota.

A maoria dos que ha pouco enchiam a egreja, gente séria, honesta e trabalhadora, tinha ido para suas casas ruminar a santa predica do missionario; restavam algumas beatas embiocadas e ociosas, alguns rapazes, e algumas cachopas amigas da tagarelice e do mexerico, que faziam observações ácerca da missão e do auditorio que a tinha ouvido.

—Repararam para a Angelina Marques? disse uma das beatas. Cruzes démo! A mulher parecia possessa do cão tinhoso. Aquillo eram soluços, eram gritos, eram lagrimas. Nunca vi cousa assim!

—Ó tia Domingas, pois vossemecê não se lembra que em tempos houve quem rosnasse... Não sei se me entende!... Crêdo! Nosso Senhor Jesus Christo me perdoe pelas suas bentas chagas! Eu cá não lh'o levanto, fallo pelas boccas do mundo. A culpa tem quem teimava e affirmava que ella engeitou uma creança antes de se casar! Eu cá por mim ia jurar que é mentira! agora que aquelle espalhafato d'hoje tem que se lhe diga, isso é que é verdade.

—Ora deixe lá! senhora, acudiu d'ali uma trigueira e robusta rapariga, que escutava de parte o arrazoado das duas velhas. A tia Angelina ficou assim a modo *insensada* desde que lhe morreram os filhos. Dois rapazinhos que eram de fazer gosto a uma mãe, sobretudo o Antonio, continuou em voz um pouco tremula.

—Tu nunca te podeste consolar da morte do tal

Antonio, voltou a tia Domingas com azedume. Santo Breve da marca! olha que é peccado um tal amor de creatura, rapariga. E então por um fedelho de 13 annos.

—Pois deixe o ser, não é da sua conta. Vossemecê não é que hade pagar na outra vida pelos meus peccados.

—Olhem a delambida. a tôla! clamava a velha com grandes gestos, emquanto que um grupo que se formára ali ao lado discutia mais placidamente os meritos dos dois filhos de Angelina, ambos mortos havia pouco tempo.

—E a filha, dizia um rapaz, que nome tão bem empregado que ella tinha, o nome de Rosa. Era uma rosa, um perfeito botão! Essa morreu de bexigas, quando ellas cá andaram na terra. Desde esse tempo a tia Angelina Marques nunca mais teve um riso n'aquella bocca. A mulher parece alma penada.

—Lá como o outro que diz que não parece senão que um castigo entrou n'aquella casa, isso é que ninguem póde negar. *Nanja* que sejam pobres! Cada vez são mais ricos. Para mais ajudas morreu lá no Rio aquelle irmão do Antonio, que deixou ao que parece dinheirama em barda. Mas que lhe importa a elles a riqueza, se não teem um só filho a quem a deixar, não me dirão!

N'estes e n'outros commentarios se entretinham os ociosos que haviam ficado á porta da egreja, quando a nossa antiga conhecida, a *coquette* de ha quinze annos, Angelina Marques, a mulher do An-

tonio *soldado*, sahiu do templo, tão pallida como uma imagem de cêra, de olhos pizados e inflammados onde havia uma especie de desvario.

Não fallou a ninguem, passou como uma flecha e sumiu-se em direcção á residencia do abbade.

V

Quinze dias depois do que deixamos dito, n'um dia em que Maria só, como o seu costume, e sentada n'um penhasco do monte, virava e revirava nas mãos, n'uma especie de pasmo jubiloso, uma pequenina moeda de ouro, viu chegar a correr uma das filhas dos seus patrões. Espantou-a aquella apparição completamente inesperada. Julgou que houvera em casa qualquer desgraça, e escondendo muito depressa a sua moedasinha que dissereis amuleto magico, perguntou espantada:

—Que ha de novo? Que ha de novo, menina?

—Não te sei dizer, respondeu a outra offegante mas com brandura muito para estranhar. O sr. abbade está lá em baixo na herdade, quer-te vêr, diz que te vem buscar. Que vaes ser rica! que tens paes e muitas cousas que eu ouvi de relance, porque me mandaram a correr cá a cima chamar-te.

Maria, muda, muito pallida, com os olhos fixos e pasmados, seguiu cambaleante.

Não percebeu bem tudo que lhe diziam, nem a sua imaginação podia conceber assim subitamente sem preparação alguma, a mudança completa que ia haver no seu destino. Se alguem tivesse o olhar bastante profundo e claro para penetrar n'uma alma que a si propria se ignora, que é para si propria um mysterio, e que não sabe apreciar nem classificar as proprias sensações, perceberia que não era positivamente de alegria a torrente turva e confuza que inundava a alma de Maria. Aquelle nome sagrado de paes, não tinha feito vibrar no coração da *Engeitada* nenhuma nota affectuosa. Via sem bem saber porque as via, todas as noites de frio, em que ella tremia a chorar no seu nicho de cão, via todas as humilhações que soffrêra, os maus tractos de que fôra victima, as palavras e os olhares de odio, o despreso cruel dos transeuntes, o desdem dos que tinham familia e lar, e amores, e de todas aquellas visões rapidas, vertiginosas, indistinctas, exhalava-se uma grande amargura, uma voz severa como uma accusação.

Quando Maria chegou em frente do seu velho amigo o abbade de... estava mais triste de que nos dias em que ia á vinha dar lição de doutrina.

—Maria, disse-lhe gravemente o bom do velho, dobrando para ella o pescoço taurino cercado por um duplo cordão de carne, louva o Senhor, porque tens Mãe e Pae, que te querem, e te hão de estimar muito.

Depois o abbade fez saber a Maria quanto cum-

pria que ella soubesse para entrar no seu novo destino, de como o missionario e o abbade de Soutelo tinham feito pesquizas para encontrarem a filha engeitada do rico lavrador Antônio do Nascimento, como se soubera no hospicio que ella fôra enviada havia annos para a sua freguezia, de como elle viera a saber que era ella Maria, e a alegria que tinha sentido, e a felicidade que Deus lhe mandava.

—E o sr. abbade diz que os meus paes são ricos? perguntou a pequena, que ouviu grave, altiva e pallida, a longa alocução de seu mestre.

—Digo sim, mas que monta isso, filha? Pobres que fossem creio que havias de ser para elles a mesma.

—Não! sr. abbade, objectou ella com tal compostura e tão serena dignidade que ninguem diria que era uma pobre cabreira *engeitada* á nascença que assim fallava—se elles fossem pobres havia de ser mais amiga d'elles. Quem é pobre e tem fome, póde não ter um bocadinho de pão para os seus filhos, mas quem é rico!...

E calou-se, porque a voz tremia-lhe muito e começava a vencêl-a a commoção.

Não seguiremos todos os incidentes da restituição de Maria aos paes. Nós não fazemos por assim dizer mais que a historia d'uma alma.

A situação de Angelina e de seu marido comprehende-se de sobra. Os filhos que eram a sua alegria tinham-lhes morrido como se a Providencia nos seus decretos mysteriosos os quizesse castigar onde ha-

viam peccado. Agora viviam sós, muito tristes, accusando-se mutuamente, arrependidos do que haviam feito, mas sem acharem em si, desajudados de alguma vontade mais poderosa, o impulso bom que podia remir-lhes a culpa. Esse impulso encontrou-o Angelina na alma do missionario; e com aquella faculdade peculiar ás mulheres de communicarem o seu sentimento quando é muito profundo ao homem que as ama, conseguio animar seu marido da força que até ali lhe tinha faltado.

Encontraram almas boas, que os coadjuvaram, guiaram, persuadiram, e o regresso de Maria a casa de seus paes fez-se entre os regosijos d'uma verdadeira festa intima.

A filha apparecia áquellas duas naturezas rudes, que o remorso tornava sensiveis e vibrateis, como um raio de sol, como um perdão de Deus, como a divina substituição do que tinham perdido.

Ella era tão linda, tão delicada, tão finamente graciosa, que lhes parecia uma creação singular, alguma coisa de muito superior a elles, os humildes, os boçaes, os criminosos.

E Maria? Qual era a attitude de Maria, da creança phantasista de quem temos seguido os passos até aqui com sollicitude exclusiva.

Mais hostil do que affectuosa, é força confessal-o.

Conservava-se como extranha na casa que lhe pertencia, e diante d'aquella mulher e d'aquelle homem que choravam uns filhos de que ella não fôra irmã, sentia-se, reservada, muda, accusadora quasi.

Depois quem sabe mesmo se não faria falta aos seus pulmões juvenis o ar livre dos campos, se a sua alma não sentia o tedio profundo da ociosidade depois dos exercicios prolongados a que se habituara de pequenina, se os animaes, o trabalho, as longas scismas da montanha, e até os rigores da sua sorte escura, lhe não deixavam ao desapparecerem-lhe da vida, um vazio extranho que se traduzia em vago soffrer.

Para a gente ser feliz precisa d'uma certa aprendizagem; as gradações são tão precisas na arte como na vida; tão doloroso é para os olhos passar sem transicção das trevas absolutas para a grande luz, como da claridade radiosa para a escuridão profunda.

Os paes comprehendendo por instincto que deviam mais áquella filha desherdada do que teriam devido aos seus outros filhos, rodeavam-na de cuidados, de amores, compravam-lhe na cidade tudo que lhes parecia melhor e mais luxuoso, não consentiam que ella provasse alimentos grosseiros, faziam d'ella que fôra o livre abeto do monte, uma flôr de estufa vigiada e tratada.

Mas tratavam-na sem arte. Não tinham nem a educação que os poderia tornar superiores a Maria, nem os finos instinctos que os fariam seus iguaes.

—Tu não és minha amiga, Maria? dizia então a pobre mãe ao cabo de tanto esforço infructifero.

—Sou sim, senhora... sim minha mãe, emendava a *Engeitada* com frieza que não sabia e não podia dissimular.

De novo, para distrahir a pequena, havia grande trafego na herdade de Antonio do Nascimento.

Á tarde voltavam do pasto os rebanhos, os bois lentos e melancolicos recolhiam do trabalho, seguidos pelos jornaleiros alegres. Havia no pateo movimento, gritos, risadas; uns ralhavam, gesticulavam; outros, os pastores, passavam atarefados com os grandes *ferrados* de leite espumante, as creadas da casa traziam no avental os ovos frescos, entravam cultivadores, que vinham mercadejar os varios generos que as terras do lavrador produziam em abundancia, chilreava a pequenada da aldeia attrahida pelo festivo zumbir d'aquella laboriosa colmeia humana. Maria, porém, muda, séria, friorenta, agachada no seu cantinho, parecia ainda a *Engeitada* do Silvestre, extranha a todas aquellas alegrias, teimando em considerar-se intrusa n'aquella vida farta, animada e alegre de que a tinham expulsado ao nascer. Comprehendia que devêra á morte de seus irmãos, á desgraça que fulminara os paes, o sentimento que os levara a procural-a. Sabia que a tinham ido buscar para desarmar por assim dizer as coleras de Deus, e elles nas suas expansões loquazes, na sua falta absoluta de delicadeza moral, tinham-lh'o de sobejo dito para que a sua fina intelligencia o não percebesse.

—Queres ir á romaria, dizia-lhe o pae, á cidade, á festa? queres um vestido novo? queres ir ao Porto comprar um cordão d'ouro, umas arrecadas e

um collar de contas, que façam ahi arrebentar de inveja todas as moças do sitio?

—Não quero nada, não senhor, estou aqui muito bem, respondia ella com os seus modos de somnambula.

Estava muito magra, e perecia que uma ideia fixa lhe andava a martellar no cerebro.

A muda accusação, tenaz, invencivel, desapiedada na sua inconsciencia, que Angelina e Antonio tinham sempre diante dos olhos, produzira o effeito que um psychologista saberia decerto explicar por inilludiveis leis moraes. Os dois acabaram por adorar aquella filha, que pela mesma impossibilidade que sentia de lhes perdoar, e de os adoptar como paes por espontaneo impulso do coração, lhes revelava com eloquencia que até lograva mover essas naturezas brutaes, qual fôra o excesso, e a intensidade do seu soffrimento em quinze annos de abandono.

Amavam-na como nunca tinham amado alguem, até ao extremo de serem escravos da sua menor vontade, de respeitarem o seu mais passageiro capricho.

Maria não usava do seu poder. Uma ou duas vezes intercedera por algum casejro pobre, interpozera-se entre a colera do pae e algum creado da quinta, mas aqui se limitavam as suas exigencias.

Dos paes só acceitava de boa vontade o que podia dar aos pobres.

Um dia que o abbade de... a visitava, foi buscar uma caixinha cheia de objectos de ouro, as suas joias de rapariga, e quiz entregar-lh'a.

—Venda, e dê aos seus pobres, por minha intenção, sr. abbade.

—Não, filha, respondeu o velho, nem tu tens direito para dar nem eu para acceitar, isto sem licença de teus paes. Para que te queres tu desfazer dos teus enfeites?

—Não me servem de nada, não os quero, respondeu ella em tom ligeiramente colerico; tinha-os guardados para os pobres, já que o sr. abbade os não quer, vou dal-os á mãe.

E levantou-se, com aquella sua pallidez doentia, com um brilho intenso e febril nos grandes olhos dilatados.

A mãe, quando o abbade se retirava, veio esperal-o abaixo á cosinha e disse-lhe chorando:

—Ai! sr. abbade, a minha filha morre-me. É Deus que me castiga até ao fim. Se soubesse tudo que faço para lhe dar vida, e o amor que lhe tenho! Ai quando me lembra que o medo das boccas do mundo me fez engeital-a, que passei quinze annos sem ella e agora que a tenho e a vou perder!

—Mas, mulher, que diz vossê, que é que a pequena tem?

—Eu não sei, sr. abbade, respondeu a mulher deixando pender os braços n'um grande desalento. Eu não sei. Mas sei que me morre, sinto que me morre e que me não perdôa.

Veio um medico de Braga que observou a pequena. Achou que nenhum orgão vital estava atacado e

comtudo que era innegavel ir-se a pouco e pouco esvaindo a vitalidade d'aquella natureza.

—Mudança d'ares, distracção, muita distracção é o que ella precisa, concluio elle sem se dignar dar mais amplas explicações aos consternados paes.

D'esta vez ainda foi ao abbade, ao primeiro amigo, ao unico mestre de Maria, que os paes recorreram pedindo conselho.

O bom do velho coçou a testa com ar de sério enleio, arregallou os olhos, abanou umas poucas de vezes a cabeça, e declarou que sendo pouco entendido em cousas de raparigas não podia dar assim de pé para a mão o seu conselho.

—Mas, acrescentou bondosamente, eu vou muito a casa da fidalga, a sr.ª viscondessa de V. que é muito minha amiga, e que além de tudo é senhora de talento e de bom conselho. Eu tenho-lhe fallado de Maria, ella já a tem visto, acha-a muito interessante e sympathica, é possivel que ella nos saiba dizer o que póde fazer-se.

Dois dias depois voltava o bom do abbade. Tinha tido larga conferencia com a viscondessa, contára-lhe miudamente todos os pormenores que sabia da existencia curta e tormentosa de Maria, descrevera-lhe aquelles seus geitos peculiares que a tornavam attrahente até para os mais rudes, e vinha munido d'uma resolução triumphante.

—Sabem que mais, é preciso fazer a pequena mudar de vida. Dar-lhe educação. Uma educação religiosa e sã, que lhe mostre o dever. A rapariga,

segundo diz quem sabe, é d'uma especie muito superior á nossa. O que ella padece, provém da impossibilidade em que está de se entender a si mesma. Deixem-n'a ir para Lisboa ou para o Porto, mettam-n'a n'um bom collegio, e verão se é esse ou não o verdadeiro systema a seguir.

Tanto Antonio como Angelina revoltaram-se contra este alvitre com toda a força do seu egoismo de camponios.

—Separarmos-nos da nossa menina! Isso nunca! Ella que é tão linda, tão boa para os pobres! é como uma restea de sol n'esta casa que tão nua estava desde que morreram os meus ricos filhos!

—Não falle assim, senhora Angelina. Vossemecê deve querer tudo que fôr para bem da sua filha. É uma compensação que lhe deve por tel-a abandonado á nascença. Quanto mais o seu desamparo a rebaixou, mais o seu amor a deve querer levantar. A fidalga, que é uma senhora de grande juizo, disse-me que hoje a educação é tudo, que a Maria com educação, com o dote e com a belleza que tem, póde ser igual das mais soberbas. Que por tudo que tem ouvido d'ella a pequena parece que nasceu privilegiada, que tem naturalmente os modos d'uma princeza, e que emfim, vossemecê tem de se promptificar para todos os sacrificios necessarios ao bem da pequena, visto que os seus meios lh'o permittem.

—Ai! meu Deus! bradava no entanto Angelina, pois ainda não findou o meu castigo?

—Olhe, sabe que mais, mulher? Eu creio que o seu castigo começou no dia em que o coração ignorante e bom d'esta creança lhe não poude ou não soube perdoar o mal que lhe tinham feito.

N'isto a porta da cosinha que estava entrecerrada abriu-se de todo e Maria appareceu no limiar. Estava radiante, formosa, transfigurada.

Abeirou-se do grupo dos tres e disse com a voz balbuciante:

—Oh! deixem-me ir, deixem-me ir. Eu voltaria talvez melhor! Depois hei de aprender o que não sei. Ha muita cousa que eu não sei, e se soubesse ler, coser, bordar como as meninas ricas, não levava horas e horas como levo, a pensar... a pensar não sei em que... não sei... não sei...

E o olhar d'ella tinha um desvairamento assustador.

Momentos depois cahia na sua somnolencia vaga e tristonha que cortava o coração.

Os paes cederam, e não tardou muito que a pequena partisse, debaixo da direcção e vigilancia da viscondessa, para Lisboa, onde esta se dirigia com o fim de acompanhar seu marido durante a sessão parlamentar, e de procurar ao mesmo tempo um collegio com as condições favoraveis ao fim especial que se requeria.

VI

Transpunhamos d'um salto seis annos. As naturezas impacientes embirram com as descripções in-

termediarias. Nós temos o infortunio de sermos uma natureza impaciente.

Seis annos dia por dia depois da partida de Maria voltemos ao casal de Antonio do Nascimento.

Grande mudança póde notar-se no aspecto exterior da habitação. Sobre o pavimento baixo, ergue-se um bonito andar com janellas rasgadas e uma varanda de gradeamento bronzeo. As paredes d'um tom grisalho começam a deixar-se cobrir pela folhagem de recortes miudos d'uma trepadeira plantada de poucos mezes. No pateo da entrada, limpo, calçado e areado, levanta-se um renque de arvores juvenis, que promettem para o futuro a sombra da sua rama, e a orchestra dos seus hospedes alados aos habitantes da herdade. Ao lado uma construcção ainda incompleta, em que trabalham uns poucos de operarios, indica que os donos, por uma delicadeza pouco usual em gente do campo, desejaram afastar da sua visinhança mais proxima as arribanas, os curraes, e todas as dependencias varias d'uma vasta lavoura.

Na cosinha, que fica logo ao lado do portão da entrada, é diversa a animação do que era no outro tempo. Vê-se que a vida alli tem tido modificações importantes.

Uma creada enche as grandes malgas de caldo e as travessas de toucinho, que fumegam sobre a mesa comprida e coberta d'uma toalha de linho grossa e branca de neve, emquanto que outra mais edosa traz da adega a enorme jarra de vinho verde,

com o qual vae encher as canecas de louça que rodeiam a meza, cada uma ao pé do seu talher de estanho limpo e luzidio.

Nem Angelina nem Antonio se misturam porém com a familiaridade antiga ao grupo muito mais numeroso dos pastores e creados da quinta. Deixando a cosinha, tomando por um corredor largo, e subindo a escada de tecto e paredes de estuque de côr, depara-se-nos uma grata surpreza.

Está aberta uma das portas lateraes do patamar. Dá para um quarto, ou para uma saleta pequena, forrada de papel claro, onde sobresaem duas guarnições de rosas vermelhas. O tecto é alto e estucado, tem no centro um florão em relevo d'onde pende preso a tres cadeias d'aço de elegante simplicidade, um pequeno lustre de crystal. O chão é forrado por uma esteira simples. Sobre a meza, coberta com o seu panno espesso e felpudo, ha livros e uma jarra de flôres.

Em cada uma das janellas, entre a vidraça e o cortinado de chita clara, ha uma pequena jardineira de ferro burnido onde estão dispostos em symetria delicada e com aquella harmonia de cambiantes que só por si revela uma alma de artista, vasos de plantas lindissimas. Uma mesa de costura, uma velha cadeira de carvalho, com assento de couro de moscovia, pés em espiral e costas altas de primorosos lavores, algumas cadeiras de verga, um pequeno sophá de chita, da côr das cortinas e dos reposteiros, uma estante cheia de livros encadernados,

gravuras inglezas e francezas de molduras de páu preto, dependuradas nas paredes, e sobre um *gueridon* pequenino uma secretária de nacre com embutidos de madreperola, eis a mobilia do pequeno quarto. Em tudo uma simplicidade cheia de gosto, nem um adorno fóra de preposito, nem uma nota desafinada n'aquelle fundo harmonioso e tranquillo. Visivel em tudo a pequena mão d'uma mulher.

Não tardou muito que ella não viesse com a sua presença confirmar as ideias que logo tivemos ao penetrar n'esse quarto. Conhecemol-a já.

É Maria. Não a creança enfezada, doente, cheia de scismas dolorosas e extranhas, esmagada sob o peso d'uma fatalidade que ella propria não saberia definir.

É Maria, mas alta, ao mesmo tempo esbelta e forte, desenvolvida pela saude, transformada pela educação, conscia de si, séria, instruida e sempre pura como um lyrio da montanha.

O seu vestuario simples e modesto corresponde á ideia de serena graça, que se exhala dos objectos que a cercam e são o complemento da sua vida. Tem um vestido de linho crú inteiriço e liso, sobre o qual cae revirado um cabeção branco de deslumbrante alvura, apertado em torno do pescoço por uma gravata de seda azul. Os cabellos d'um louro fulgurante, verdadeiros cabellos do Ticiano ou de Palma o Vechio, vê-se que luctaram por muito tempo com o pente que teimou em apertal-os em duas tranças largas, pesadas, grossas, que lhe ca-

bem sobre as espaduas e vão tocar-lhe nas curvas dos joelhos.

Alguns cabellinhos curtos, mais crespos, mais independentes ou mais rebeldes, ficaram-lhe soltos em torno da testa, lisa, alta e eburnea, e formam-lhe uma pequena aureola d'ouro, onde a luz pousa e brinca com os seus reflexos tremulos.

Ha um anno que Maria voltou para a companhia dos paes. Devem-se a ella todas as transformações exteriores que presenciamos em casa de Antonio do Nascimento, a ella se devem tambem as modificações que ha na vida intima dos paes.

N'um anno são enormes as conquistas alcançadas por ella n'aquelle pequeno reino, de que é a alma alada e visivel, e onde o pae e a mãe a seguem embevecidos.

N'esse tempo relativamente tão curto, conseguiu fazer succeder ao deslumbramento estupido em que os lançara a sua presença, ao *fetichismo* brutal, com que a adoravam e queriam obedecer-lhe como escravos, um amor verdadeiro, profundo, são e protector, como deve ser o amor dos paes.

Maria voltára transfigurada pelo Evangelho, cuja doutrina, quando entendida d'um modo elevado e completo, faz as almas intrepidas e cheias de santa abnegação.

O sentimento d'ella para com seus paes passou no entanto por bem diversas gradações antes de chegar ao ponto de perfeição ideal em que hoje o vamos ver.

Primeiro era a accusação instinctiva, a resistencia muda, invencivel, tenaz como a das cousas sem consciencia; depois a pouco e pouco, á proporção que no seu espirito desenvolvido e dilatado ia penetrando a luz do entendimento, e que as cousas obscuras se iam destacando, em contornos nitidos e claramente accentuados, do fundo da vaga penumbra em que ainda ha pouco tudo boiava confusamente aos olhos d'ella, avaliara o crime de que fôra victima, e digamol-o sinceramente, condemnara-o com toda a indignação do seu espirito inexperiente; depois a luz foi-se fazendo mais e mais n'aquelle genesis d'uma intelligencia, tão grande como o de um mundo; comprehendeu que a lei não é a mesma para todos os seres, que a condemnação, que é para um justiça, póde ser para outro crueldade, que as verdades ainda as mais intuitivas e elementares, se não revellam a todos os homens do mesmo modo, que isso depende sobretudo do ponto de vista em que elles estão collocados, que aquillo que n'um é crime, não é muita vez n'outro mais do que ignorancia.

Desde esse dia comprehendeu que a justiça póde ser feita de indulgencia, e por fim ao cabo da lenta elaboração solitaria do seu pensamento, sentiu com jubilo ineffavel que perdoára aos paes, e que os amava.

N'esse dia sentiu-se capaz de voltar para o pé d'elles, de os consolar de tudo até do crime que haviam commettido.

Em cinco annos de assiduo estudo e de profunda applicação, a começar nos principios mais elementares, o ponto a que tendeu sempre aquelle espirito recto e simples foi ao aperfeiçoamento moral e não ao luxo intellectual.

Logo que as trévas a que a ignorancia a condemnava, se foram rarefazendo em torno d'ella, percebeu que ha duas especies de educação, a dos ricos, dos ociosos, dos que formam o elemento luxuoso e brilhante da sociedade, e o das classes obscuras, para quem a educação e a acquisição dos conhecimentos solidos é um meio e não um fim.

Com a sua imaginação sempre um pouco colorista, fez do mundo um vasto campo. Á sombra, nas estufas mórnas, onde se respira uma atmosphera artificial e sabiamente graduada, medram as plantas em que uma cultura complicada, cuidadosa, mantida por engenhosos processos, produz as florescencias estranhas e admiraveis de luxuriante phantasia. Ao sol, ao sopro agreste das ventanias, sob as asperas e mordentes geadas, criam-se na liberdade sadia, alimentam do succo nutriente e fecundo da terra, as suas raizes tenazes, os arbustos vigorosos, as cearas futuras, as arvores que hão de resistir mais tarde ao embate das procellas.

Isto que ahi deixamos mal esboçado não medrou d'um dia para o outro no espirito de Maria.

Alguem a ajudou a compenetrar-se de todas estas verdades, e esse alguem era precisamente a senhora a quem a viscondessa a confiou.

Era uma ingleza de trinta annos, cheia de talento, de conhecimentos praticos, e de juizo muito raro no seu sexo.

Viuva d'um engenheiro de grande merito, que não tivera tempo de grangear para a sua familia querida a independencia do futuro, e que morreu com o compasso na mão, como um general deve morrer com a espada, *Mrs.* Wilson entendeu que o melhor meio de chorar seu marido, era succeder-lhe no amparo das filhas que elle deixava pequeninas.

Partiu com recommendações poderosas para Portugal, cuja lingua sabia por um concurso de circumstancias, que não vem para aqui historiar, e estabeleceu um collegio, em breve famoso pela educação especial e em harmonia com as necessidades modernas que ali recebiam as discipulas.

Quando Maria lhe appareceu, e que ella soube com todos os seus tocantes pormenores a historia da moça aldeã, sentiu que havia de preferil-a a todas as outras meninas felizes e amimadas em casa de seus paes, e de quem ella não podia ser mais do que a perceptora.

Nas outras a sua acção havia de ser contrariada pela acção dos paes, aquella podia ser a filha do seu espirito, sem que nenhuma extranha influencia lh'a disputasse.

Crear essa alma onde tudo jazia informe e vago, facetar esse diamante bruto que Deus formára da mais pura agua, foi como que o sonho da

austera ingleza, que não sonhara nunca, e cujos sentimentos com a logica inflexivel da sua rasão, só sabiam traduzir-se em factos.

Os dotes naturaes de Maria, coadjuvaram admiravelmente o empenho da professora.

Em cinco annos fez d'aquelle debil organismo, cheio de desiquilibrios, convulsionado pelos phenomenos hystericos, uma bella creatura vigorosa e sadia, e d'aquelle espirito ignorante, como um passaro, inconsciente como uma planta, um entendimento viril, reflectido, conscio do seu destino, incapaz d'um desfallecimento morbido no caminho do dever.

Não lhe ensinou nada inutil, não lhe recheou o cerebro de pequenas futilidades, graduou o elemento intellectual, que devia dar-lhe pelas necessidades que pouco a pouco, successiva e fatalmente, se iam manifestando n'ella. Seguiu ora modificado, ora ampliado, ora restringido, pelo seu espirito de ingleza correcto e positivo, o methodo vivificante de Froebel, aquelle methodo tão sympathico, tão comprehensivo de todas as exigencias do entendimento juvenil, que ao mesmo tempo o cultiva, o aperfeiçoa e o levanta.

As linguas franceza e ingleza que Maria aprendeu a brincar, os trabalhos de agulha, os elementos do desenho, a geographia, a historia natural, a botanica, constituiram esta educação séria e accessivel a todos os progressos.

Não quiz ensinar-lhe o piano que nunca saberia

tocar bem, mas como Maria tinha uma voz de timbre fresco e musical aprendeu a musica, e nos concertos do collegio era admirado o seu methodo de canto e a sua voz mimosa extensa, e cheia de sentimento artistico.

O que porem Maria aprendeu principalmente, foi a pensar.

Cousa que o geral das mulheres sabe tão pouco!

O que ella adquiriu foi o methodo racional de se instruir, a comprehensão de tudo que lhe faltava ainda saber, a modestia natural a todo o espirito sensato, que logra elevar-se o bastante para medir o fundo abysmo da propria ignorancia.

O seu gosto natural desenvolveu-se.

No verão *mrs.* Wilson ia com as filhas e com Maria passar um mez no campo.

Davam então longos passeios, mais instructivos que uma lição de botanica ou de historia natural, recebida na fria aula d'um collegio.

Maria sabia tudo da natureza e ao mesmo tempo ignorava tudo.

Tentava então animar de nova vida, da vida intelligente que sentia em si a creação que tanto tempo sentiu, amou, e não comprehendeu. Eram perguntas, admirações ingenuas, e ao mesmo tempo observações tão engenhosas que faziam pasmar *mrs.* Wilson.

Fanny e Maud, as duas meninas Wilson, tinham já bastantes noções de botanica, sabiam classificar ou dissecar uma planta, conheciam os pistillos, as anthênas, as bracteas, o calix de cada flôr, sabiam

a nomenclatura scientifica do typo, da classe, da ordem, do genero e da especie, com um ligeiro pedantismo cheio de graça britannica.

Maria não sabia nada d'isso, mas com a sua rustica experiencia, tinha uma intimidade, por assim dizer, mais profunda e mais sympathica com toda a flor silvestre.

Conhecia o sitio que cada uma das flores prefere para viver, sabia descrever com colorido pittoresco os seus varios aspectos, respirava ao longe com um faro muito peculiar os aromas do campo, não gostava de colher as flores, mas admirava-as com um enlevo tão fraterno que parecia que entre a sua alma e a alma das plantas, havia uma união mysteriosa e só por ella sabida.

As duas inglezinhas exclamaram na sua lingua que tão bem se presta ás palestras juvenis.

—É adoravel a ignorancia d'esta Maria! Os passeios que a gente dá com ella, são muito instructivos pelo que tem de lhe ensinar e pelo que ella nos ensina!

Mrs. Wilson fazia-lhes então sentir a todas tres, que alta e profunda comprehensão das cousas naturaes não teria, o que soubesse fundir em si aquellas duas sciencias tão diversas, o que tivesse vivido a vida da natureza, e ao mesmo tempo estudado com a profunda attenção do naturalista as suas manifestações variadas e complexas.

Outras vezes passavam dias á beira do mar nas praias, em Oeiras, em Cascaes, em qualquer parte

d'onde avistassem o oceano com os seus aspectos varios, os seus rugidos de leão, o estranho rythmo da sua voz, a mobilidade captivante das suas ondas.

Maria na primeira vez que viu o mar, teve um dos seus longos extasis de outro tempo.

Quando sahiam ás vezes a barra n'um vapor, ou passeavam no rio n'um barco, bordejando proximo das ribas, ia ella quasi sempre calada, com os olhos pensativos, boiando em fluido e como que reflectindo a transparencia ondeante das aguas em que se fixavam.

Mrs. Wilson comprehendera bem cedo que o unico perigo do caracter de Maria, consistia na sua sensibilidade exaltada.

Quando a via assim pallida, oppressa, com o sorriso distrahido ou forçado, pairando lhe nos labios entre-abertos, punha-se a conversar com a sua voz persuasiva e séria, chamava-lhe a attenção para os phenomenos singulares de que o mar é o theatro, contava-lhe as suas phosphorescencias deslumbrantes, descrevia-lhe a sua flora de extranhos lineamentos, a sua fauna tão rica, as preciosidades que elle esconde no fundo das suas aguas, fazia-a penetrar no elemento fortificante e sadio da natureza, no que preserva dos languores e das curiosidades morbidas, das vagas cogitações que absorvem e roubam á alma da mulher o seu vigor e o seu impulso.

A pouco e pouco Maria escutava a voz sympathica da sua mestra, a indefinida tristeza do seu olhar era substituida por uma curiosidade intelligente; sa-

cudia a formosa cabeça, como quem expulsa uma visão importuna, enxugava as mãos que lhe pendiam inertes e que deixava banhar a espaços nas aguas tepidas do rio, reassumia como que a inteira posse de si mesma.

Mrs. Wilson então para a fazer fixar bem a evolução porque passára o seu espirito, a lucta que ella precisava ainda de travar com a sua imaginação teimosa e errante, dizia-lhe, cravando n'ella o olhar sério e cheio de sympathia:

—Olhe, Maria, não ha nada mais salutar do que o pensamento e nada mais nocivo do que o sonho. Quem quizer annullar o infortunio, tem primeiramente de matar o sonho!

Quando a intelligente professora comprehendeu que a sua obra estava completa, que se não fizera de Maria uma mulher de sala, que formára um coração e um espirito capazes de seguirem na vida a linha rigorosa do dever, linha tão delgada que ás vezes basta um passo mal dado para se sahir d'ella, não transigiu com o proprio affecto que lhe pedia para conservar mais tempo junto de si, a sua discipula dilecta.

Maria comprehendeu tambem logo que o seu logar era junto dos paes, e preparou-se para partir.

Havia pois um anno, que regressara para a herdade, e se quizermos saber em que ella tem empregado o seu tempo, quaes os pensamentos que a solidão origina n'aquelle cerebro juvenil, sejamos indiscretos como todo o romancista que sabe do

seu officio, e leiamos por cima do hombro de Maria, a carta que ella acabou de escrever no tempo em que temos conversado com a leitora, e que passa pelos olhos n'este momento.

«Minha querida *Mrs.* Wilson

«Ha cinco mezes que lhe não escrevo! Eu propria me espanto da minha coragem, porque emfim tem sido uma grande coragem da minha parte não lhe escrever, e se não fosse o tagarellar todas as semanas duas horas com Fanny ou com Maud, não sei se teria animo de cumprir tanto á risca o nosso programma.

«Conheço no entanto que elle tem a sua utilidade, que tem até o seu fundo egoista, ai de nós! como tudo que é humano.

«Todos os pequenos deveres que eu cumpro, todas as conquistas que alcanço sobre mim mesma, tem a sua recompensa e o seu incentivo na ideia de que me dão direito a escrever á minha querida mestra.

«Lembra-se do que eu lhe disse ao partir?—Só «hei de permittir a mim mesma a alegria de escre«ver-lhe quando na minha carta poder assignalar«lhe o progresso, ainda o mais insignificante, opera«do no meu espirito ou no meu coração.—

«Bem sabe que não tenho cedido demasiadamente «ás suggestões de vaidade humana, e que emquanto «Maud e Fanny—as queridas joias—teem tantas ve-

«zes noticias directas da sua eremita do Minho, a «minha bôa amiga só tem recebido tres cartas.

«Oh! a primeira foi a mais custosa! Sabe Deus «se eu me teria vencido tão cedo, se eu me teria «costumado de tão boa vontade ao meu novo vi-«ver, a não ser a idéa de que a minha fraqueza, «por assim dizer, me exilava do seu coração, me «roubava todos os direitos ás suas palavras anima-«doras.

«A segunda carta... que bem que me lembro «da segunda carta! foi quando me occorreu a idéa «triumphante de aproveitar todos os elementos que «me rodeavam, ainda os mais contradictorios, e de «constituir com elles a minha felicidade e a dos «meus!

«Que trabalho que eu tive! que actividade! que «alegria!

«Quando cá vier para o verão, querida *mrs.* «Wilson, não ha de conhecer a casa terrea e feia «de que eu lhe mandei o desenho.

«Tudo está transformado, e consegui ao mesmo «tempo occupar-me e distrahir meu pae. Rodeia-nos «uma grande actividade, ha em torno de nós uma «faina incessante.

«Oh! Céus! os olhos que meus paes abriram «diante de mim, quando eu pela primeira vez lhes «disse que o dinheiro guardado era a cousa mais «inutil d'este mundo.

«E elles que amontoavam libras e libras nas ve-«lhas arcas de páu preto chapeadas de ferro, sem

«terem a mais leve idéa de que esse dinheiro ati-
«rado aos quatro ventos, lhe trazia para casa mul-
«tiplicada riqueza! Quando digo aos *quatro ventos*
«é modo de fallar, querida *mrs.* bem sabe que a
«sua pobre phantasista se permitte de vez em quan-
«do d'estas exaggerações *coloridas*.

«A verdade é que elles já não aferrolham prata nem
«ouro pensando no futuro d'esta sua creada. Tra-
«zem immensos operarios, immensos jornaleiros
«empregados na lavoira e nas construcções diversas
«que tenho ideiado. Depois, sou eu que dirijo todas
«as transformações do interior de casa. Fiz d'ella uma
«especie de casal flamengo, tudo muito limpo, muito
«simples, muito proporcionado á nossa posição de
«cultivadores abastados e humildes.

«A sala tem uma mobilia rustica de cortiça, a
«cosinha era digna de ser pintada por Teniers; em-
«quanto ao meu quartinho de trabalho, Fanny ha de
«ter-lh'o descripto, minuciosamente.

«Todos estes pormenores, por assim dizer mate-
«riaes, me tem levado um tempo immenso. Depois
«tenho um jardim, um jardim delicioso, que eu tra-
«cto, que eu cultivo, de que eu sou a dona unica.

«Todas as sementes que me mandou teem pe-
«gado.

«Não imagina o meu ninho de verdura, como é
«bonito, balsamico e avelludado.

«Tenho tambem uma capoeira, oh! uma capoeira
«cheia de aves admiraveis. Em gallinhas tenho uma
«collecção completa! gallinhas da Ilha, da India, da

«Cochinchina, de todos os paizes, de todas as raças e «de todos os tamanhos.

«Tenho pavões que dão gritos pelos telhados, «uns gritos agudos e tristes que me impressionam «quando os oiço á tarde, *nas horas azues do dia*, «como nós diziamos ás vezes.

«Mas não creia que scismo muito, oh! não. Fal«ta-me o tempo, falta-me positivamente o tempo «para o que tenho de fazer durante as 24 horas do «dia.

«A proposito de capoeira, creio que vae adqui«rindo uma certa popularidade que me lisongeia «extraordinariamente. No outro dia um inglez *tou«riste* que andava em viagem de recreio visitando «o Minho, mandou-me pedir para vêr a minha col«lecção de aves.

«Cedi. Podéra não ceder áquelle pedido que me «revelava não ser a *gloria* um nome vão! Fui eu «propria guial-o ao dedalo dos meus vastos domi«nios, porque o jardim está todo rodeado de peque«nas casinholas de arame, occultas debaixo da folha«gem verde das trepadeiras pelo lado do jardim, e «descobertas pelo outro lado.

«O inglez era um d'estes inglezes que a minha «amiga diz que a sua nação produz unicamente para «exportar. Que ella tem, mas que não usa. Muito «vermelho, muito ruivo, com uns olhos sem côr, «redondos como os de uma coruja.

«Quando eu lhe fallei inglez elle sentiu um pas«mo fulminante; percebi-lh'o, não por qualquer ex-

«clamação de espanto ou de prazer. Nem pensar «n'isso é bom. Percebi-lh'o por que fixou em mim «os olhos muito abertos, por espaço de um segun«do. Tinha-o impressionado! Tambem é preciso de«clarar que eu imito com singular felicidade aquel«les accentos roucos e guttoraes que a Fanny con«segue arrancar da sua garganta de rouxinol.

«Como porém a vida não se passa toda a arran«jar o meio de nos acommodarmos n'ella, foi pre«ciso, depois de phantasiar todos estes melhoramen«tos materiaes, adaptar o nosso modo de viver ás «modificações que elles traziam fatalmente comsigo.

«Durante o dia, meu pae que estabeleceu perto «d'aqui duas fabricas, uma de moagem outra de «cerrar madeira, empregando d'este modo util e «moralisador, os capitaes que tinha estagnados, anda «por fóra azafamado, entretido e perfeitamente coa«djuvado por um excellente feitor que descubriu.

«Minha mãe que tem a seu cargo todo o gover«no domestico, passa da queijaria — uma queijaria «suissa, toda branca e d'um acceio ideal—para a «casa onde se amassa e fabrica o pão, d'ali para a «cosinha onde se faz o comer de trinta trabalhado«res, vigia a arrecadação de varios generos, ralha «com as creadas, dá esmolas aos pobres, e de vez «em quando corre cá a cima ao pequeno quarto on«de eu trabalho, muito córada, rejuvenescida, bri«lhante de aceio e de saude, e sem querer confessar «que anda mais entretida, mais animada, mais feliz, «e mesmo mais um bocadinho vaidosa, accusa-me

«com um ar entre risonho e zangado de ter trazido «*da Cidade* com as minhas idéas extravagantes, ta«manhas innovações á sua vida.

«—Ó minha mãe, mas que fazia vossemecê quan«do não fazia isso?

«—Eu sei cá! Andava d'um lado para outro, fia«va, ia ao campo vêr os trabalhos. Punha a roupa «das arcas ao ar!

«—Realmente que tempo tão bem empregado «—digo-lhe eu abraçando-a, e ella ri-se, e concorda commigo.

«—Mas—dirá a minha amiga—visto que o tem«po dos teus paes é assim repartido, tu estás sem«pre só.

«—Primeiramente, eu nunca estou só, desde que «alguem, uma fada, muito séria, muito branca, com «uns olhos azues que parecem um bocadinho do «céu, me ensinou que a gente póde sempre ter por «companhia um pensamento bom! depois tenho tan«to que fazer!

«Em primeiro logar organisei, de combinação com «o abbade—o meu velho amigo abbade que se mu«dou para a nossa freguezia, e que, entre parenthe«sis, cada vez está mais gordo, cada vez tem a voz «mais grossa, e cada vez tem mais amor ás vides e «ás pereiras!—organisei com o abbade e o regedor, «um homem alto, magro, de olhar sinistro, e que «julga occupar um cargo importante da republica, «uma associação de beneficencia.

«Elles ao principio riram muito do meu plano e

«disseram-me com o ar desdenhoso dos que não «sabem: Se a menina quer fazer esmolas, faça-as, «mas não sei para que serve realmente esta asso-«ciação.

«Agora já não se riem.

«Espantam-se do bem que temos podido espa-«lhar por estas povoações embrutecidas.

«Depois tenho o meu jardim, e ajudada pelo An-«tonio, um creado velho de casa, e pela Genoveva, «a velhinha de quem já fallei a Fanny, tracto das «flores, das roseiras do Japão, dos arbustos e da «relva, tracto tambem das aves e das minhas ca-«poeiras de arame.

«Leio muito. Bem sabe que sempre, desde que «soube lêr, os livros foram o meu supremo en-«canto.

«Mas quando digo que leio muito, não me expli-«co bem; leio uma pagina, releio-a e medito sobre «ella até a ter comprehendido bem, até me ter com-«penetrado perfeitamente da verdade ou das verda-«des que ella encerra. Para isso escolho os livros «que a minha bôa *mrs.* Wilson me indicou.

«As viagens, os livros dos vulgarisadores scien-«tificos, alguns pensadores como Pascal, alguns his-«toriadores como Macaulay ou como Guizot, de vez «em quando um poeta, que lança um pouco de azul «no fundo grisalho da minha vida.

«Mas socegue, quando a voz d'elle me emballa «com um rythmo doce de mais, deixo-o muito de-«pressa. Tenho medo dos poetas. São umas natu-

«rezas hybridas e perigosas. Teem azas com que «sobem muito alto, teem garras com que nos em«polgam, e chegados comnosco a certa altura, onde «a vertigem começa, deixam-nos cahir de chofre. «Cegos sublimes, absortos na sua visão interior, po«dem atirar-nos ao abysmo ou ao lamaçal.

«Não nos fiemos n'elles!

«Trabalho tambem muito com a agulha. Tenho «uns poucos de enxovaes completos para dar no «dia da festa de Nossa Senhora a outras tantas pe«queninas, as mais pobres da aldeia. Isto é a dis«ciplina diaria que imponho ao meu espirito sem«pre um pouco erradio.

«Aqui não lhe fallo dos passos que tenho a dar «para que executem os meus planos mais ou me«nos arrojados, das minhas conferencias com meu «pae, dos conselhos, das innovações, das idéas que «me enxameiam no cerebro a toda a hora. Emquan«to cozo, penso. Oh! que de flores me brotam den«tro da cabeça emquanto a agulha executa o seu «trabalho monotono. É um jardim ideal, aquelle que «tem aromas que eu só respiro.

«Os serões reunem-me a meus paes. Sentam-se «junto á mesa, minha mãe com uma roca a que eu «tenho ainda uma certa affeição, cheia de saudade, «elle com o cachimbo que eu permitto depois de «ter exigido a promessa de me estucarem de novo «o tecto do meu gabinetesinho logo que elle esteja «amarellado de fumo.

«São adoraveis os nossos serões de tres. Eu leio

«alto para elles ouvirem, e tenho feito descobertas «que fariam o triumpho de muito romancista.

«Ás vezes leio a meu pae os livros modernos «que descrevem os novos processos de lavoira, as «machinas, as descobertas da sciencia que furtam o «corpo do homem ao jugo escravisador do trabalho «muscular. Elle n'essas occasiões ouve-me com «muito interesse, mostrando com perguntas, objec«ções, gestos de approvação, que entende e que «aprecia o que lhe estão lendo.

«Outras vezes escolho outro genero de leitura. «Traduzo por exemplo Dickens, o nosso querido «Dickens dos serões de Buenos Ayres.

«As descripções muito longas, as digressões mui«to caprichosas do grande romancista enfastiam-n'os «e eu tenho muita vez de as passar em claro, mas «quando elle fere com a violencia de sua indole tão «ingleza as duas cordas principaes da alma, a do «riso e a das lagrimas, queria que visse, minha «amiga, o modo porque estas duas bôas almas igno«rantes o apreciam, o comprehendem, se identifi«cam com os personagens que elle põe em scena. «São risadas que rebentam como uma fanfarra de «alegria, são lagrimas que manam de fonte genui«na, e tão sinceras que se me communicam ás ve«zes a ponto de ter que suspender a leitura.

«Leio-lhes tambem Camillo Castello Branco, o genio «portuguez encarnado n'um homem. Como Dickens «com quem a minha amiga lhe achou essa analogia «frisante, elle tem o riso, as lagrimas, a indigna-

«ção ironica, apaixonada, mordente. O effeito que «produz é o mesmo.

«Um dia quiz ler-lhes historia.

«Não entenderam nem gostaram.

«Viam succederem-se os factos mas não perce-«biam a lei que os liga entre si, que os faz depen-«dentes uns dos outros, e como que resultados fataes «dos que os precederam em epochas mais ou me-«nos remotas. Ao espirito d'elles escapava a har-«monia das grandes leis historicas.

«Os poetas sim, esses entendem elles com as «suas almas rusticas e d'uma sensibilidade toda pri-«mitiva.

«Ouviram ler Othelo offegantes de interesse, se-«guindo com furia apaixonada a intriga subterra-«nea de Yago, adorando Desdemona, a fragil crea-«tura, experimentando pelo mouro aquelle extranho «sentimento mixto de compaixão, de colera e de «enthusiasmo que elle inspira a todos os que se lhe «aproximam. E já vê que tambem os meus queri-«dos ignorantes entendem o seu poeta, *Your dear «old William*, como a minha querida amiga lhe cha-«mava com uma tão graciosa familiaridade.

«Estas leituras decerto que lhes não dão uma «instrucção tardia, mas fazem-n'os penetrar em cer-«ta ordem de idéas elevadas, que até aqui lhes eram «profundamente extranhas.

«Depois tornaram-se o interesse, o verdadeiro e «elevado interesse de sua vida. Sahem da vulgari-«dade monotona em que sempre teem vivido, en-

«tram n'outra esphera, vivem a vida accidentada, «mysteriosa, miseravel, apaixonada ou feliz d'outros «sêres, sentem outros sentimentos, viajam n'outros «paizes que ignoravam. Como eu gosto de lhes dar «estas sãs alegrias!

«Bem vê que longe de me envergonhar da con«dição em que nasci e em que elles se conservam, «só sahi d'ella pela educação, para poder apreciar «o bem que devo a elles, a Deus, á minha querida «amiga!

«No outro dia n'uma romaria do Minho onde «meu pae quiz levar-me á viva força, prazer que «eu lhe não recusei para o não affligir, encontrá«mo-nos com a familia dos *fidalgos da Zambujeira*, «com quem meu pae tem tido relações de empres«timos, de fazendas hypothecadas, etc.

«Elle com aquella humildade camponia que o «Minho ainda não perdeu para os seus antigos se«nhores, abeirou-se da fidalga companhia com o «chapéu na mão, e o seu ar mais cortez. Deixou«me porém alguns passos longe, comprehendendo, «com o fino instincto que tem para tudo que me «pertence, que nenhum motivo havia para que eu «me curvasse muito respeitosa diante d'aquella gen«te. Ellas, a *fidalga* e as filhas que me avistaram e «que tiveram talvez curiosidade de me conhecerem «de perto, visto a minha lenda um tanto romanesca, «fallaram a meu pae amavelmente, perguntaram-lhe «se eu era a filha que elle mandára educar a Lis«boa, e dirigiram-se a mim com muita civilidade.

«Comprimentei-as como a minha amiga me ensi-«nou a comprimentar os que na escala social são «meus superiores, sem humildade e sem arrogan-«cia, bastante senhora de mim para lhes mostrar «que me não deslumbravam com os seus quatorze «avós, e bastante attenciosa para lhes fazer sentir «que apreciava a sua amabilidade.

«Conversámos em varias cousas, e meu pae es-«tava verdadeiramente no céu ao vêr o meu desem-«baraço na presença augusta de tão altos persona-«gens.

«O meu dialogo com uma das meninas merece «menção especial.

«—Sabe dançar?

«—Não, minha senhora.

«—Sabe bordar de matiz?

«—Não, minha senhora.

«—Sabe fazer *crochet?*

«—Não, minha senhora.

«—Sabe tocar piano?

«—Não, minha senhora.

«Ella sorria com muito desdem, olhando de es-«conso para as irmãs, duas meninas altas que se «julgam soberbas, irresistiveis, *bourbonicas*, porque «teem o beiço muito grosso e muito cahido.

«—Que se ensinava então no seu collegio?—«perguntou com ligeiros cambiantes de ironia na «voz, uma vozinha de cabeça muito aguda e pene-«trante.

«Ensinava-se linguas, geographia, elementos de

«botanica, de zoologia, de mineralogia, de chimica, en-
«sinava-se musica a quem tinha vocação, historia,
«desenho, e muitas mais cousas uteis que me não
«lembram agora.

«*Apanhei-as*, querida *mrs*. Wilson, decididamente
«*apanhei-as* e tive uma certa alegria peccaminosa,
«que aqui registro a titulo de confissão.

«Bem vê que não é triste nem monotona a mi-
«nha vida! Ás vezes tenho horas de uma melanco-
«lia indefinivel, quem as não tem? mas sacudo-as
«de mim como se fossem uma má tentação.

«Quando é que Fanny casa, minha querida mes-
«tra? Deve ser uma felicidade ter uma pessoa só
«para si, muito seu, muito seu, um *baby* louro e
«côr de rosa com uns olhos claros onde uma alma
«de mãe se mira como n'um espelho.

«Eu creio que nunca terei essa especie de felici-
«dade, mas tenho compensações que me bastam
«não é assim?

«No nosso paiz, e no nosso tempo, emquanto as
«filhas do povo educadas forem uma excepção, um
«milagre, terão de viver sós, ou de se resignarem-
«a esquecer na companhia d'um ente ignorante e
«brutal das intimas delicadezas que um cultivo cui-
«dadoso lhes desabrochara n'alma? Que importa?
«Os *babys* de Fanny hão de chamar-me tia, e eu
«hei de bordar toucas para elles, não é verdade?

«Adeus querida mãe do meu espirito, abraço as
«minhas duas louras irmãs, e abençôo-a noite e dia
«por tudo que lhe devo, por todas as alegrias oc-

«cultas que me ensinou a aproveitar e a desco-
«brir na vida. Sua discipula que lhe quer muito

Maria.»

VII

Quando Maria fechou, sellou e sobrescriptou esta carta, aproximou-se da janella e inclinou a cabeça sobre uma das mãos com uma postura de recolhimento melancolico. O crepusculo com as suas tintas dubias, e a sua doçura indecisa começava a invadir o céu, e Maria evocára muitas idéas, penetrára muito no interior da sua alma ao escrever aquella longa carta, para se não sentir avassallada por uma das suas *más tentações* como ella lhe chamava.

Sentia-se tomada por uma tristeza vaga, queria luctar contra aquella força que fazia pender desfallecida e um pouco fatigada a sua bella cabeça de madona, e ao mesmo tempo experimentava uma voluptuosidade casta em permittir a si mesma um instante de melancolia e de indefinido cogitar.

Perseguira com uma força viril, e uma pureza de intenções profundamente estoica, os enervamentos morbidos, as curiosidades e os sonhos perigosos, nos mais intimos e escusos escaninhos da alma. O seu ideal era aproximar-se da austera educadora que a tinha formado. A tristeza era uma fraqueza que condem-

nava, a dôr era uma inimiga que combatia. Mas não se tem impunemente vinte annos, e uma alma afinada por todas as harmonias da creação, sem que ás vezes subitamente, quando menos se espera, os olhos se vão atraz d'um sonho, d'uma inaccessivel chymera de azas fulvas que passa ao longe nas magnificencias do occidente. A ultima nota da sua carta era uma nota de tristeza. Sentia-se tão vigorosa de alma e de corpo, tão capaz de dedicações e de puros affectos, e no fim de contas sonhava-se no futuro tão só.

Mas era um coraçãosinho intrepido e valente. Sacudiu a sua tristeza importuna, abriu a janella e poz-se a olhar para o campo, animado pela *volta do trabalho*, essa formosa hora que Annunciação idealisou.

N'isto attrahiu-lhe a attenção o passo d'um cavallo, baixou a vista para a estrada e abriu desmedidamente os olhos, fez-se muito córada e fugiu para dentro, comprimindo o seio com as duas mãos.

É que Maria guardára sempre occulto, muito occulto n'um cantinho da sua alma, a pagina solta d'um romance que não lêra! Por muito tempo a sensação dominante de toda a sua vida fôra a apparição rapida d'uma figura de mancebo, fina, aristocratica, gentil, que um dia fixára n'ella o seu olhar meigo e bom, livrando-a dos insultos de tres ebrios.

D'aquelle encontro rapido que na vida do moço de certo não chegára a deixar rastos, ficara-lhe a

ella na mão uma moeda de ouro, que na sua superstição juvenil julgou por muito tempo o talisman que operou no seu destino tão subitas mudanças.

Pouco a pouco a visão esfumára um pouco os contornos ideaes, mas não se apagára de todo no coração de Maria. A ninguem confessára aquella creancice, mas nas horas raras em que permittia ao sonho que se apoderasse da sua vida, sempre o sonho tinha uma fórma humana, e essa fórma era a do seu moço salvador que ella só vira um instante.

Isto estava n'ella no estado indistincto e vago d'uma lembrança mal extincta, mas tivera muito imperio, muito poder no seu espirito de quinze e dezeseis annos.

Pois essa apparição que não tinha sabido esquecer, acabava de lhe surgir viva e real como da primeira vez n'uma das curvas da estrada.

Emquanto Maria lançava para dentro da sua alma um olhar assustado, achando n'ella tão viva e tão tenaz a raiz d'uma saudade chymerica, uns passos subiam a escada que conduzia ao pavimento superior da casa, e a voz de Genoveva dizia com a semceremonia usual em quasi todos os criados do Minho.

—Olhe, meu senhor, entre antes para aqui. É melhor, é. Está cá a menina Maricas para lhe receber a visita.

O moço, porque era o moço da estrada do Alli-

vio, appareceu nos umbraes da porta, estacou alli de surpresa, mas teve tempo de occultal-a sob um sorriso de cortezia banal.

—Perdão, minha senhora. Eu procurava o sr. Antonio do Nascimento.

—É meu pae—disse Maria com os seus modos tranquillos, e por um supremo esforço de dignidade, fez um comprimento indifferente a D. Luiz e indicou-lhe com o gesto uma cadeira ao pé da mesa.

Por um instante houve entre os dois o silencio embaraçoso dos primeiros encontros entre duas pessoas de sociedades diversas e que se não conhecem.

Por fim, Maria que tinha em tudo o fino sentimento das conveniencias, quebrou o gelo, encetando o primeiro assumpto que se lhe deparou ao espirito perturbado.

Começaram a fallar da tarde, do campo, da estação, das muitas occupações do pae de Maria, e d'aqui partiram para uma d'estas palestras interminaveis que só podem travar-se entre dois espiritos que se entendam. Tocaram de leve, na musica, nos livros, nas artes, nas litteraturas, nos sentimentos, isto com um tacto perfeito da parte de Maria, com uma simplicidade discreta e desaffectada da parte do seu interlocutor.

As gravuras de Ary Scheffer, de Delacroix, de Landseer, que havia pelas paredes, um album de Gavarni e a *Montanha* de Michelet aberta sobre

a mesa, foram o pretexto para estas divagações desconnexas e caprichosas.

D. Luiz apontou para Michelet, dizendo:

—Tem aqui um amigo excellente.

—Amigo um pouco perigoso, perfido sem saber que o é—atalhou Maria sorrindo.

—Pois acha? Eu então adoro-o.

—Oh! *adorar* é talvez forte de mais. Eu tambem o aprecio muito, mas não me fio extremamente na sua voz por mais melodiosa que ella me pareça. Michelet é um philosopho que... sonha. Terrivel especie de philosophos! — disse sublinhando as palavras com um riso de malicia juvenil.

—Pois uma senhora tão moça prefere os philosophos que pensam?

—Oh! com certeza. Podem ser enfadonhos, mas não levam ao menos o espirito da gente perdido pelos pequenos atalhos.

—Os pequenos atalhos são ás vezes aquelles que a gente prefere, com tanto que sejam floridos.

—Pois acha?—disse ella erguendo o seu olhar serenamente limpido para o moço; e vendo que elle sorria, que a experimentava, que sustentava uma these de que não tinha a convicção, respondeu-lhe com ar alegre:

—Meu Deus! nem todas as raparigas sacrificam á poesia, ao scismar romanesco, ás fluctuações do sonho; perca essa idéa, que no fim de contas é falsa.

—Todas as idéas são falsas ou verdadeiras conforme o ponto de vista em que a gente está.

—Nem todas—contestou Maria com firmeza risonha.

Mas elle queria penetrar bem nas suas idéas, nas suas intenções, no seu espirito.

Pegou no livro, folheou-o e disse:

—Ha aqui paginas d'uma verdade admiravel.

—Isso ha. E tambem d'uma feminilidade de sentimento que espanta como um esforço inaudito da parte do velho historiador. Ha momentos em que parece que elle se transforma em mulher.

—Toda a alma completa deve ter dois sexos.

—É verdade!—affirmou ella pensativa—Ha certas cousas da natureza que a mulher vê melhor que o homem. É que ella vê com a alma, com os nervos, com o coração, elle vê com os olhos e com o espirito.

E assim foram conversando. Elle querendo-a sondar sem a indiscripção d'uma curiosidade frivola, ella conservando-se em guarda, e ao mesmo tempo revelando-se o que era. Profundamente bôa, mas séria, sem sentimentalismo piegas no coração, sem falsa poesia do espirito.

D. Luiz que conhecia as nobres senhoras da provincia, e as brilhantes *estrellas* da côrte, que tinha respirado a atmosphera de S. Carlos, do Club, dos bailes do Paço e da Penafiel, das *villegeaturas* em Cintra, e das estações balneatorias de Cascaes, que tinha no olfacto o aroma mal extincto do pó de arroz e da *poudre d'Iris*, que tinha dançado com as mais intrepidas valsistas, e conversado com os

espiritos femininos mais aguçados nas palestras de sala, sentia uma sensação de frescura, de allivio, de casta volupia, ao respirar o aroma matinal que se exhalava d'aquella creança desconhecida.

Quando Antonio do Nascimento voltou para casa, ficou encantado de vêr que a filha, a *sua prenda* como elle lhe chamava, tinha sabido indemnisar o fidalgo de ter de esperar por um plebeu como elle.

Os dois entraram juntos para a sala que ficava fronteira ao gabinete de Maria, demoraram-se mais de uma hora em conferencia secreta.

Quando D. Luiz sahia, pediu licença para entrar de novo no quarto onde primeiro estivera, e inclinou-se em frente de Maria com respeitosa cortezia.

—Minha senhora, sempre louvarei o destino que me proporcionou antes de deixar Portugal o conhecer, comquanto rapidamente, um espirito tão elevado como o seu. Deus não quiz que eu levasse do meu paiz um certo desdem pelo elemento feminino que o compõe.

—Deixa Portugal?—perguntou Maria levantando e baixando de novo em rapido relance os grandes olhos.

—Creio que o deixarei em breve.

—Leve a fortuna os cuidados! sr. D. Luiz, emquanto por cá estiver, venha por aqui passar seus bocados. Sempre me hei de lembrar que lhe peguei ao collo em pequenino; e para o que lhe prestar tem aqui um creado ás ordens—isto dizia Antonio com a grossa voz jovial.

—E se eu abusar muitas vezes d'essa licença?

—Ora adeus! Eu cá por mim tenho gosto em vel-o, e a Maricas sabe a arte de entrar até ao fundo do coração d'uma pessoa e de apagar ahi qualquer desgosto.

Ambos se sorriram francamente d'aquelle dicto verdadeiro na sua ingenuidade rude, e D. Luiz sahiu.

Quando a filha e os paes se viram sentados em torno da mesa do serão, Maria, em vez de começar a leitura costumada, olhou para o pae e perguntou-lhe:

—Quem é este D. Luiz?

—É o filho do fidalgo das Picôas, D. Gaspar de Mello; um rapaz como uma joia. O pae ainda não ha dez annos tinha bons quarenta mil cruzados de rendimento, e este filho unico. Fizeram-n'o deputado, foi para Lisboa, que para certa gente é a terra da perdição, e não te digo nada. Deu com tudo em pantana a ponto de ficar sem um ceitil. O filho estava então em Coimbra a formar-se. Quando o pae morreu ha tres annos, cheio de dividas, e com as propriedades todas gravadas de hypothecas em mais do seu valor, a primeira cousa que o rapaz fez, foi apparecer aqui decidido a pagar tudo. Aconselhavam-o a que instaurasse demandas, annullasse varias vendas muito dolosas, eu fui um dos que o aconselhei. Mas qual. O rapaz o que queria era pagar. Convocou os credores, vendeu, desembrulhou esta meada que estava embaraçosa como um milhão

de demonios, e pagou tudo, tudo cinco réis por cinco réis.

—E elle?—perguntou Maria.

—Elle ficou sem nada. Julgou que a formatura lhe daria ao menos pão, mas pelos modos tem um genio altivo e não quer subir por via dos empenhos e da protecção. Diz elle que não ha nada que mais caro custe que uma protecção bôa. As suas tenções são pelo que me disse ainda agora, ir para Africa advogar. Eu tinha-o ajudado quando foi d'aquellas atrapalhações das rendas e pagamentos, e ainda tinha com elle uma continha. Pedi-lhe hontem quando o vi na terra para a vir receber.

—E tem cá parentes?

—Tem muitos, mas não são os parentes que o trazem cá. Tu não te lembras d'aquelle palacio grande, que se avista ao longe para o lado de Tibães, com uma frontaria parda e muito triste no meio da solidão do arvoredo?

—Lembro-me sim, meu pae. Tenho pensado muita vez que gostaria de ter aquelle palacio para mim. Deixava-lhe o tom escuro e triste, mas dentro que bonito que eu o não faria!

—Pois esse palacio velho que é o solar, como elles lá dizem, com as suas armas de pedra no cimo do portão largo, é tudo que lhe resta aqui. Não o quer vender. Guarda-o como reliquia. Faz bem, que o tal pardieiro é de gosto... para os ratos!

N'aquella noite a leitura de Maria não foi tão prolongada como era costume. A filha de Antonio es-

tava muito pallida, com umas olheiras roxas nos olhos brilhantes, e uma grande seccura na bocca. Pensava em D. Luiz de Mello, e soffria de não poder salval-o da miseria como elle a salvára a ella da deshonra.

VIII

Escusado será dizer que D. Luiz se aproveitou da licença do lavrador, e que muitas vezes o serão do gabinete de Maria teve quatro em vez de tres personagens.

D. Luiz de Mello era um fidalgo sem preconceitos, tinha os finos instinctos da sua raça, as virtudes d'uma alma plebeia, as delicadezas d'um coração de poeta. O trabalho nobilitava aos olhos d'elle muito mais de que uma arvore de geração carunchosa, e por isso queria com o trabalho lavar as nodoas que a prodigalidade e os vicios do pae tinham lançado no seu velho brazão.

Como o de Maria, o sonho d'elle chamava-se *Dever*.

Sabia que não havia de fraquejar no caminho, porque sentia nas veias o sangue dos bravos avós mortos nas areias de Africa, e no espirito enthusiasta e juvenil, as grandes idéas que os pensadores do seculo XIX lhe haviam inoculado como a seiva nova que devia fortalecel-o e retemperal-o.

Tinha pensado, estudado e lido muito, mas como todo o homem a quem o futuro pertence, comprehendia que isso não era mais que a preparação para as luctas em que tinha obrigação de tomar activa parte. Gozava pois entre as duas epochas distinctas em que dividira a vida, a epocha do estudo e a epocha da acção, um intervallo de repouso saboreado a medo e com recolhimento delicioso.

Maria encantou-o, menos pela sua belleza casta e fulgurante, que pelo aroma de pureza, de virtude e de talento que se exhalava d'ella, e perfumava o ar que todos respiravam ao seu lado.

Amou pois como uma alma d'aquella tempera sabia amar, mas amou-a sem pieguices romanticas, sem deliquios sentimentaes, e sobre tudo sem a musica das grandes phrases consagradas pelo romance, pela cantata e pelo drama. Amou-a sem lh'o dizer, sem a esperança de que ella o soubesse nunca, porque sentia que acceital-a pobre era condemnal-a ás luctas em que succumbem muitas vezes as creaturas frageis, e acceital-a rica era deixar que o mundo suspeitasse e dissesse que elle vendêra o seu brazão d'armas, musgoso e lascado, pelo ouro d'um antigo servo da sua familia.

Deixava porém que a sua alma bebesse a longos haustos o prazer de a vêr e de a adorar, queria levar para longe, para muito longe, gravada no mais recondito logar do coração aquella vizão fresca e mimosa que lhe sorria nos umbraes d'uma vida agra e difficil.

Chegára porém o momento definitivo de partir; n'aquella tarde, D. Luiz vinha resolvido a despedir-se para sempre da familia que o acolhêra como filho.

Na sua modestia de alma heroica e bôa, não lhe passava sequer pela idéa que podesse ser amado.

Sabia que soffria muito mas não comprehendia que ia infligir dôr igual á sua, ou mais aguda talvez. Maria, com a reserva britannica adquirida ao contacto e com a educação de mrs. Wilson, não tivera nunca nem a indiscripção d'um olhar.

Achou-a no jardim, não regando as suas flores com a antiga e activa alegria da abelha e do colibri, mas triste, inerte, sentada n'um banco de pedra com os braços pendidos n'uma postura de desolação e saudade.

—Ainda bem que a achei só, minha bôa amiga —disse D. Luiz sentando-se-lhe ao lado—a alegria de seu pae ás vezes acanha-me e desconcerta-me. Não me atrevo muitas vezes a dizer o que sinto ao pé d'elle, com medo de lhe parecer incomprehensivel ou grotesco.

—Tem então hoje um grave segredo a communicar-me?—disse ella com um sorriso pállido.

—Não, nenhum, mas tenho a agradecer-lhe o ter sido para mim tão bôa, tão fraternal; o ter-me feito muito bem com o contacto da sua alma que é transparente como o crystal e ao mesmo tempo firme como o diamante; nunca lh'o disse, digo-lh'o agora. Mui-

tas vezes, sem o saber, com um sorriso, com um dos seus olhares tão serios, com uma observação judiciosa e profunda, com uma pergunta candida, esclareceu a minha consciencia em muitos pontos obscuros. A mulher deve ser assim.

—Serio? pois eu tive tamanho poder?

E baixava os olhos para que elle lh'os não visse cheios de lagrimas.

—Bem sabe que sim. Pois não conhece o seu poder que tantos milagres tem feito em roda de si? Hei de lembrar-me sempre d'este tempo decisivo na minha vida, sempre... sempre... e com uma saudade tamanha... Não faz idéa!

A tarde cahia; os tons já outoniços do arvoredo, que se estendia a perder de vista n'uma ondulação que lembrava o mar, a claridade pallida do espaço, no horisonte as nuvens que de purpureas que eram se iam fazendo côr de opala, os chilros dos passaros, a immensa melancolia da paisagem, sobre a qual se levantava a lua cheia como uma grande hostia de crystal, ao longe o rio com a fita prateada e tremeluzente golpeada aqui e ali pela verdura, e erguendo-se a espaços um ou outro antigo solar em ruinas, com os tons escuros das suas paredes seculares, tudo exhalava n'aquella hora a mesma musica saudosa que havia na voz de D. Luiz, a musica das longas despedidas desoladas, das dôres sem consolo que nada esperam. E fallava de tudo que acaba, de tudo que morre, de tudo que se dissolve lentamente sem deixar vestigios apoz si.

Ella ficou instantes sem responder, com a cabeça baixa e os olhos pregados no solo. Torcia entre as mãos uma ponta do avental preto, procurava uma palavra na garganta secca e oppressa.

Por fim disse com esforço:

—Mas este tempo póde voltar de novo. Creio que não fica lá fóra. Havemos de vel-o outra vez.

—Sim. É possivel que volte, mas então hei de achal-a casada com o homem bastante feliz para poder unir-se á sua vida. Terá filhos, familia sua, outros interesses. A amizade será um sentimento secundario na sua vida. Sei que ha de ser mãe como é... tudo o mais. Ha de ter o santo egoismo das mães. Nem sequer se lembrará de que eu existo.

—Nada d'isso é verdade.—E pouco a pouco a voz de Maria, ao principio baixa e como que suffocada, teve uma vehemencia singular.—Nada d'isso é verdade. Eu não casarei nunca. Casar com quem? Bem sabe que o homem cuja condição social fôr igual da minha, por muito bom, por muito dedicado que seja, far-me-hia desgraçada. Outros não me quereriam. Sou muito humilde para querer ser a rainha d'um pobre ente boçal e sem cultivo, e muito altiva para querer ser a escrava de quem pela sua posição me fosse superior. Uns regeito eu, porque me ensinaram a ter outras aspirações, outras exigencias... outros regeitar-me-hiam porque eu sou uma pobre mulher do povo.

Tinha no olhar uma exaltação apaixonada, e cubria-lhe o rosto pallido uma chuva de lagrimas.

D. Luiz olhou para ella espantado, receioso ao principio, pouco a pouco porèm foi-se-lhe illuminando o olhar, a luz penetrou no seu espirito, comprehendeu o que nem ousava ha pouco conceber. Sentiu que tinha a ventura suprema de ser amado, amado como elle amava, com reserva altiva, e silenciosa paixão.

—Maria—disse aproximando-se mais d'ella, e pegando-lhe na pequena mão que ella deixava pender sem movimento—juro-lhe—e a sua voz era grave, commovida, solemne—juro-lhe que se a encontrasse pobre, tão pobre que o meu trabalho honrado podesse dar-lhe um relativo bem estar, se nos não separasse uma cousa immensa—o seu dinheiro—eu havia de sentir um jubilo ineffavel em ajoelhar-me aos seus pés e em pedir-lhe a honra de lhe poder chamar minha!

Maria ouvia-o n'um extasis que não ousamos pintar. Dobrou-se-lhe para traz a cabecinha airosa e loura, e como que fallando comsigo mesma n'uma voz baixa, musical, n'uma voz de somnambula, isolada nas delicias do seu sonho, disse fechando os olhos:

—Oh! eu bem sabia que esta hora havia de chegar. Disse-m'o ha tempo, ha muito tempo, o meu pequenino talisman que ninguem viu. Depois esqueci-me quasi do que elle me dissera, trabalhei... estudei... pensei, eduquei-me, quiz ser boa... julgavam os outros... julgava eu mesma que era outro o meu fim... O meu fim era este... só este... não tive... não tenho outro na vida!

E ficou muda, fria, rigida como uma morta.

A sua natureza primitiva, natureza de sonhadora, quasi de allucinada, rompêra n'aquelle instante todos os diques d'uma vontade ferrea.

Quando um instante depois Maria abrio os olhos, fixou-os em D. Luiz com uma doçura casta e tão carinhosa como a de uma irmã.

—Seremos tão felizes!—murmurou baixinho, e ficou outra vez calada n'um silencio extatico.

Elle porém levantou-se, deu duas voltas rapidas pelo jardim, e quando voltou para junto d'ella vinha firme, resolvido, sómente um pouco mais pállido do que o costume.

—Maria—disse fictando n'ella como para imprimir-lhe a força que sentia em si, o seu olhar grave e meigo—ouça-me, minha querida amiga. Quero-lhe muito, para que hei de já agora occultar-lh'o, visto que lh'o revelei sem querer? Quero-lhe muito. Não admitto a possibilidade de haver no mundo uma mulher que lhe seja superior, mas separa-nos um concurso de circumstancias que n'esta hora, e n'esta situação eu não sei nem posso vencer. Não diga que duvida de mim—accrescentou quasi violentamente ao vêr o movimento que ella fez.—Eu estou-lhe fallando como deve fallar-se á mulher santa, á mulher superior que um dia nos appareceu no caminho para que comprehendessemos que a perfeição ideal não é uma chymera de adolescente. Bem sabe que é rica e que sou muito pobre, que o meu nome é um nome antigo, e que foi illustre quando

os meus avós o illustraram pela bravura e pela lealdade. Se eu nas circumstancias em que hoje me acho, me chegasse a seu pae e lhe pedisse a sua mão, elle havia de julgar que o meu amor era um calculo mercantil, e que eu trocara a dinheiro o meu brazão ennegrecido e pobre. Uma desconfiança no nome de um homem é como uma nodoa de azeite. Alastra e cobre em pouco tempo uma superficie enorme. De tudo que tive, de tudo a que aspirei, resta-me um nome puro, puro porque, á força de muita dôr secreta, eu remi as culpas de quem m'o legou manchado. Maria, não me faça comprehender a dôr de quem regeita o céu por suas mãos. Quero-lhe tanto, tanto, que não tenho pena de não ter morrido antes d'esta hora que me fez o mais desgraçado e o mais feliz dos homens.

Houve um instante de silencio profundamente triste. Maria ao fim d'elle estendeu a mão a D. Luiz com um gesto de adoravel bondade.

—Creio que é verdade o que me disse—e dir-se-hia ao ouvil-a agora que n'aquella voz de crystal se tinha quebrado uma corda, a corda das alegrias juvenis.—Creio que sou uma mulher um pouco superior porque o comprehendi. Diz bem. Sei que o seu orgulho aristocratico o não inspirou. Sinto no coração que seria capaz de me escolher pobre como é capaz de me regeitar rica. Paciencia! Eu sabia que estava destinada a padecer sempre. E' uma sina. Um escrupulo ainda o mais excessivo, o mais exagerado dos escrupulos não deve sacrificar-

se a sentimento nenhum, nem mesmo a um grande amor. E' das pequenas transigencias que se fazem as grandes covardias. Tem razão. Diriam que houve entre nós uma troca de valores, meu pae havia de pensal-o, talvez. Com o orgulho de si proprio perderia a maior das suas forças. Tem razão. Adeus, meu amigo.

E levantou-se, chegou-se a uma das suas roseiras, apanhou uma rosa, uma rosa quasi murcha, e entregou-lh'a:

—*The last rose of summer!*—disse n'um tom queixoso, velado e brando, o tom de quem se despede para sempre do que mais amou.

E firme, enxugando os olhos cercados n'aquelle instante por uma orla arroxada, sacudindo a pequena cabeça com um gesto de rainha, encaminhou-se para a porta da casa.

Alguem lhe atalhou os passos. Alguem que não temera escutar com a indelicadeza da ignorancia as confidencias dolorosas d'aquellas duas almas estoicas.

Antonio do Nascimento appareceu á porta do jardim, lavado em lagrimas, e adiantou-se para os dois, espantados e confusos.

—Oh! meu Deus! meu Deus!—bradou elle com um sublime arranco de paternidade dolorida—pois ha lá escrupulos, escrupulos falsos, escrupulos criminosos que obriguem uma pessoa a dar pontapés na felicidade!

—Minha filha—e apertou-a contra o largo peito

como para furtal-a e escondel-a aos golpes da desgraça—eu jurei a Deus por tudo que te fiz padecer, que havia de dar-te fosse como fosse, um futuro feliz!

—Acceite-a, sr. D. Luiz—continuou virando-se para o moço.—E' um pae que lhe dá de presente o seu unico thesouro. O dote d'ella—e alçou a cabeça com um gesto de serena dignidade—não mancha a mão que o acceite. Foi junto com o suor d'umas poucas de gerações honradas. V. Ex.ª não recusava uma noiva nobre e rica, e julga faltar á sua dignidade por que acceita uma mulher do povo que lhe leva o bastante para não depender do seu trabalho. E diz que não tem soberba! Que nome tem isso? não me dirá? Tem direito para tudo, mas não para me matar a minha filha, e eu vi que ella morre, senti-lh'o na voz com que lhe disse adeus! Se a quer pobre, reparta pelos seus creados o dote d'ella, é o meio de não sujar as suas mãos com o dinheiro plebeu!

IX

Não sei se no espirito e na consciencia de D. Luiz, custaram muito a acalmar as ultimas resistencias.

Sei que era ainda muito moço para que o escrupulo d'uma exagerada dignidade o exilasse para sempre do céu!

Acceitou a ventura que Deus lhe mandava, a suprema ventura que teria comprado com todo o sangue das suas veias.

Hoje vivem no velho solar, remoçado pelo gosto artistico da castellã. Quando seu marido a vê passar ligeira, com o longo vestido branco, e a massa dos pezados cabellos cahida nas espaduas, pelas salas de altos tectos apainellados, forradas de sombrios pannos de Arras, guarnecidos de espelhos de Veneza e de grandes retratos, mobilada com os formosos primores da arte da Renascença, julga que uma figura de Ticiano ou de Leonardo Vinci, se destacou da sua moldura dourada e veiu animar de vida ideal o palacio sombrio.

D. Luiz é o trabalhador moderno na sua expressão genuina. Deixou as luctas do fóro pelas altas especulações da industria. Multiplica os haveres do sogro que administra, creando em torno de si preciosos melhoramentos e fontes de grande riqueza.

Em si gasta pouco. E' sobrio, simples e modesto o seu viver.

Para a mulher porém é prodigo como um namorado; cada dia a adora mais e parece-lhe que para aquella figura adoravel o luxo é a unica moldura adquada.

Maria tem um filho, aquelle *baby louro e côr de rosa*, em que ella sonhava ás vezes nas suas horas de ambição.

Quando elle lhe morde o seio e a juvenil mãe parece bebel-o todo com o seu olhar sofrego e amo-

roso, pensa comsigo que Deus é muito bom, porque poz n'este mundo o limiar do paraizo.

D. Luiz diz que o pequenino ha de ter o sangue rico e a alma divina da mãe, e esta affirma sorrindo que terá as fórmas distinctas, o aspecto aristocratico, a generosidade cavalleiresca do pae.

Mrs. Wilson ao partir, depois de ter passado com elles todo um verão, não poude deixar de dizer-lhes á despedida estas palavras que constituem um pensamento verdadeiro, manifestado com aquella solemnidade um pouco sentenciosa que ha no fundo de todo o espirito britannico:

—Meus amigos, se a fidalguia podesse personalisar-se em D. Luiz, e se o povo se podesse personalisar em Maria, se as duas raças inimigas se unissem e estreitassem produzindo juntas uma geração trabalhadora e heroica, eu não perdia de todo a fé no futuro do vosso paiz.

SEGUNDA PARTE

A MULHER ANTIGA

E

A MULHER CHRISTÃ

A historia da mulher atravez todos os seculos, seria de certo um bello e fecundo estudo, se alguem ousasse emprehendel-o com a imparcialidade d'um espirito justo, temperada pela suave compaixão d'um Michelet.

Sentiriam todos profundo interesse, em seguir as transformações progressivas d'essa casta soffredôra e sublime, que tem provado como a Israel antiga, os triumphos rapidos, e as longas, as interminaveis perseguições.

Rainha, ou escrava, companheira do homem, ou instrumento dos seus prazeres, a mulher conserva sempre aos olhos do pensador moderno, aquella aureola suave que illumina os fracos e os torna quasi sagrados.

E no entanto, que de humilhações ellas tragarão

ainda antes de chegar a hora tardia da sua completa redempção moral.

Quando o olhar se nos espraia pelas regiões azues do velho Oriente, vêmos passar n'aquellas paginas edyllicas, que a Biblia lhes consagra, uma ou outra figura de mulher, de uma idealidade seductora e casta.

São as brancas filhas dos patriarchas, as que davam a beber a agua pura e fresca das suas grandes urnas de argila, aos viajantes do deserto e aos seus cançados dromedarios; são as candidas escravas que dormiam submissas aos pés do velho senhor; é a formosa Esther, é a muito amada esposa de Jacob.

Depois, a destacarem-se d'esse grupo sereno, humilde, tranquillo, que exhala de si não sei que dôce aroma de recolhimento e de tristeza, é a triumphante Concubina dos Cantares lascivos, a soberba creatura ungida de nardo e de oleos preciosos; é Dalila, a astucia vencendo a força, é Judith, a fraqueza revoltada derrubando a tyrannia.

O poetico esplendor d'estes quadros coloridos por aquelle sol, emmoldurados por aquellas paizagens, não póde porém disfarçar por muito tempo ao nosso espirito, a inferioridade humilhante, a ignobil servidão a que era condemnada a mulher do Oriente.

Nos tempos heroicos do paganismo, apparece-nos ella nas paginas radiosas do velho cantor grego, influente, dominadora, prestigiosa.

Os olhos de Helena accendem a guerra troyana;

os encantos de Briseis recolhem ao acampamento despeitado e sombrio, o guerreiro invulneravel; Penelope, a esposa pura e fiel, acalma com um aceno da sua mão pequena, a orgia selvagem dos seus quarenta pretendentes barbaros; e mesmo o crime feminil, personalisado em Clymtmnestra, tem não sei que sinistra magestade que impõe, que atterra e não repugna.

Em quem poderia o poeta personalisar com mais vivo encanto a doçura irresistivel da castidade que ama, do que na creação adoravel de Andromaca! Que heroina moderna excedeu o prestigio omnipotente da mulher de Menelau!

Era o bello tempo heroico das grandes batalhas e dos titanicos triumphos; o tempo em que as deusas desciam do Olympo a protegerem com o escudo invisivel os seus dilectos heroes.

Tinha então a esposa a sagração do seu alto sacerdocio; aos costumes da Grecia repugnava, como uma abjecção, a polygamia asiatica, que tanto rebaixava a mulher d'aquelles climas.

Mais tarde, as transformações politicas e sociaes operaram no destino da mulher a sua funesta influencia.

Á mulher livre, que o povo via passar envolta na sua castidade como n'uma armadura invencivel, tendo o seu logar no conselho dos chefes e na meza dos festins, possuindo e usando a sensatez que persuade, e a formosura que subjuga, segue-se a mulher das democracias hellenicas, a escrava obe-

diente eivada de pequenos vicios servis, e victima resignada dos desprezos do homem. O *Agora* abrira as suas portas ás paixões populares, o egoismo viril absorvia todos os interesses, sacudira-se o jugo dos reis, e todo o poder das intelligencias cultas era votado agora á dominação de um povo inconstante, curioso e frivolo, de um povo mais tyranno ainda que os tyrannos que desthronara, ebrio do seu poder e vendendo o voto de cada dia a quem mais caro lh'o pagasse.

Os homens entregues todos ás tempestades e ás luctas da praça publica, separaram-se da que lhes fôra até ali companheira, dando-lhe por carcere o gyneceu.

Um illustre escriptor grego, de quem não citamos o nome, receiosa de que algum perguntador nos dê sorte igual á que Moliére e Castilho deram ás *Sabichonas*, expoz d'este modo todos os deveres da mulher perfeita.

—«Deve ser similhante á abelha mestra; não sahir de casa, exercer sobre os escravos activa vigilancia, distribuir-lhes as tarefas diversas, tractar dos que estão enfermos, qualquer que seja o seu numero e edade, receber e guardar cuidadosamente as provisões, zelar o fabrico do pão, das teias e dos vestidos, arranjar os utensilios da cosinha, conservando-os sempre muito limpos, e dando-lhes nomes que os distingam uns dos outros; amamentar e educar os filhos; e vestir-se com decencia e asseio.»

A isto deviam limitar-se as aspirações d'um co-

ração que ama e deseja, de um espirito que se levanta pelo pensamento, de um corpo a quem Deus concedeu a graça indefinivel das suas mais bellas e escolhidas creações.

Um olhar para fóra d'este circulo asphyxiante, uma vacillação no arido caminho d'este Calvario, era-lhes castigada com as penas mais crueis.

D'este despotismo masculino nasceu, como era de crêr, a revolta.

A mulher sequestrada da sociedade pela virtude, enthronizou-se n'ella pelo vicio.

Dividiram-se e extremaram-se os campos.

Umas escolheram a tarefa ingrata, a escravidão pezada, a obscuridade monotona e sombria, as dôres sem premio, d'uma maternidade puramente material. Quizeram outras os loucos triumphos electrisantes, as conquistas celebres, os longos festins onde o vinho e o amor circulavam em ondas, a adoração dos artistas, a musica, as flôres, os oleos preciosos da poesia, as tunicas de purpura e ouro, todos os requintes sensuaes da esplendida civilisação, que era a decadencia d'um povo heroico.

Emquanto a esposa, esquecida e só, fiava na roca, pensando por ventura no marido que orava na praça publica, sob as marmoreas arcadas do Portico, ou se embriagava longe d'ella, de vinho de Chypre e de lubricos sorrisos, a *hetaira* esplendida ensinava a arte de reinar a Pericles, a philosophia a Socrates, o amor á doida mocidade enthusiasta, que frequentava a sua extranha academia. Tinha co-

mo Lamia um templo em Thebas, outro em Athenas; arrancava como Phrinéa ás mãos dos juizes, vencidos pela sua formosura fulminadora, a sentença de morte que elles acabavam de lavrar: inspirava Phidias e Appelles; apparecia deslumbrante de luxo e de esplendor, nos jogos olympicos d'onde a esposa honesta era ignominiosamente expulsa; era acclamada nos templos e nas praças, temida como as mythicas sereias, adorada como as divindades do Olympo.

A belleza physica, a graça, a elegancia, eram então divinisadas pela Arte e pela Philosophia, pelos poetas enthusiastas, e pelos tranquillos sabios, e a *hetaira* reinava sobre elles, sacerdotisa magna d'esse culto sensual.

Roma, envolvendo em prestigio as suas severas matronas, deu-nos a mãe dos Grachos e a filha de Catão.

Era um passo gigantesco na emancipação moral d'essa escrava que o mundo antigo agrilhôa ao posto dos grandes martyrios, das servidões ignobeis, dos deleites infamantes.

Não tarda para ella o alvorecer d'uma purpurea madrugada, toda alegrias ineffaveis e suavissimos perfumes.

Ao longe, das bandas do mysterioso Oriente, d'essa patria de todas as civilisações e de todos os prodigios, levanta-se outro sol, o sol das almas, o que vem purifical-as de todas as maculas, nas bemditas claridades da redempção.

Surge o dôce Nazareno, a ideal figura melancolica do Christo, e uma Virgem que é sua mãe segue-lhe os passos orgulhosa e embebida no extasi, e as filhas de Jerusalem redimidas por elle, choram todas as lagrimas do seu coração, junto á Cruz do Justo, e a lascivia pagã, a grande sacerdotisa impudica, vem na figura de Magdalena, abjurar as criminosas pompas aos seus pés, ungindo-lh'os do balsamo que a perfumava na embriaguez das passadas volupias, enxugando-lh'os na toalha doirada dos seus cabellos que varrem o pó em signal de arrependimento e de humildade.

Desde essa hora, que dacta o renascimento da mulher, cada seculo lhe tem trazido uma conquista nova.

Maria, a suave madôna inspiradora e casta, é o ideal onde poetas e pintores fixam d'ali ávante o olhar, outr'ora enamorado por todos os esplendores carnaes.

A Edade Média consagra pela madona dos seus trovadores, pela espada dos seus cavalleiros, o culto immaterial da mulher; Dante, o poeta dos symbolos immortaes, resume tudo que póde haver de mais bello na candida apparição de Beatriz; os prodigios da Renascença nascem e florejam sob o delicado e harmonioso impulso feminil, e em todas as evoluções sociaes se encontra o vestigio indelevel d'este poder tão caprichoso como irresistivel.

Não está porém completa ainda a obra da sua redempção.

A mulher d'hoje, por muito que n'essa empreza se tenham empenhado as mais robustas intelligencias do seculo, está longe de comprehender a missão altissima que nas sociedades modernas lhe está reservada.

É fóra de toda a duvida que ella precisa de pensar, de aprender, de elevar-se pelo estudo de si propria, e pela observação dos phenomenos naturaes, que precisa antes de tudo de submetter-se a certos processos de educação, para se tornar a companheira propria do homem moderno, d'esse trabalhador vigoroso, d'essa curiosidade infatigavel, que tenta apropriar-se de todas as sciencias, e de todas as artes, não para se adornar exteriormente de inuteis conhecimentos luxuosos, mas para sujeitar por meio d'ellas as duras rebeldias da natureza.

Mas para alcançar este fim, cada vez mais necessario, e de cujo forçado afastamento as sociedades modernas se resentem cada vez mais, quantas difficuldades e quantos perigos a vencer!

É incontestavel, é dolorosamente verdadeiro que emquanto o homem, auxiliado e dirigido pelo progresso das sciencias politicas e naturaes, se adianta audaciosamente, vendo rasgarem-se diante do seu olhar, cada dia horisontes mais largos, a mulher, aguilhoada aos seus erros systematicos, ou á sua forçada ignorancia, ou recua para as trevas, ou pára desnorteada e espavorida.

D'aqui o divorcio inevitavel entre os dois espiritos que deviam caminhar identificados, d'aqui o des-

atar lento de todos os laços da familia na propria epocha em que a familia alcançou, aos olhos de todo o pensador, a sua mais alta e mais sagrada significação; d'aqui o desalento entristecido e morno que envolve as nossas instituições, as incertezas e os contrastes que fazem do nosso tempo, um tempo incomprehensivel, as opposições subterraneas que contrariam o grande movimento da humanidade no caminho do bem, á lúz do sol, a inconsequencia com que, ao passo que todos os problemas moraes e sociaes se vão resolvendo na esphera do pensamento, uma força de que ninguem sabe a origem, da qual ninguem discrimina os intentos, parece encher os caminhos praticos, de barrancos, de desfiladeiros e de obstaculos.

Lembrem-se ás vezes os declamadores que bradam contra a reacção religiosa, e que attribuem a essa unica influencia todos os males, que a grande chaga social do nosso tempo e sobretudo da nossa raça, é a desigualdade moral e intellectual entre o homem e a mulher, é a educação insufficiente ou errada que esta ainda recebe, é o desequilibrio perigoso que produz n'uma sociedade que tende a transformar-se e a depurar-se de antigos erros, um poder que tem de si uma tão falsa idéa que só se reconhece como fundamento e como base, a desordem que a Paixão introduz forçosamente no organismo humano e social.

Se tudo no Universo, desde a rotação dos astros até ao vegetar da planta, obedece a uma lei racio-

nal e harmonica, e se sugeita a gradações successivas, é justo que o Ideal da mulher siga tambem a evolução que tudo segue na natureza, e vá tomando uma fórma que se adapte harmoniosamente ás instituições e ás idéas, com as quaes está em relação immediata.

Só assim ella conservará, modificado mas sempre invencivel, o poder de que os seculos a teem successivamente revestido.

A ACTRIZ

De todos os gosos que a arte, como compensação suprema ou suprema recompensa, offerece aos seus devotos, os mais violentos e os mais fugitivos são os gosos do artista dramatico, ou que elle tenha na voz o segredo das harmonias ineffaveis, ou que tenha n'alma o segredo das fulminadoras paixões.

Como a lei das compensações é a melhor, a mais providencial e a mais infallivel das leis, segue-se que esses triumphos que teem de durar ainda menos que uma existencia, pois que só illuminam a mocidade do artista, adquirem na intensidade apaixonada o que perdem na duração.

O poeta deixa consubstanciada n'um livro a sua vida inteira, e com ella a memoria das suas lagrimas, dos seus sonhos, das suas dôres, da sua viagem ideal pelos paizes da phantasia, e á voz melo-

diosa e vibrante, responde enternecido o applauso dos seculos; o pintor lega á posteridade na galeria dos seus quadros, o seu pensamento que tomou vulto e que ficará visivel e eterno; o *maestro* achou meio de fixar no papel mudo, as immorredoiras harmonias, e o artista dramatico que traduz como o poeta as profundas paixões e os grandes sentimentos, que estuda como o pintor os cambiantes do colorido, as graças e a magestade do gesto, a verdade historica dos trajos, a elegancia esculptural das posições, que modula como o *maestro* as musicas arrebatadoras, o artista dramatico gasta n'algumas curtas noites de febre, seculos de vitalidade, exgota em horas de commoção sobrehumana, porque reune e sinthetiza a commoção de milhares de homens, toda uma vida de fervida excitação; identifica-se com as creações que reproduz e com o genio que as concebeu.—Homem é Hamlet, a duvida sombria que tomou fórma para nos deixar pavidos e attonitos diante do abysmo que todos trazemos no coração; é Othello, o feroz ciume voluptuoso; é Tartufo, a hypocrisia viscosa; é Macbeth, o crime ensanguentado e pusilanime; toma todos os aspectos, lucta peito a peito com todas as paixões, participa pelo espirito—communhão sublime!—de todos os sentimentos.

Mulher, chora com Desdemona as doces lagrimas submissas do seu cego e humilde amor, ruge com Medéa e com Phedra os bramidos selvagens, as volupias sacrilegas da tragica paixão antiga, gorgeia.

com Rosina as frescas canções da ternura juvenil, morre como Margarida Gauthier, a moderna Magdalena, remida sem deixar de peccar, e que tanto dista da branca filha de Magdala, allumiada pela suavissima luz do Evangelho, remida pelo puro amor do Christo.

Depois, quando as luzes se apagam na rampa, e quando se apaga no olhar das inspiradas perdularias, a mocidade que ellas lançaram com o coração a todos os ventos da tempestade, faz-se em torno d'ellas um profundo silencio sinistro.

De todas aquellas noites de enthusiasmo e de febre, em que cada homem era um amante, e cada mulher uma rival, de todos aquelles soluços convulsivos, d'aquelles gritos de callida paixão a que respondiam mil brados, d'aquelle magnetismo extranho e irresistivel que se communicava do coração da artista a milhares de corações desconhecidos, resta-lhes—quando resta—um nome que nenhum ecco já desperta, a não ser no espirito embotado e gasto d'algum velho que ficou e que inda se recorda...

Bem fez a Malibran, aquella creança pallida e sublime, que não poude conter o coração e que o deixou estalar no seio; bem fez a Dorval a inspirada creatura que *sentia* os seus papeis, e arrancava com as suas lagrimas, as lagrimas do auditorio electrisado; bem fez Maria Garcia, poetica vizão morta pelo amor e pela arte; bem fez entre nós Manuela Rey, a dôce promessa que promettia ser uma realisação esplendida.

Todas estas morreram cedo.

Sugaram o fructo delicioso e pozeram-n'o de parte antes que elle se lhe fizesse em cinzas.

Conheceram as glorias do triumpho, e não quizeram conhecer as longas amarguras do esquecimento.

Ellas são na realidade as creaturas privilegiadas; conhecem o que nós não conhecemos nunca; e no entanto, mesmo na hora da sua mais capitosa embriaguez, não as invejemos leitora, porque ellas vão subindo insaciaveis, commovidas, febricitantes, a montanha enorme do Ideal, porque ellas vão diluindo a alma em lagrimas, e como o mythico pelicano, alimentando as turbas do sangue do seu coração.

O repouso placido e monotono dos nossos dias, não o podem ellas conhecer nunca.

Para viverem com gloria, precisam da continua excitação, que as gasta exaltando-lhes o sentir, duplicando-lhes as faculdades creadoras.

Imitar é crear, disse já um grande pensador, portanto ellas criam sem descanço, e n'esta fecundidade assombrosa e dilacerante se lhes esvae a vida.

Depois, quando para ellas e para nós sôa a hora fatal, que embranquece as cabeças loiras e enruga as faces de veludo, nós temos ao nosso lado um velho companheiro, que nos sorri com um meigo sorriso impregnado de saudades, e diante de nós um bando alegre e juvenil que, reproduzindo-nos

as scenas do passado, nos falla da immortalidade do futuro, e ellas, as que amaram tanto a Arte que não souberam parar um instante a armar um ninho ao pé das arvores, debaixo do céu azul, ellas, que pela maior parte só conheceram além dos ephemeros cultos, um amor verdadeiro e real, o amor d'uma velha mãe que já morreu, ellas sentam-se solitarias ao pé do fogão, e veem passar ao longe, muito ao longe, atravez d'um veu de lagrimas, o cortejo das suas noites triumphantes e das suas electricas ovações, ouvem os brados enthusiastas de tantos egoisticos admiradores, com quem repartiram a vida, pensam tristemente na vertigem das suas alegrias extinctas para sempre, e repetem baixinho o verso do florentino immortal:

Nessum maggior dolore
Che recordarsi del tempo felice n'ella miseria.

MADAME DE SEVIGNÉ

Em França, o seculo XVII offerece aos visitadores d'este genero de galerias historicas, a mais extranha e animada variedade de typos femininos.

Em parte alguma como n'aquelle paiz, em tempo algum como n'aquelle tempo, a mulher attingiu a realeza que tanto ambiciona, realeza que tem o throno na sala e nos *boudoirs*, que tem o sceptro na belleza e no espirito, que tem o imperio no coração, e na cabeça dos homens verdadeiramente superiores.

A mulher, o *feminino eterno*, imprime o seu cunho indelevel, exerce a sua influencia caprichosa no seculo extraordinario a que deu nome e principal impulso o mais mediocre dos seus espiritos notaveis, o pomposo creador de Versailles.

Corneille tinha então no isolamento ingrato a que o condemnavam, as suas grandes coleras de velho

leão ferido; Molière, com a mão armada do latego implacavel, ora traçava as grossas caricaturas que faziam morrer de riso as duquezas delicadas, ora desenhava, nas figuras esculpturaes do *Tartufo* e do *Misantropo*, a hypocrisia victoriosa do seu tempo e a melancolia insondavel e profunda de sua alma, ora descrevia os caprichosos arabescos d'uma phantazia inexgotavel e altissima; Racine, imaginando de bôa fé imitar os antigos, descobria um veio de ouro fino em mina inexplorada, e vinha depôr humilde e deslumbrado o seu holocausto aos pés do *astro-rei*; Bossuet fazia eccoar a voz antiga ante a côrte servil do despotico monarcha; Condé e Turenne escreviam com a espada epopeias immortaes; Lafontaine, a candida alma absorta e distrahida n'uma especie de sonho pantheista, passava envolvendo a creação inteira no seu vago olhar cheio de amor; Boileau pensava em Horacio, pautando em severos moldes as livres inspirações do Genio; Fenélon dessendentava o seu espirito doce e meigo de visionario christão na fonte pagã onde bebeu Virgilio, e por entre estes vultos gloriosos, passa altivo, risonho, radiante, um bando de figuras femininas, todas ellas distinctas, caracteristicamente accentuadas.

É La Vallière, a violeta melancolica, loura como uma vinheta ingleza, sentimental como uma romantica moderna, realisando n'aquelle meio interesseiro e falso, o milagre de amar um rei como amaria um pastor. É Ninon, aquella Ninon por quem a côrte inteira morria de amores, delicioso

demonico, phosphorecente de graça e de malicia, de alegria e de formusura. É Madame de Maintenon, a beata ambiciosa de ar correcto e frio, fazendo da *virtude* a mercancia que outras fazem do vicio. É a gentil duqueza de Orleans, visão vaporosa e ephemera como as neblinas matinaes, sonho de Shakespeare que atravessa com ligeireza de fada a scena brilhante, deixando na vida um rastro de luz, inspirando na morte o formidavel, o esplendido, o biblico lamento de Bossuet. São as *preciosas* do *Hotel Rambouillet*, é Madame de Laffayette, a delicada auctora da *Princeza de Clèves*, a graciosa e discreta amiga de Larochefoucauld, o homem que convertia a bilis em sentenças para uso dos desilludidos; é mademoiselle Scudéri, a *Sapho* magra, ossuda, tostada pelo volcão interior, cujas irupções flammejantes se traduziam em romances de dez volumes; é a Montespan, é a Fontanges, é Maria Mancini, são emfim todas essas figuras que ficaram, umas talhadas no marmore da historia, outras modeladas no *biscuit* da anecdota, umas filiadas em *coteries* poderosas, outras constituindo á parte uma distincta e accentuada individualidade.

É ao numero das ultimas que pertence a graciosa mulher de quem promettemos fallar no titulo d'este artigo.

O seu tempo parece não se haver occupado d'ella tanto quanto o merecia a deliciosa creatura que fez da tagarellice uma arte, e das suas expansões despretenciosas um modelo classico; a posteridade po-

rém pagou largamente a divida, e em quanto os *bellos espiritos* que *madame* de Sevigné admirava desinvejosamente são de todo esquecidos; as cartas d'ella popularisam-se, decoram-se e serão sempre universalmente admiradas. Os ignorantes adoram-as pela sua graça, os letrados pelos preciosos elementos que fornecem, sem dar por isso, para o estudo da epoca em que foram escriptas.

E quem atravez d'aquellas cartas, não ha de sympathisar com a auctora!...

N'ellas desenrolla-se diante do olhar menos perspicaz, a vida inteira da espirituosa e gentil marqueza, vida brilhante, animada, um tanto frivola mas pura, e diriamos mesmo severa, se a palavra estivesse em harmonia com a mais risonha, a mais jovial, a mais *gaiata* de todas as virtudes,

Ao principio, a gente vê-a bella, d'uma belleza picante e maliciosa; labios vermelhos e carnudos, sedoso cabello louro em ligeiros anneis que lhe emmolduram o rosto ironico, olhar vivo, coriscante, cheio de penetração e de finura; rindo, o que é vulgar; sabendo rir, o que a poucos acontece; conhecendo-se gentil, apetitosa como um pecego córado e fresco, de penugem levemente doirada pelo sol, provocante na sua altiva e singular isempção, sem esquivanças e sem *coquetteries*, sem o ar formidavel que não raro torna a virtude antipathica, dando-lhe o aspecto d'uma fortaleza assediada, sem o abandono indolente, a morbidez serpentina da fraqueza que só busca um pretexto para se deixar vencer.

Deliciosa Salamandra, que passa no fogo, viva, *fretillante*, invulneravel.

Ha um momento, momento rapido e passageiro, em que a commoção parece amollecer aquella voz palradora e alegre. É quando a colera olympica de Luiz XIV, o Jupiter de papelão, fulmina Fouquet o faustuoso e prodigo financeiro.

O que não tinham podido as seducções do elegante millionario, poude no animo generoso e impressionavel de *madame* de Sevigné a desgraça, e a condemnação do amigo. Vibram-lhe então na voz umas notas palpitantes, sentem-se-lhe impaciencias, anciedades, exaltações dolorosas; toda ella palpita e estremece ao vel-o passar para o tribunal — acompanhado de Artagnan, o nome de que Dumas fez um vulto homerico—mandando-lhe de longe o seu bello e melifluo sorriso de cortezão e de seductor.

Mas a impressão passageira esvae-se como todas as outras. Em *madame* de Sevigné, a viveza e o espirito excluem quasi sempre a sensibilidade, esse encanto e esse perigo da mulher.

Quando a mocidade d'ella começa porém a tingir-se d'aquelles tons callidos, que são no dia as vermelhidões enflammadas do occaso, no anno as opulencias maduras do outono, na mulher a gravidade melancolica do declinar da vida, uma paixão até ali muda, a paixão maternal, a unica e a omnipotente paixão da sua alma, irrompe, alastra-se, floreja e dá-nos n'aquellas cartas carinhosas e scintillantes a sua manifestação immortal.

Se não fosse esse amor que é o seu caracteristico e a sua inspiração suprema, nunca a posteridade conheceria *madame* de Sevigné e o seu espirito fino, alegre, robusto, inimigo das grandes expansões sentimentaes.

Como ella adora a filha!...

É um vigoroso affecto de alma honesta e bem temperada; ama-a e não exige d'essa creatura pautada, fria e um tanto pedante, nem uma prova, nem uma abnegação, nem um sacrificio!

Pede-lhe só que se deixe amar, e como apesar de tudo a não illude o excesso da ternura, comprehende que para alcançar essa felicidade suprema, precisa de lhe não revellar as lagrimas senão atravez dos risos, de lhe não repetir as doces puerilidades do sentir excessivo, senão intercaladas e por assim dizer protegidas pelas anecdotas chistosas, pelos *can-cans* de toucador, pelas indiscripções da côrte, pelas caricaturas comicas, pelos divertidos episodios que ella conta tão bem, com uma graça magana, com uma viveza que é só d'ella, com uma simplicidade adoravel onde o talento parece cousa tão natural, que a gente por mais que o procure, nem chega a dar por elle.

O espirito de *madame* de Sevigné não póde ser classificado a par dos espiritos litterarios de nenhum tempo.

A palavra sahe-lhe espontanea e crystallina como uma veia de agua pura. A graciosa senhora não sabe que tem talento, sabe só que é alegre, que é ma-

liciosa e expansiva, que é vivamente apreciada n'aquelle centro escolhido e delicado de que é o encanto, e deixa que o seu espirito se exhale sem arte e sem exforço em chispas de alegria scintillante, como de certas flores se exhala um cheiro fresco e sadio que falla aos que o aspiram de saude, de singeleza, e de bondade.

E que primorosos perfis nos desenha ao passar esse lapis ligeiro e expressivo, que espirituosas descripções a dois traços, que finas observações litterarias nem sempre filiadas n'um criterio profundo, mas sempre expressas com aquella malicia gauleza ou aquella simplicidade correntia que fazem o encanto singular do seu espirito fascinador e unico.

Madame de Sevigné não pára nunca; vae, vem, conversa, indaga, tagarella, faz e recebe visitas, ceia em casa das amigas, creaturas encantadoras que teem toda a especie de graça, e nenhuma especie de orthographia, respiga aqui e ali para as transformar com o estylo alegrissimo, polvilhado de ironia brilhante, pequenas historias escandalosas, rediculas ou burlescas; nos intervallos d'estas fadigas sociaes, no retiro de Livry ou nos *Rochers* manda plantar arvores, occupa-se de jardinagem, enamora-se de flôres, da ramada cheia de *perolas e diamantes*, dos rouxinoes e da solidão; depois lê o Tasso, o Ariosto e Guichardini, lê Pascal, Nicole e Tacito, ouve lêr Rabelais, e até—justos céus!—ouve lêr Calprenéde, isto sem muita escolha n'uma certa des-

ordem pittoresca, mas tudo acompanhado da graça irresistivel e inesperada que distingue o espirito menos pedante que ainda abriu e florejou ao sol da intelligencia.

Madame de Sevigné aprecia deliciosamente Lafontaine o distrahido immortal. É ella quem compara as fabulas d'elle a um cabaz de cerejas, accrescentando com naturalidade fresca e risonha:

—*Começa a gente por escolher as mais vermelhas e as mais bonitas, depois sem dar por isso acaba por comêl-as todas.*

Não busquemos nas cartas da encantadora marqueza nem philosophia nem profundidade massuda.

Contentemo-nos em achar n'ellas um delicado aroma de jovialidade e de chiste, um senso lucido e finamente ironico, uma graça affectuosa e expansiva, que ás vezes tem a intrepidez de não recuar ante o termo proprio um pouco escabroso, e um coração amorosissimo, um grande, um infinito coração de mãe a doirar de luz tudo que ao vulgar se affigura talvez frivolo e pueril.

Estas cartas que são um monumento de elegancia e de perfeição epistolar guardarão sempre o vivo reflexo d'aquelle extranho seculo, com todas as suas grandezas e mesquinhezas e a recordação indelevel da encantadora mulher que as escreveu quasi inconsciente dos primores que ia creando, mulher que é uma das mais originaes, das mais caracteristicas e luminosas figuras do seu tempo.

Pinteus 1875.

A' MORTE

DE

GEORGES SAND

Ó fille de l'Amour et de la Liberté
O docte Madeleine! ó pecheresse austère!
Ton front est dans le ciel, ta bouche est sur la terre,
Reine de poésie et reine de beauté!

Ton génie adorable est cet arbre enchanté
Qui déjà donne un fruit donc le suc nous altère,
Quand il secoue encore aux abords d'un cratère
La neige du prinptemps, les fleurs de volupté.

Nouvel Ange déchu, nouvelle Ève punie,
O femme par le cœur, homme par le génie,
Chante et promène nous dans ton cher Alhambra.

Quand le souffle fatal aura brisé ton aile,
Quand tu seras tombée en la nuit eternelle
Une étoile de plus sur nous rayonnera!

Isto dizia ha quarenta annos, Arsène Houssaye, o poeta das finas e requintadas delicadezas, á explendida, á sublime peccadora que depois de uma longa

quadra de meditação tranquilla e de austero arrependimento acaba de sumir-se ante os olhos do mundo, a quem o seu genio deslumbrou, na eterna e mysteriosa noite de alem-tumulo.

Era ella então o idolo da mocidade, o symbolo gentil das ardentes revoltas sociaes, o sonho de todos os artistas, e porventura tambem o horror, a abominação, o indecifrado enygma que preoccupava os virtuosos sinceros e os hypocritas charlatães.

Ainda n'esse tempo uma espessa matta de cabellos escuros, lhe emmoldurava o rosto de expressão extranha e de contorno esculptural, o seu olhar de esphinge profundo e calmo tinha ainda aquellas fascinações irritantes, que attraiam como o abysmo escuro das aguas, e até a sua habitual postura de silenciosa concentração era como que um novo encanto diante do qual se absorviam extaticos os grandes espiritos que a rodeavam.

Ella era a musa dos desesperos *byronnianos*, a musa evocada na embriagez do absintho, entre sorrisos que distallavam lagrimas e soluços que vibravam com o estridulo som d'uma gargalhada incredula!

Balsac o grande anatomista ia sondar os antros tenebrosos d'aquella alma inconsolavel e creava Camille Maupin; Musset via-a passar ao longe envolta na claridade opalina das suas saudades, e dava-nos na *Confissão de um filho do seculo*, o mais dilacerante poema que ainda a paixão humana escreveu com o sangue do coração.

As mulheres da geração romantica, aquellas mulheres pallidas, hystericas, devaneiadoras e sensuaes, que haviam nascido no intervallo febril de duas batalhas, que tinham respirado na infancia a atmosphera electrica das procellas, e crescido acalentadas sob a chuva enervante e morna das lagrimas maternaes, as mulheres liam á noite, furtivamente, os livros incendiarios d'aquella prodigiosa irmã que as entendia tão bem, e sonhavam allucinadas e convulsas, nas luctas dilacerantes do amor trahido, nos grandes affectos que redimem, no acre sabôr irritante do vedado pômo, em todas as pungentes e voluptuosas agonias da Paixão!

O nome de Georges Sand era n'esse tempo um symbolo adorado, symbolo de revolta e de independencia, que ella arvorára bem alto entre os applausos de toda uma geração de loucos e de enthusiastas.

Hoje, porém, que os jornaes nos trazem a discripção da morte da matrona de Nohant, entre os beijos das suas netinhas, eu pergunto a mim mesma que relação existe entre uma e outra mulher, e se a verdadeira Georges Sand, a Magdalena dos rapidos amores ardentes, a creadora de *Lelia* e de *Valentina* não morreu já ha muito tempo, no dia em que a intrepida revolucionaria que se insurgira contra todos os codigos feitos pela mão do homem, voltou pallida, subjugada, vencida pelas eternas leis que desconhecêra largo tempo, para o vetusto abrigo da sua adolescencia povoada de sonhos, para a som-

bra das grandes arvores que tinham assistido ao ardente phantaziar dos seus annos juvenis.

No dia em que o confuso ideal a que os seus sonhos aspiraram lhe appareceu tal como era, falso, mentiroso, impossivel, n'esse dia a orgulhosa luctadora prostrada, ao renegar todas as chimeras que ella propria creára, devia arrojar para bem longe de si a aureola d'uma immortalidade que lhe tinha custado todas as lagrimas do despedaçado coração.

Não succedeu porém assim.

Georges Sand continuou a escrever; o seu espirito modificava-se sem perder nenhuma das graças seductoras, e—cousa extranha!—ninguem poderia adevinhar que a mão que escrevia *Malgré tout*, *Cesarina Dietrich*, *Flammarande*, etc., etc., era a mão tremula e senil d'uma mulher de setenta annos.

Victor Hugo nas palavras, aliás frias e sem um vislumbre de commoção, que escreveu para serem lidas junto do tumulo da mulher-prodigio, saudava n'ella com razão a escriptora immortal.

O grande poeta pensou de certo: immortal e unica.

O mundo não terá outra Georges Sand.

Para produzir aquelle estranho aggregado de fragilidade e de grandeza, de loucura e de bondade, de desvairamento e de vigor intellectual, foi necessaria a combinação de todos os elementos contradictorios, que determinaram o seu nascimento e con-

stituiram a sua educação, e o meio em que ella se desenvolveu e em que tinha de viver.

Neta de principes por seu pae, corria-lhe ainda nas veias impetuoso e fervido o sangue do bello e valente Mauricio de Saxe; sua mãe, natureza plebeia, vulgar, um tanto baixa communicara-lhe no leite o acrisolado amor do povo, sem lhe poder inocular no espirito aquella pudica e senhoril delicadeza, que á mingua de principios solidos é tanta vez a salvaguarda da mulher, especie de instincto de arminho que afasta do atoleiro as naturezas aladas.

Assim preparada pela sorte, a indomita creança, que havia de vir a ser a gloria e o assombro do seu seculo, cresceu livre, só, sem direcção religiosa, sem disciplina moral, no seio de uma farta e uberrima natureza que a embalava preguiçosamente, vertendo-lhe no sangue a sua callida seiva e os seus languores indiziveis, ao lado d'uma velha avó, espirituosa e finissima figura do seculo XVIII, de mãos brancas e esguias, de sorriso malicioso, de vivo olhar ironico, philosopha, encyclopedista, amiga de Voltaire, apreciadora de Diderot e Crébillon, e nas horas vagas embebida nas utopias humanitarias d'esse glorioso predecessor das revoluções que se chamava Rousseau.

Mais tarde a estas duas influencias capitaes, a influencia da natureza, das florestas cheias de fremitos e de mysterios, das pradarias envolvidas n'aquella dôce bruma vaporosa dos crepusculos estivos, das paysagens enrubescidas pelas purpuras do poente, das

scenas edyllicas do trafego campestre, que tão deliciosamente haviam de inspiral-a mais tarde; e a outra influencia não menos poderosa, a dos pensadores do seculo precedente, sobretudo a do espirito de Rousseau, vieram juntar-se em resultado da sua estada n'um convento de Paris, uns toques de vago mysticismo, umas indecisas aspirações para uma vida mais perfeita, que em vez de operarem salutar effeito no espirito da que seria mais tarde Georges Sand, mais aggravaram as suas naturaes tendencias para as perigosas espheras da phantazia, para os mundos do enthusiasmo e do mysterio.

Colloquem esta mulher ao pé d'um marido brutal, positivo, absurdamente desdenhoso como todos os tolos, levem ao seu *boudoir* solitario e tristonho os livros venenosos que a litteratura franceza então começava a derramar no mundo, segredem-lhe ao ouvido umas falsas esperanças de entre-sonhados gozos, deem-lhe a par do talento enorme que parecia dever salval-a, a falsa comprehensão da vida e do dever, que foi o maior defeito da sua escola, e os invenciveis ardores do sangue que são a herança fatal de seu glorioso avô, e depois subitamente arrastada ao centro febril da grande revolução romantica, rodeiem-na dos propagadores juvenis e enthusiastas, tanto mais perniciosos quanto mais convencidos de todas as doutrinas subversivas, filhas ligitimas ou filhas bastardas da Revolução, e não se espantem que do conjuncto de todas essas circumstancias fatalmente ligadas surja aquelle producto hybrido, extra-

nho, glorioso e sem sexo que foi a auctora de *Consuelo!*

A critica sã e verdadeiramente philosophica, antes de lavrar a condemnação ou de decretar a apotheose d'essa mulher singular, terá de vêr a esta luz os acontecimentos da sua aventurosa vida, acontecimentos que por assim dizer formaram o seu talento, accentuando-lhe a individualidade e determinando-lhe os limites.

Para nós essa grande figura que desappareceu, resto já transformado e decomposto d'uma explendida quadra quasi extincta, ficará como que symbolisando e personalisando em si as grandezas e desvarios, as curiosidades morbidas, os excessos de imaginação, as forças vivas e incompletas, as generosas aspirações immortaes do romantismo.

Assim como essa escola surgio viva e armada do cerebro escandecente das revoluções, assim o talento d'ella irrompeu subitamente das medonhas tempestades do seu coração; embalaram-na tambem os sonhos radiantes, fecundos e pueris dos reformadores do seculo XVIII; tambem a rebellião natural, n'ella originada pelas injustiças sociaes, pelas escravisões obscuras, pelos martyrios ignorados, a arrastou nos impetos generosos do seu caracter ardente muito mais longe de que ella queria e devia ir.

A natureza revellou-lhe os seus adoraveis e pudicos segredos, mostrou-se-lhe na sua radiosa nudez olympica enchendo-lhe os olhos de luz, o ouvido de sons, a alma de aromas e de côres; o cora-

ção humano entregou-lhe a chave dos seus escaninhos mais escusos.

Pela paixão elevou-se á comprehensão absoluta de todas as paixões, pelo sentimento profundo da vida chegou á mais expressiva reproducção de todas as bellezas e de todos os horrores da materia.

No seu caminho cortado de precipicios e barrancos, vacillou muita vez incerta no fim que se propunha, e como extrema consequencia d'esse vaguear sem norte fixo, veio dar ao cabo das tragicas e apaixonadas luctas ao ponto absolutamente opposto áquelle a que pareciam tender os seus esforços.

É por isso que na obra d'ella ha todas as luminosas scintillações do genio, sem haver aquella claridade placida que deve sobredoiral-o, assim como na sua escola ha os desacertos, vacillações e incertezas dos que tentaram abarcar com o espirito todos os problemas do futuro, sem lograrem por fim resolver nenhum.

Deixemos porém a outros o cuidado de classificarem e collocarem no seu verdadeiro logar a memoria immortal da mulher maior d'este seculo, e choremos nós todos que sabemos sentir sobre o tumulo d'essa Magdalena mais gloriosa e mais sympathica, a quem se deve perdoar muito pelo muito que amou e padeceu.

Junho de 1876.

CASTILHO

JULHO — 1875

Está de lucto a poesia portugueza e é enorme a perda que ella hoje pranteia.

Morreu um poeta, um verdadeiro e consciencioso poeta, phenix rara n'este tempo de prosaismo utilitario, morreu o mestre a cujos conselhos se formou a geração fecunda e forte que soube iniciar o nosso renascimento litterario, apagou-se o candido e luminoso espirito de quem a poesia era o idolo! Idolo incensado com os perfumes inebriantes do paganismo hellenico, idolo ungido pelos balsamos suavissimos do sentimento christão; ora coroado com aquellas vermelhas rosas triumphantes que desabrochavam nos vergeis de Anacreonte, ora vendo a seus pés orvalhadas de lagrimas, as flores pallidas e virginaes que se chamam melancolia e saudade.

Diante d'esse tumulo glorioso callem-se as cole-

ras irreflectidas dos que vivem fallando na *liberdade* e empregando o mais feroz dos despotismos para o triumpho das suas intransigentes doutrinas.

Porque as torrentes indomitas do pensamento humano vencem todas as barreiras, galgam todos os diques, destroem todos os obstaculos, alagam e afundam muita vez as searas já maduras, arrastando nas suas ondas revoltas as perolas e os limos, os elementos que esterelisam e os elementos que fecundam; porque ninguem póde oppôr-se á lei fatal que em dados momentos de vida da humanidade precipita ou retarda as evoluções sociaes, porque é condão inevitavel da ideia o caminhar sempre visto que até os falsos trilhos conduzem, não raro, á estrada verdadeira, nem por isso merece menos respeito ou culto menos profundo o artista convencido, que embellezado n'um ponto ameno e placido da paizagem teima em não seguir as multidões impacientes e febrís, teima em rejeitar a cumplicidade das devastações d'onde ha de levantar-se mais tarde o monumento novo, e gasta uma longa e laboriosa existencia edificando longe das turbas o seu templo correcto e solitario, onde deixa esculpidos em branco marmore todos os delicados primores de um cinzel escrupuloso e magistral.

Na familia eleita mas não vasta dos sêres superiores, nem a todos compete a mesma missão, bem que todas essas missões diversas se encaminhem inalteravelmente para o mesmo fim.

Uns são os pallidos sonhadores das creações que

o vulgo julga impossiveis; esses teem a febre inspiradora, a potencia indomavel, o desvario sublime, a *demencia* sagrada de que nos falla um grande pensador antigo.

São os genios e são os illuminados.

Quando elles chegam ninguem os percebe, apparecem sempre cedo; quando partem deixam um vacuo immenso; não é possivel enchel-o.

Esses homens que se chamam Homero ou Dante, Hugo ou Shakespeare, erguem-se na sua magestade solitaria como grandes marcos milliarios da vida das civilisações.

Um pouco mais longe, em plana menos vertiginosa, pairam outros espiritos cuja missão é igualmente proficua, e em torno dos quaes os homens menos intimidados se agrupam com mais serena confiança.

Se estes não são quasi nunca os innovadores impetuosos, que se atiram aos mares desconhecidos cheios de temeridade e de ambição, tambem raras vezes se encontra n'elles a intransigencia despotica dos que não admittem salvação além dos limites do seu credo.

É infinita a esphera do bello e infinitas são portanto as suas manifestações.

Se são notaveis entre todos os homens os descobridores d'um veio novo e não sabido na mina inexgotavel que se chama — Arte — nem por isso merecem menos applausos os que se devotam convictos ao aproveitamento das riquezas exploradas.

É ao numero, ainda assim restricto, d'estes pri-

vilegiados e formosissimos engenhos que pertencia Antonio Feliciano de Castilho.

Não seria elle talvez o creador d'uma litteratura, mas que potencia organisadora, que amor de harmonia e de correcção plastica, havia n'aquelle bem fadado espirito!

Nascido para a vida das lettras n'uma época de transição e de accerrimo luctar, quando a França pelo enthusiasmo d'uma juvenil e inspirada geração de athletas affirmava explendidamente o triumpho da sua renascença, Castilho não cedeu senão a custo ao prestigio omnipotente da nova escola.

A sua indole poetica affeiçoada de tenros annos pelos modêlos correctos e esculpturaes da litteratura classica, tornava-o como elle proprio o confessa em estylo admiravel na branda e suavissima elegia que tem por titulo a *Chave do Enigma*, amante para sempre apaixonado das antigas musas.

Accusavam-no muitos porque elle que podia ser o iniciador de novas descobertas nos vastos dominios litterarios, se prendia voluntariamente a uma escola vencida, se deixava attrahir de bom grado pelos encantos d'uma litteratura morta.

Accusação absurda no fim de contas.

O artista não tem obrigação de moldar o seu gosto ao gosto d'uma epocha determinada, mas sim de empregar os maximos esforços para attingir a perfeição possivel no genero que escolheu.

E depois ainda que o ameno cantor da *Primavera* deixasse muitas vezes fugir-lhe o espirito enle-

vado atraz da esquiva Galatheia dos salgueiraes mythologicos, ninguem como elle tinha a corda das branduras melancolicas, o sentimento todo moderno que nos foi revellado pelo christianismo.

O que havia n'elle de profundamento caracteristico e singular era esta mesma dualidade do seu engenho.

Quem lhe ouvisse os devaneios ridentes d'um epicurismo ingenuo e doce, quem seguisse com o olhar as suas chymeras de serpentino dorso, quem á musica voluptuosa das suas estrophes d'ouro, sonhasse com o grupo das nymphas esquivas atravessando ao longe as clareiras embranquecidas pelo luar ou a espessura cheia de mysterios e de estremecimentos vagos, imaginava talvez achar-se em frente d'um pagão do seculo aureo, d'um conviva indolente de Mecenas ou de Augusto, d'um amante apaixonado e exclusivo das formas plasticas.

Enganava-se.

Elle era um coração povoado de sonhos candidos, um idolatra da infancia, um apostolo convicto, um evangelisador da religião futura.

Se ás vezes lhe faltava o fogo e a paixão, tinha sempre a graça, a delicadeza, o escrupulo e a correcção artistica.

O monumento que o grande poeta deixa aos vindouros destingue-se sobretudo por estas inimitaveis e raras qualidades.

Foi util e gloriosa a sua obra que tem duas faces distinctas pelas quaes deve ser considerada.

N'uma as producções individuaes do seu vigoroso e robustissimo espirito, n'outra a influencia enorme que elle teve na litteratura da sua terra e do seu tempo, aconselhada, animada, dirigida pela sua inexhaurivel benevolencia, pelo seu apurado gosto, pela sua admiravel intuição do bello.

Muitos dos nossos mais estimaveis escriptores se honravam chamando-lhe mestre, e verdadeiro mestre era elle, que ninguem manejava com mais valentia o difficil e harmonioso instrumento da lingua portugueza, que ninguem aconselhava com mais sisudez as inexperiencias d'um neophyto, que ninguem amava com mais devoção o ingrato sacerdocio das lettras.

A moderna geração não entendia Castilho e com a ousada imprudencia da mocidade, porque o não entendia condemnava-o, porque as não adoptava proclamava como pessimas as suas doutrinas.

E no entanto devia olhar de mais alto o movimento litterario do seu tempo e ter em mais subida conta os elementos preciosos que o elaboraram lentamente.

Assim como Castilho era entre nós o perfeito e ultimo representante da influencia romana na litteratura, e tirava d'ella a disciplina, a severidade, a correcção e a harmonia, assim a geração que hoje trabalha e lucta representa a influencia germanica, quer dizer a liberdade individual, a livre analyse, a independencia e a força.

Um tinha a experiencia das civilisações envelhe-

cidas, a outra tem a febre das exageradas ambições, um tinha por si o passado rico de copioso ensinamento, a outra tem talvez o futuro, mas futuro cuja conquista definifiva ha de aprender a guardar em muitos annos de combate.

Que entre o homem que significava todo o vigor d'uma escola e os juvenis revolucionarios que tentavam succeder-lhe, existissem incompatibilidades e se travasse a lucta, comprehende-se de certo, mas o que se não comprehende é que elles desconhecessem o alto valor da missão conscenciosamente cumprida pelo grande poeta, e que só consentissem em respeital-o sob a condição de elle se confessar convertido, do alto dos seus setenta annos de trabalho e de meditação, ao novo credo cuja definição está ainda incompleta mesmo para os seus mais apaixonados adeptos.

Esqueçamos porém as pugnas nem sempre cortezes diante d'essa memoria veneravel e querida.

N'este momento quem ousará ser adversario do lucido espirito que se abysmou para sempre nas regiões mysteriosas d'onde se não volta?

Elle que tanto amava a natureza com a singela poesia d'uma alma infantil e crente, elle o sonhador chimerico de tantas utopias radiosas, tem direito a que sobre o seu tumulo as arvores murmurem o hymno indistincto e melancolico, e os homens se recolham na respeitosa mudez da devoção.

Castilho deixa uma lacuna immensa na litteratura nacional, e todos os que sentem pulsar no co-

ração algum affecto por esta pobre terra, chorarão de certo esse obreiro incansavel que a morte veio prostrar antes de finda a tarefa gloriosa.

Outros aquilatarão com voz auctorisada a valia d'este talento prodigioso e singular, que se manifestou por tão varias maneiras e em todas conquistou tão merecidos louros, eu não venho mais do que unir a minha voz humilde ás vozes que lamentam estar perda insubstituivel, e ajoelhar-me piedosamente á beira d'esse tumulo a que me prenderá até á morte um reconhecimento infinito, uma funda saudade, uma sentida e ineffavel recordação.

FIM.

INDICE

	Pag.
Um justo	5
Alice	25
A engeitada	93
A mulher antiga e a mulher christã	197
A actriz	207
Madame de Sevigné	213
Á morte de Georges Sand	221
Castilho	229

$$\frac{\sigma}{\sqrt{3}}$$

por 1.

i